



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

POR ENTRE OS MUROS: INTERAÇÕES SOCIAIS DE
JOVENS RURAIS NA ESCOLA

MARIA DAS NEVES RODRIGUES ALBUQUERQUE

Orientadora: Profa. Dra. Marilda Aparecida de Menezes

Campina Grande – PB

2008



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

POR ENTRE OS MUROS: INTERAÇÕES SOCIAIS DE
JOVENS RURAIS NA ESCOLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção do grau de mestre.

MARIA DAS NEVES RODRIGUES ALBUQUERQUE

Orientadora: Profa. Dra. Marilda Aparecida de Menezes

Campina Grande – PB

2008



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

POBULAÇÃO RURAL: INTERAÇÕES SOCIAIS DE

JOVENS RURAIS NA ESCOLA

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCC

A345p

2008 Albuquerque, Maria das Neves Rodrigues.

Por entre os muros: interações sociais de jovens rurais na escola / Maria das Neves Rodrigues Albuquerque. — Campina Grande, 2008.

155f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

Referências.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marilda Aparecida de Menezes.

1. Jovens Rurais. 2. Sensoriamento Escola. 3. Interações Sociais. 4. Socialização Primária. 5. Estado da Paraíba. I. Título.

CDU—316.472.42-053.6(81)

Campina Grande - PB

2008

Dissertação apresentada em: 23/06/2008.

BANCA EXAMINADORA:

**Profa. Dra. Marilda Aparecida de Menezes
(Orientadora)**

**Prof. Dr. Luís Henrique Cunha
(Examinador interno)**

**Profa. Dra. Maria Augusta Gonçalves de Macedo Reinaldo
(Examinadora externa)**

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Que na Sua infinita bondade esteve presente em cada segundo da minha trajetória educacional, durante esse Curso, abençoando-me com saúde e colocando as pessoas certas no meu caminho, que como anjos me incentivaram nos momentos mais difíceis.

Aos meus professores, Dr. Lemuel Guerra Dourado e Dr. Luís Henrique Cunha,

Sou eternamente grata, pois acreditaram em mim antes mesmo de ser aluna do Mestrado, meus maiores incentivadores a continuar na vida acadêmica.

Aos integrantes do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS-UFCG),

Que me atenderam sempre que precisei.

Professores, secretário e coordenadores, muito obrigada.

Aos examinadores Dr. Luís Henrique Cunha e Dr. Márcio Caniello,

Que participaram de minha qualificação, leram atentamente meu texto, teceram questionamentos e críticas e contribuíram com sugestões valiosas para esse trabalho. Vocês foram muito importantes nessa empreitada.

Ao Grupo de Pesquisa “Juventude: trabalho, migrações e movimentos sociais”,

Pelo convívio prazeroso e as trocas de experiências.

Ao Secretário de Educação do município de Queimadas, Gutemberg Germano,

Por me liberar das minhas atividades profissionais durante o período em que estive cursando o Mestrado, fornecendo-me uma ajuda de custo para despesas com transporte.

À equipe de funcionários da Escola Francisco de Assis Maciel Lopes, porteiros, pessoal da limpeza, bibliotecárias, secretárias, professores, diretora adjunta e o diretor,

Que me receberam com carinho e respeito, ajudando-me com as informações necessárias. Obrigada pelas gentilezas, os carinhos e a boa vontade que tiveram comigo durante todo o período de pesquisa na instituição.

Aos jovens da 2ª Série do Ensino Médio manhã e tarde da escola,

Que conviveram comigo sem qualquer cerimônia, permitindo-me participar intimamente de suas vidas na sala de aula, no ginásio esportivo, no passeio e em suas casas, sem nenhum preconceito de idade ou de gênero. Em especial Lenilson, Taise e Cláudio, meu informante mais dedicado.

Sou grata a cada um e às suas famílias.

Ao professor de Português, Gilson,

Que além de me aturar em sala de aula durante a etnografia, ajudou-me, por várias vezes, lendo esse trabalho, fazendo as correções do texto.

Obrigada por tudo.

À minha família:

Aos meus pais, porque, embora com pouca escolaridade, ensinaram-me a valorizar os estudos;

Às minhas filhas, que me ajudaram na busca dos dados de pesquisa e nas tarefas de casa, especialmente Carla que tantas noites contribuiu digitando o texto e sacrificou dias acompanhando-me para filmagem do vídeo prometido aos jovens como brinde de final do ano letivo, já que eles iam deixar a escola.

Ao meu esposo, que apesar dos problemas pessoais existentes na nossa convivência, não se negou a conduzir-me de carro nas visitas a zona rural e suportou minhas ausências por todos esses anos em que estive na academia.

Aos meus irmãos e minhas cunhadas, que torceram por mim em todas as minhas conquistas.

Ao meu sobrinho Sérgio, que contribuiu com os desenhos da escola e em todos os momentos dessa pesquisa.

Esse título não é só meu, é de cada um de vocês que também sofreram todos esses anos, sabendo que eu por várias noites fiquei sem dormir em função desse trabalho.

A todos minha eterna gratidão.

E a todas as pessoas que participaram de minha história, de uma forma ou de outra, contribuindo com carinho, críticas e elogios, ajudando-me a crescer humana e intelectualmente, muito obrigada.

Enfim, a uma pessoa que ocupa um lugar muito especial em minha vida acadêmica, **minha orientadora, a professora Marilda Aparecida de Menezes**, pois durante as disciplinas em que foi minha professora e nesses anos de orientação foi compreensiva com os meus conflitos, quando tantas vezes se misturaram em meu texto ciência e senso comum, escolhendo as palavras para não me desestimular e orientando bibliografias para ler e construir meu próprio conhecimento.

Pela atenção, carinho, dedicação e paciência, obrigada.

Você foi importante na minha caminhada.

Ao CNPq,

Pelo apoio financeiro através do Edital Universal MCT/CNPq 02/2006 ao Projeto de Pesquisa 'Juventudes Rurais do Nordeste: trabalho, migrações e movimentos sociais', coordenado pela Profa.Dra. Marilda A. Menezes.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo observar e analisar as formas de interações sociais dos jovens rurais em escola urbana. O *locus* da pesquisa foi a Escola de Ensino Fundamental Francisco de Assis Maciel Lopes – O Assisã, Queimadas Estado da Paraíba, e os sujeitos da pesquisa foram os jovens rurais da 2ª Série do Ensino Médio, turno da manhã. O estudo foi elaborado através do método etnográfico, observando as interações entre os alunos nos momentos do recreio e nas aulas vagas, e nos horários de aula. Realizamos, também, entrevistas semi-estruturadas e questionários com os pais dos jovens e com os jovens rurais escolhidos de acordo com a proximidade da residência à BR-104, devido à facilidade de acesso e transporte. A pesquisa documental na secretaria da escola possibilitou-nos o acesso às informações sobre a instituição e sobre os estudantes. Utilizamos os conceitos de *habitus* e *capital cultural* de Bourdieu (2001; 2002; 2004a; 2004b), de *socialização primária* de Berger (1974) e de *interação, região de fundo e região de fachada e fachada pessoal* de Goffman (1985) para interpretar o material coletado. Chegamos à conclusão de que os jovens rurais, estudantes da 2ª série do ensino médio na escola em referência, almejam concluir, no mínimo, o ensino médio, ter acesso a trabalho e mercadorias do mundo globalizado. Observamos que a escola é valorizada não apenas como uma instituição para o aprendizado, mas também como espaço de sociabilidade. Entretanto, a imagem elaborada pelos professores e direção da escola de que o jovem rural na escola é interativo, solidário, interessado nos estudos e obediente, pode ser explicada pelos processos de socialização da família no meio rural, o que, em termos de Bourdieu, pode ser compreendido como o *habitus* dos jovens rurais.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens rurais; escola; interações sociais; habitus; socialização primária; Estado da Paraíba.

ABSTRACT

This work aims to observe and analyze the forms of social interactions among rural youth in urban school. The research was done in the Francisco de Assis Maciel Lopes Primary School – O Assissão, in the municipality of Queimadas, State of Paraíba, the research subjects were the rural youth in the second year of Secondary School, morning session. The study is constructed through the ethnographical method, observing the interactions between the students in the school spaces during breaks, off-classes time and in the classrooms of the second year. We have also done semi-structured interviews and questionnaires with the young people and their fathers and mothers who live near to the BT-104 road, because the access and transport. The documents were collected in the school secretary and allowed us to access informations on the institution and the students. We draw on the concepts of habitus, cultural capital of Bourdieu (2001; 2002; 2004a; 2004b), primary socialization of Berger (1974) and interaction, background region, front region, personal appearance of Goffmann (1985), to interpret the material collected by the methodological instruments. We concluded that the rural youth, who study in the second year of the High School in reference, desire to conclude, at least, the high school, to have access to work and goods of the globalized world. We observed that school is not considered a valuable place only as a learning institution, but as a sociability space, too. Meantime, the image constructed by the teachers and school direction about the rural students in the school that they are interactive, obedient and inclined on studying can be explained by the socialization process in the rural area. In Bourdieu' words, this can be interpreted as the habitus of the rural youth.

Key words: rural youth, school, social interactions, habitus, primary socialization, state of Paraíba.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Nível Educacional da População de 07 a 24 Anos em Queimadas – 1991/2000.....	29
Quadro 2: Número de Aprovados, Reprovados, Evadidos e Transferidos dos Anos de 2000, 2005, 2006 e 2007	30
Quadro 3: Nível Educacional dos Pais dos Alunos da 2ª Série do Ensino Médio da Escola O Assisão	61
Quadro 4: Atividades Praticadas pelos Alunos da 2ª Série do Ensino Médio da Escola O Assisão Junto à Família	63
Quadro 5: Médias Anuais dos Jovens Rurais de Melhor Coeficiente: 2ª Série do ensino Médio	119

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A Cidade de Queimadas no Mapa da Paraíba	28
Figura 2: Vista Aérea do “Assisão”	73
Figura 3: Encerramento do Noitário de Maio na Vila	74
Figura 4: Fachada da Escola	76
Figura 5: Planta-Rasa da Escola “O Assisão”	77
Figura 6: Pátio Coberto da Escola “O Assisão”	81
Figura 7: Aluna Vendedora de Jóias na Hora do Recreio	87
Figura 8: Sala da Diretoria no Horário do Recreio	88
Figura 9: Venda de Lanche no Portão da Escola no Recreio e Bate-Papos nos Bancos de Cimento entre Amigos	88
Figura 10: Professores de Matemática (de Boné Vermelho e de Camiseta Branca) e de Geografia (Boné Bege) Interagindo com Alunos na Hora do recreio.....	91
Figura 11: Casais de Namorados na Hora do Recreio	94
Figura 12: Crianças na Hora do Recreio	96
Figura 13: Alunos Brincando com Um Sagüi e à Direita Duas Alunas Afastadas do Grupo para Tirar Fotos	105
Figura 14: Alunos da 2ª Série do Ensino Médio no Bar do Chifre – Areia (PB)	105

Figura 15: Professora de História (de Costas) e Outros Professores da Turma em Meio aos Alunos	106
Figura 16: Adriana (de Casaco Branco) Tirando Fotos com seu Celular	107
Figura 17: Distribuição dos Grupos de Alunos na Sala de Aula	108
Figura 18: Lenilson Ajudando Uma Colega da 1ª Série do Ensino Médio e Estudando com o Colega de Sala	121

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. DISCUTINDO O CONCEITO DE JUVENTUDE	19
1.1. Sobre o conceito de juventude	19
1.2. Considerações sobre a categoria jovem rural	22
1.3. O jovem rural no município de Queimadas – PB	26
1.4. Economia.....	27
1.5. Educação: jovens rurais continuam evadindo	27
1.6. Algumas considerações sobre juventude e escola	31
2. OS JOVENS RURAIS, A FAMÍLIA E O TRABALHO	40
2.1. Jovens rurais: a importância do trabalho no processo de socialização	41
2.2. A formação do habitus do jovem rural	46
2.3. A família e a valorização da educação escolar	59
3. A ESCOLA COMO ESPAÇO DE INTERAÇÃO SOCIAL: O TEMPO SEM AULA.....	67
3.1. Referencial teórico	67
3.2. “O Assisão”: aspectos históricos, geográficos, políticos e sociais.....	72
3.2.1. “O Assisão”: aspectos históricos.	75
3.2.2. Estrutura física.	77
3.2.3. Situação de funcionamento da escola.	78
3.2.4. Eventos pedagógicos e festivos na escola.	79
3.2.5. Distribuição do cenário escolar.	81
3.2.6. A dimensão simbólica da escola: as portas e os portões	83
3.2.7. Outros significados: a escola é boa para namorar, conversar e fazer amigos.....	85
3.2.8. O recreio	86
3.2.9. Os namoros	93

3.3. As crianças: o comportamento esperado	95
4. INTERAÇÕES ENTRE PROFESSORES E ALUNOS/ALUNAS NO COTIDIANO DE SALA DE AULA: A TURMA DA 2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO	99
4.1. A turma da 2ª série do ensino médio	100
4.2. A 2ª série do ensino médio em aula de campo: interagindo escola e comunidade.....	103
4.3. As interações em sala de aula	108
4.3.1. Interação professor-aluno: o professor ideal na concepção dos jovens rurais.....	109
4.3.2. O aluno de melhor coeficiente em sala de aula	116
4.3.3. A “cola”: solidariedade, reciprocidade e silêncio	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	130
ANEXOS	138
Anexo I – Questionário Aberto I	139
Anexo II – Roteiro das Entrevistas com os Jovens	140
Anexo III - Roteiro das Entrevistas com os Pais	140
Anexo IV – Questionário Aberto II	141
Anexo V – Perfil dos Pais	142
Anexo VI – Entrevista aos Pais	144
Anexo VII – Poemas	152

INTRODUÇÃO

Até a década de 1980 a instituição escolar era pensada nos marcos das análises macro-estruturais, englobadas, de um lado, nas “teorias funcionalistas” (Durkheim, Talcott Parsons, entre outros) e, de outro, nas “teorias de reprodução” (Bourdieu e Passeron, entre outros). Essas abordagens expõem a força das macroestruturas na determinação da instituição escolar, ou seja, analisam os efeitos produzidos na escola pelas principais estruturas de relações sociais que caracterizam a sociedade capitalista, definindo a estrutura escolar e exercendo influências sobre o comportamento dos sujeitos sociais nela atuantes (DAYRELL, 2006). A partir de 1980 um novo olhar é lançado pelos pesquisadores sobre a escola. De 1980 a 1998, os estudantes de ensino fundamental, médio e universitário foram temas em 387 dissertações e teses. Nessas, o aluno é compreendido como sujeito ativo dentro da instituição. As ênfases estiveram centradas na Sociologia e Psicologia da Educação, nos seguintes temas: Jovem, trabalho e escola 20,7%; Aspectos psicossociais de adolescentes 19,7%; Adolescentes em processo de exclusão social 16,6%; Estudantes e jovens universitários 14%; Juventude e escola 13%; Jovens e participação política 5,9%; Mídia e juventude 3,4%; Jovens e violência 2,8%; Grupos juvenis 2,1%; outros 0,8% (SPOSITO, 2000). Entre os trabalhos, oitenta contemplaram a relação entre jovem trabalhador e a escola. A conclusão dos pesquisadores é que há distorções entre currículo/metodologia de ensino e a realidade do jovem que trabalha, pois, ao desconsiderar as particularidades desses jovens, a escola produz evasão, repetência e abandono, principalmente a partir dos dezoito anos (CARROCHANO, 2000), e quarenta e cinco dissertações e cinco teses dedicam-se ao tema *juventude e escola* com o foco centrado na instituição escolar, analisando-a do ponto de vista dos alunos, apreendidos através das mais diferentes expressões, como os seus discursos, suas concepções, seus comportamentos e atitudes. Poucos desses trabalhos foram realizados com jovens da zona rural (DAYRELL, 2000).

No entanto, afirma Dayrell (2000), que precisamos avançar na compreensão da juventude e das suas relações com a escola, elaborar estudos que centrem as atenções nos jovens reais considerando as “especificidades de sua idade, de sua condição humana, de gênero, de cultura e sociabilidades, situando esses processos nas determinações estruturais que produzem várias formas de ser jovem” (DAYRELL, 2000, p. 91). Nesse sentido o autor propõe analisar a escola como espaço sócio – cultural (DAYRELL, 2006). Para tanto

seria necessário uma aproximação de campos de saber, uma convergência de dúvidas e de perguntas e uma franca interação de descobertas e de teorias (BRANDÃO, 2007).

Trabalhos na área das Ciências Sociais nos finais da década de 90 e início da década de 2000 preenchem parte das lacunas no que diz respeito aos temas e as áreas de pesquisa. Vários autores elaboraram trabalhos discutindo as especificidades da construção da categoria jovem rural, suas dificuldades econômicas, as questões de gênero e educação, intermediando diversas áreas do conhecimento, como indicado por Brandão. Entre eles destacamos Abramovay (1999); Carneiro (1998); Castro (2005); Menezes (2002, 2004, 2006); Stropasolas (2006); Silva (2006); Silva (2004); Wanderley (2006); Weisheimer (2004). Porém na bibliografia revisada a que tive acesso, há lacunas quanto a estudos etnográficos que privilegiem as interações dos jovens rurais na escola.

Este trabalho sobre as interações sociais de jovens rurais em escola pretende preencher essa lacuna. Em primeiro lugar, porque é uma faixa de idade que está em evidência na academia. Em segundo, porque em pleno contexto de discussão da qualidade do ensino no país, compreendemos que é necessário ouvir os jovens, conviver com eles para saber os significados da escola para os mesmos na atualidade e o que fazer para melhorá-la.

Interessa-me saber como os jovens rurais interagem dentro do espaço escolar com seus colegas, professores, funcionários e direção, e como o habitus adquirido durante a socialização primária contribui para serem mais interativos, esforçados, interessados e fáceis de conduzir, segundo representação dos professores e direção da escola.

Como professora, observei várias vezes nas salas dos professores, nos encontros pedagógicos e até nos momentos festivos da escola, os discursos dos professores reclamando das dificuldades em ensinar os alunos da zona urbana e da facilidade em trabalhar com os alunos da zona rural. Segundo eles, a maneira de agir, principalmente dos jovens, é devido a uma educação rígida no contexto familiar, pois no campo a convivência entre pais e filhos ainda permanece bem próximas. A passividade dos jovens rurais na escola é vista pelo corpo docente de forma positiva, facilitando o processo ensino-aprendizagem.

Interessou-me observar e analisar os tipos de interações sociais dos jovens na escola e como o habitus incorporado no espaço de socialização primária influencia suas maneiras de pensar e agir. Desconfiava que o discurso dos professores pudesse estar camuflando importantes problemas educacionais, já que partilho da idéia, de que o conflito é positivo,

ajudando a refletir como melhorar a instituição em termos de metodologia de ensino e de relacionamentos pessoais dentro dela.

Trabalhamos em dois *locus*: a escola e o meio rural. O ponto de partida foi a etnografia na Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco de Assis Maciel Lopes – O Assisã, na cidade de Queimadas, Estado da Paraíba, nos turnos da manhã e tarde. Essa metodologia inicial possibilitou-nos conhecimento, convivência e familiarização com os jovens (MALINOWSKI, 1978), tendo em vista que o espaço para nós não era exótico (MATTA, 1978; VELHO, 1978), mas não conhecíamos os jovens com os quais iríamos desenvolver o trabalho de pesquisa.

A etnografia na escola durou do início de maio ao início de dezembro de 2007, todas as terças, quartas e quintas-feiras e em outros dias, em casos de programação especial, como no passeio a Areia, que se realizou em um sábado. De maio a início de julho, freqüentamos a escola nos horários da manhã e tarde. Nessas visitas elaboramos cinquenta e nove questionários com os jovens (no final de maio) e trinta e oito com os pais dos jovens (em fins de julho). Na aplicação desses últimos contamos com a ajuda dos jovens e do professor de Português que ofereceu 1,0 (um) ponto àqueles que efetuassem a devolução sem exceder a data determinada. O objetivo dos questionários era ter acesso a dados pessoais da família, o que iria facilitar o meu contato face a face nos momentos das entrevistas.

No mesmo período (de maio a dezembro de 2007) enquanto todas as turmas estavam em aula, assistíamos às aulas na sala da 2ª série do ensino médio e à tarde (em maio e junho de 2007). Nesse período, participamos, também, de aulas de educação física no ginásio de esportes, da festa junina, de bate-papos com jovens na sala, nas aulas vagas e no pátio durante o recreio. O objetivo era perceber como interação entre todos os alunos e entre esses e os professores.

Participamos também de reuniões de pais e mestres (de 15 a 20 de outubro), de professores (Duas no mês de setembro). De discussões entre educadores e alunos no pátio, na hora do recreio e aulas vagas, e entre docentes na sala dos professores, nesses mesmos horários. Na sala da diretoria observamos diariamente momentos de interação entre a direção e o alunado. Queríamos saber como eram as relações entre o poder instituído, de um lado, e os alunos do outro. Observamos também, no recreio, como são as interações entre os alunos e os temas e brincadeiras mais constantes.

Aos domingos e feriados, a partir da segunda semana de julho, iniciamos as visitas às famílias, que já conheciam a pesquisadora através dos filhos. Os pais foram receptivos às nossas visitas, todos demonstraram interesse em contribuir com a pesquisa. Expressaram acreditar que a pesquisadora poderia dar voz aos seus problemas, trazendo a público suas necessidades e carências, silenciadas muitas vezes pela própria dificuldade em articular as palavras, foi o que presenciamos durante eventos como reuniões de pais na escola. Foram dez visitas no total, seis na zona rural e quatro na zona urbana, sempre com o cuidado de utilizar nas entrevistas uma linguagem simples, para não dificultar a compreensão do interlocutor e não embaracá-lo (BOURDIEU, 1997), preferindo algumas surpresas para evitar a montagem de um cenário e poder observar a realidade dos jovens menos maquiada (GOFFMAN, 1985).

Devido à complexidade do tema escolhido e à falta de estudos com essas características, optamos por fazer um levantamento bibliográfico sobre o conceito de juventude e *juventude rural*, e depois, acerca do tema *juventude-escola nas áreas da educação*, com aportes sociológicos e antropológicos, principalmente com os enfoques voltados para questão do jovem trabalhador que estuda. Não foi possível a utilização de um referencial teórico único. Tentamos elaborar a análise amparada por alguns conceitos do interacionismo simbólico, especialmente *interação, papel social* de Goffman (1985), os conceitos de *habitus* e *capital cultural* de Bourdieu (2001; 2002; 2004a; 2004b), e *socialização primária* de Berger (1974).

No texto, utilizamos a categoria campo e cidade para nos referirmos à zona rural e à zona urbana. Quando fizermos menção à fala dos entrevistados, enfatizaremos a categoria sítio, como denominado pelos jovens e suas famílias. Sítio será utilizado de acordo com a concepção de Heredia (1979), “pequena produção em oposição à fazenda, engenho e granja, ou a extensão total englobada por cada uma das famílias produtoras, incluindo nessa denominação a casa e a parcela de terra que se dispõe para o cultivo, o roçado” (HEREDIA, 1979, pp.36-37). A categoria trabalho é compreendida como um valor e um princípio de socialização de crianças e jovens no meio rural. O trabalho dos jovens tem o significado de ajuda e dever, pois não é remunerado, com raras exceções, e não absorve o tempo de estudo e de lazer dos mesmos. O conceito de família nesse trabalho é utilizado na perspectiva de ser um espaço indispensável para o desenvolvimento e a proteção integral dos filhos e demais membros, independente do tipo de arranjo familiar, e como instituição capaz de exercer papel decisivo na educação formal ou informal, na transmissão de valores

éticos e humanitários, onde se aprofundam os laços de solidariedade e se constroem as marcas entre as gerações e são observados os valores culturais (KALOUSTIAN, 1994).

A partir deste estudo acredito que os jovens rurais do ensino médio da escola “o Assisão” são influenciados pelo *habitus* incorporados na socialização primária representados na linguagem, na simplicidade, na humildade, na capacidade de solidariedade e na animação para participar das atividades escolares sem demonstrar cansaço. No entanto, o *habitus* facilita nas interações face a face, mas atrapalha o sucesso escolar dos jovens à medida que interfere na sua capacidade de aprendizagem, pois não há coerência entre o *habitus* do jovem rural, seus projetos para o futuro e os objetivos da escola.

O objetivo da pesquisa era analisar as interações dos jovens rurais na escola para compreendê-la como espaço de aprendizagem e sociabilidades. Como também, analisar a construção do *habitus* incorporado na socialização primária através da representação dos pais e dos jovens e as formas de interação no tempo sem aula. Respondemos as seguintes perguntas: Qual a concepção de juventude neste trabalho? Quais as práticas que orientam o *habitus* do jovem rural? O *habitus* incorporado na socialização primária influencia as formas de interação dos jovens na escola? Como são os jovens rurais no cotidiano escolar? Que redes constroem quando estão em grupo dentro da escola?

O trabalho está organizado em quatro capítulos, esta apresentação e as considerações finais. O primeiro capítulo, intitulado *Discutindo o conceito de juventude e as implicações sociais e econômicas a essa faixa de idade nos setores rural e educacional*, apresenta uma retrospectiva dos trabalhos que discutem as especificidades da construção da categoria juventude e juventude rural, fazendo uma aproximação aos jovens de Queimadas; como também os trabalhos na área da educação, com aportes sociológicos, antropológicos e específicos das Ciências Sociais, elaborados nas décadas de sessenta, oitenta, noventa e na atualidade.

No segundo capítulo, *Os jovens rurais, a família e o trabalho*, fazemos um levantamento do perfil dos alunos e das suas famílias, demonstrando como os jovens rurais incorporam o *habitus* de seu grupo no espaço de socialização da família.

No terceiro capítulo, *A escola como espaço de interação social: o tempo sem aula*, analisamos as formas de organização dos grupos de interação em espaços e horários em que todos podem interagir sem restrições de mobilidade no espaço escolar, infringir algumas regras ou até se ausentar para resolver assuntos urgentes no centro da cidade.

Fazemos uma introdução ao interacionismo simbólico e uma contextualização da escola “O Assisão”.

No quarto capítulo, *Interações sociais entre professores e alunos/alunas no cotidiano de sala de aula: a turma da 2ª série do Ensino Médio*, o foco está centrado nos tipos de interações existentes entre professores e jovens e entre colegas de turma. O conceito de interação de Goffman foi importante para analisarmos os dados deste capítulo.

**DISCUTINDO O CONCEITO DE JUVENTUDE E AS IMPLICAÇÕES
SOCIAIS E ECONÔMICAS INERENTES A ESSA FAIXA DE IDADE
NOS SETORES RURAL E EDUCACIONAL**

Enquanto estou me firmando
Envolto em mil discussões
Para alguns sou salvadora
Para outros transgressões

Para uns sou só palavras
Sou indeterminação
Dependência, ambigüidade,
Sou marginalização¹.

Uma das maiores inquietações nas Ciências Sociais em relação à categoria *juventude* é a delimitação por faixa de idade. A grande questão diz respeito à possibilidade de classificar em uma faixa de idade pessoas de realidades socioeconômicas, políticas e culturais diversificadas. A complexidade do tema envolve também a questão dos espaços rural e urbano. É possível, diante do processo de globalização, dos meios de transporte, do acesso às tecnologias, falar de juventude rural e juventude urbana? Este capítulo se dedica a discutir os conceitos de juventude e juventude rural, e alguns trabalhos envolvendo o jovem trabalhador e educação, como também uma aproximação à juventude rural de Queimadas, Estado da Paraíba.

1.1 Sobre o conceito de juventude

Os estudos que envolvem o tema *juventude* não são recentes. Segundo análise de Campos (1994), desde que a história vem sendo registrada, pais, educadores, filósofos,

¹ Estrofes do poema n.º 01, p. 152.

cientistas sociais e clínicos têm-se preocupado com problemas da juventude, sendo uma das questões cruciais a delimitação do seu período de duração. Segundo Becker (1995), essa preocupação ocorreu principalmente depois da ascensão da burguesia como classe dominante e das mudanças na estrutura escolar com o surgimento da formação primária e secundária. A questão é responder: “quem faz parte da categoria *juventude*?”.

Alguns órgãos consideram juventude de acordo com a faixa etária. Segundo a interpretação de Weisheimer (2004), a Organização Mundial da Saúde define adolescência como um processo fundamentalmente biológico que abrange as etapas da pré-adolescência (10-14 anos) e a adolescência (15-19 anos). A Organização Ibero-Americana de Juventude (OIJ, 1994) e a Organização Internacional da Juventude (UNESCO, 1997) usam faixa etária entre 15 e 20 anos. No Brasil a abordagem demográfica do IBGE classifica como “grupo jovem” os que estão entre 15 e 24 anos em três recortes etários: 15-17 anos como jovens adolescentes; 18-20 anos, os jovens-jovens; 21-24 anos como jovens adultos. Já de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (LEI 8.069, DE 15/7/1990) o adolescente encontra-se na faixa de 12 a 18 anos.

Para a Sociologia, a delimitação por faixa etária é arbitrária. Interessa saber como tais limites são socialmente construídos, e como o pertencimento a um grupo de idade transforma-se em critério definidor de papéis sociais específicos (WEISHEIMER, 2004, pg. 76). Por isso devemos ser cuidadosos ao fazer o recorte da categoria por faixa de idade, porque as condições socioeconômicas e culturais são importantes para compreender os jovens.

Nessa perspectiva, Bourdieu (1983) afirma que a juventude e a velhice não são dadas, mas construídas socialmente na luta entre os jovens e os velhos, e que as relações entre idade social e idade biológica são muito complexas: segundo o autor, a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e “o fato de falar dos jovens como se fosse uma unidade social, um grupo constituído dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente” (BOURDIEU, 1983, p. 113).

Assim, a idade biológica não é um critério suficiente para definir juventude sociologicamente. Alguns jovens, por exemplo, seja do campo ou da cidade, muitas vezes pulam essa fase. Muitos, ainda criança, trabalham ou cuidam dos seus irmãos mais novos e das responsabilidades de casa, para que os pais possam trabalhar. É caso recorrente no

meio rural brasileiro os jovens aos 14 ou 15 anos assumirem o lugar de chefe de família, casar, ter filhos e abandonar a escola (CARNEIRO, 2005, p. 244).

A realidade social e cultural também é levada em consideração por Groppo (2000) para definir juventude. Para o autor:

[...] ao ser definida como categoria social a juventude torna-se ao mesmo tempo, uma representação sociocultural e uma situação social. Ou seja, a juventude é uma concepção, uma representação social ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens. (GROPPO, 2000. p. 7)

Na mesma perspectiva de Bourdieu (1983) e Groppo (2000), para Mannheim (1968), é preciso pensar juventude e sociedade em termos de reciprocidade total, ou seja, não mais formulando as necessidades da juventude de modo abstrato, mas sempre com relação às necessidades e finalidades de uma dada sociedade.

Weisheimer (2004) segue o mesmo raciocínio. Para ele, o início e o término da juventude acontecem de forma flexível, que varia conforme diferentes sociedades e culturas. No Ocidente, o início da juventude está vinculado ao surgimento da puberdade, a um novo porte físico e novas exigências de disciplina dos corpos - questões que remetem fundamentalmente à incorporação de novos papéis sociais, como a distinção entre gêneros. O término da condição juvenil está ligado à conjugação de responsabilidades produtivas (um *status* profissional estável), conjugais (um parceiro sexual estável assumido como cônjuge), domésticas (sustento de um domicílio autônomo) e paternais (designação de uma prole dependente) (WEISHEIMER, 2004, p.78).

No Brasil, segundo Abramo (1994), a preocupação com a juventude situa-se no processo de modernidade dos anos 50.

A tese é a de que a configuração da condição juvenil está vinculada ao processo de modernização social ocorrido no ciclo de transformações estruturais desencadeado no período posterior a Segunda Guerra Mundial. [...] foram os jovens, mais do que outras faixas etárias, que mais facilmente puderam se incorporar às novas ocupações e situações abertas por essa modernização. “Beneficiados” pelo aumento da oferta educacional, com maior disponibilidade para migrar do meio rural para o urbano, socializados pela escola e pelos meios de comunicação para

“participar das relações sociais e simbólicas do mundo moderno”, os jovens configuram um grupo social com especial “capacidade de mobilidade ascendente, e de assimilação dos novos valores culturais e comportamentos sociais”. (ABRAMO, 1994, p. 22)

Os jovens rurais da nossa pesquisa dão uma grande contribuição para o acesso dos pais aos produtos da modernidade, principalmente na movimentação de contas bancárias e informações em geral, como veremos no capítulo 3.

Nas décadas de 1960, 1970 e 1980, o interesse da sociologia foi mais direcionado para o papel da juventude como agente político, sua capacidade de desenvolver uma postura crítica e transformadora da ordem vigente. Trabalhos foram elaborados sobre a rebeldia juvenil, conflitos familiares, lazer e cultura, comportamento, formação de estilos e movimentos culturais juvenis (ABRAMO, 1994, pp.28-53).

Juventude, para o grupo pesquisado, é um período de contradições, por um lado é um período dos sonhos, da alegria, do prazer intenso, como disse a maioria dos jovens entrevistados “é tempo de gozar a vida e ser feliz”. Por outro, é o período certo para estudar, trabalhar, “de escolher uma profissão”, como afirmaram os jovens. Essa fase da vida é muito importante para os jovens da zona rural por dois motivos principais: primeiro para construir alguma fonte de renda permanente, terra e animais, o que conseguem através do trabalho na agricultura, criação de animais e/ou atividades extra-agrícola através das quais proporcionam a manutenção da família e guardam uma parte; segundo porque é necessário correr contra o tempo quando o assunto é educação, porque é importante concluir o ensino médio até os 18 anos de idade, grau de escolaridade mínimo exigido para empregos almejados por eles.

Para uma melhor compreensão da situação do jovem rural nos anos 90 e 2000, nosso foco estará voltado para as discussões em torno da categoria jovem rural e jovem trabalhador que estuda.

1.2 Considerações sobre a categoria jovem rural

Segundo Maria José Carneiro (2005), vista pela ótica do trabalho, a “juventude rural” – categoria fluida, imprecisa, variável e extremamente heterogênea – permanece na

invisibilidade quanto a sua participação nas demais esferas da vida social, dificultando, assim, a compreensão de sua complexa inserção num mundo culturalmente globalizado.

Em leitura de Durston² (1994), Carneiro afirma que:

Essa invisibilidade decorre de um estereótipo baseado em uma visão urbana da noção de juventude sustentada na percepção da existência de um espaço cultural propriamente juvenil e do adiantamento das responsabilidades e dos papéis dos adultos. Como no campo o jovem normalmente precisa trabalhar para sobreviver ao alcançar 15 anos e às vezes assume o papel de chefe de família, é casado, tem filho e não estuda, “parece legítimo supor que sua juventude terminou antes de começar”, cabendo a pergunta “existe juventude rural na América Latina?”. (CARNEIRO, 2005, p. 244)

Essa declaração indica uma propensão a padronizar a juventude. Cabe dizer que os dados de nossa pesquisa confirmam que também os jovens rurais estão demorando mais para se casar, estão estudando mais, desejando uma melhor qualidade de vida presente e futura. A juventude para eles está ligada também a um estado de corpo e de espírito. Ou seja, eles encontram em meio ao trabalho duro – pois é o momento em que contribuem mais para as tarefas pesadas, devido à sua força física – tempo e formas para se divertirem e serem alegres e felizes, características tão associadas a essa fase da vida. Percebemos que em meio às particularidades do espaço onde habitam, os jovens rurais vivenciam as mesmas inquietações de qualquer jovem em qualquer lugar do mundo, tais como: desemprego; falta de oportunidade para ingresso no mercado de trabalho; as dúvidas quanto a escolha profissional; os conflitos, por estarem em uma fase da vida na qual são adultos apenas quando interessa aos pais; a escassez de políticas públicas que atinjam se não todos os jovens, ao menos uma boa parte deles; uma valorização da música, lazer e do modo de vida do jovem do campo, com atividades lúdicas, educativas, como alguns cursos direcionados ao uso das riquezas naturais de cada região. E a pergunta seria: considerar a juventude rural invisível não seria uma forma de mantê-la afastada de projetos e políticas públicas do governo para evitar despesas para os cofres públicos? Para Durston: “la invisibilidad es uno de los aspectos más nefastos de la exclusión social, y a que su vez contribuye a perpetuar la exclusión” (DURSTON, 1997, p. 07). Mas até que ponto os

² Ver DURSTON, J. (1994). **Juventude Rural, Modernidade e Democracia: Desafio para os Noventa.** *Juventude e Desenvolvimento Rural no Cone Sul Latino-Americano.* Série Documentos Temáticos. Brasil, RS, jun.

estudos acadêmicos extrapolam os muros da universidade para contribuir para que a visibilidade resulte em projetos para uma melhor qualidade de vida dos jovens rurais? O que levaria a outra pergunta: o que é o rural?

Segundo Carneiro (2005), essa é outra dificuldade relativa à delimitação do que se designa como “juventude rural”: a imprecisão quanto ao que se entende por “rural”, questão acentuada com a intensificação da comunicação entre os universos culturais e sociais do campo e da cidade.

Conforme a autora, um intenso debate tem ocupado o meio acadêmico em diferentes áreas disciplinares no esforço de construir parâmetros mais adequados à definição do “rural”³ na atualidade. No entanto, é possível falar de uma tendência à concordância quanto à necessidade de ampliar a definição do rural para além do setor agrícola.

Sobre o assunto, Walmir Stropasolas afirma que “o rural é um conceito que se recusa a ‘deitar e morrer’⁴ e se um termo se nega a desaparecer é porque mostra que ainda tem pertinência” (STROPASOLAS, 2006, p.32). Prova disso é que uma linha de pesquisa sobre juventude rural desponta com força em todas as regiões do país no meio acadêmico.

Segundo Weisheimer (2004), no período de 1990 a 2004, cinquenta trabalhos foram elaborados sobre o tema “jovem no rural”. Para o autor, a “migração e a invisibilidade” da juventude rural são os dois fatores marcantes nos estudos.

Nas décadas de 1990 e 2000 destacaram-se trabalhos nesse campo, alguns dos nomes importantes são: Abramovay (1999), Carneiro (1998), Castro (2005), Menezes (2004,2006), Stropasolas (2004), Wanderley (2006), Weisheimer (2004). Os esforços desses trabalhos são para analisar questões do “jovem rural” associadas aos problemas da herança, da sucessão da pequena propriedade familiar, dos projetos de vida, da migração rural/urbana e das construções identitárias. Alguns estudos trabalham as migrações sazonais para o corte da cana, é o caso do trabalho da professora Marilda Menezes (2002) e de Marcelo Saturnino da Silva (2006).

Stropasolas afirma que:

³ Segundo critérios do IBGE utilizados para a seleção dos municípios rurais que compuseram a base da amostra da pesquisa “Perfil da juventude brasileira”, o rural é definido pelas Câmaras Municipais como toda área externa a perímetro urbano (ver CARNEIRO, 2005, p. 246).

⁴ PRATT, A. C. *Discourses of rurality: loose talk or social Struggle?* Journal of rural studies, New York, v. 12, n. 1, p. 69-78, 1996 *apud* STROPASOLAS, 2006.

As profundas transformações resultantes dos processos sociais mais globais – urbanização, industrialização, modernização da agricultura – não se traduzem por nenhuma “uniformização” da sociedade que provocasse o fim das particularidades de certos espaços ou certos grupos sociais. A modernização, em seu sentido amplo, redefine, sem anular, as questões referentes à relação campo/cidade, ao lugar do agricultor na sociedade, à importância social, cultural e política do espaço local. Segundo esse ponto de vista, mesmo o agricultor familiar considerado “moderno”, assim construído socialmente nos países desenvolvidos, guarda laços profundos – de ordem social e simbólica – com a tradição “camponesa” que recebeu de seus antepassados. (STROPASOLAS, 2006, p.32).

Assim como Stropasolas (2006), aliamos-nos a essa vertente de pensamento, trabalhando com a hipótese de que o recorte rural-urbano, redefinido e incorporando as especificidades dos contextos analisados, permanece como um recurso analítico pertinente para compreender as diferenças espaciais e sociais das sociedades modernas.

Dessa forma, admitimos para conceituar meio rural a definição de Maria de Nazaré Wanderley que diz:

Consideramos *meio rural*, em primeiro lugar, como um espaço físico diferenciado. Resultante de três fatores fundamentais: a ocupação do território e as formas de dominação social, que têm como base material a estrutura de posse e uso da terra e de outros recursos naturais; os processos sociais de conservação e uso social das paisagens naturais e construídas; e as relações campo-cidade. E em segundo lugar, o mundo rural enquanto um lugar de vida, isto é, lugar onde se vive (particularidades do modo de vida e referência identitária) e lugar de onde se vê e se vive o mundo (a cidadania do homem rural e sua inserção na sociedade nacional). (WANDERLEY, 2006, p. 13).

De acordo com o exposto, consideramos que a categoria *juventude rural* é uma construção histórico-social, com particularidades importantes a serem estudadas. Por isso achamos apropriado fazer uma aproximação aos jovens do município de Queimadas – PB.

1.3 O jovem rural no município de Queimadas – PB

O município de Queimadas está localizado no Estado da Paraíba, no Planalto da Borborema, mesorregião do Agreste, microrregião de Campina Grande. Possui, segundo estimativa do IBGE para 2000, 36.028 habitantes, sendo 17.044 na zona urbana e 18.984 na zona rural (estimativa para 2006 do IBGE é de 38.600). Possui uma área de 362km², que corresponde a 0,67% da área total do Estado. Predomina o clima tropical semi-árido, com temperatura média anual de 24,5°C. Apresenta solos V2 – vertissolos associados ao solo litólico, eutrófico e Bruno, rasos e suscetíveis à erosão. A fertilidade natural é média, e os solos não agüentam mecanização pesada. Por estar sobre o cristalino, uma das principais limitações é a oferta de água, que quando encontrada nas fendas das rochas, geralmente é salgada. Sua vegetação é a caatinga lipoxerófila, não totalmente seca, pouco densa e de porte arbustivo (ALBUQUERQUE, 2006).

O município é cortado de leste a oeste pela Serra de Bodopitá. Foi uma das primeiras cidades colonizadas na região, juntamente com Cabaceiras e Fagundes. Os nativos que habitaram Queimadas eram denominados Cariris e seu primeiro nome foi Tataguassu, que na língua indígena significa “Grande Fogo”, originado das grandes queimadas que eram feitas na macambira para eliminar seus espinhos e facilitar a alimentação do rebanho bovino. Porém predominou o nome popular de Queimadas, dessa forma oficializado. Os jesuítas e Pascácio de Oliveira Ledo foram seus colonizadores (ALBUQUERQUE, 2006; LOPES, 2006), explicando parte do habitus de submissão incorporado em seus moradores, especialmente os residentes na zona rural, perpassando gerações.

As primeiras famílias que habitaram Queimadas foram as de sobrenome Tavares, Muniz, Gonzaga e Andrade. Porém politicamente fizeram carreira na cidade os Ernesto e Rêgo, parentes próximos. Sendo Sebastião de Paula Rêgo (Tião) eleito para três mandatos, e Saulo Ernesto Leal de Melo, duas vezes (é o atual prefeito). Os candidatos apoiados por eles elegiam-se sem maiores problemas. Foi o caso de Francisco de Assis Maciel Lopes, apoiado por Tião. Elegeu-se e permaneceu por dois mandatos consecutivos como gestor municipal (1997-2004). (ALBUQUERQUE, 2005).

É de praxe na cidade nomear as instituições escolares homenageando-se os políticos ou seus familiares. É o caso do Ernestão, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisco Ernesto do Rêgo, que possui 4.200 alunos matriculados (2007),

localizado às margens da BR-104; e o Assisã, em homenagem ao prefeito Assis Maciel, local de nossa pesquisa. A maior escola de Ensino Fundamental em nível de município.

1.4 Economia

A agricultura apesar das constantes secas é a principal atividade do setor primário. Ocupava, em 1995, 9.015 pessoas, entre homens, mulheres e crianças, nas zonas rural e urbana. No entanto, as dificuldades no campo, principalmente para os jovens, são maiores nos períodos de estiagem.

Nesses períodos, o município é um grande exportador de mão-de-obra jovem para os grandes centros urbanos, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, em números ainda não investigados pelo município. Muitos desses jovens não possuem qualificação profissional e vão sobreviver em condições subumanas em trabalhos informais nas grandes metrópoles. Outros ainda se transformaram em migrantes permanentes, só vindo em Queimadas a passeio, em longos espaços de tempo, porque precisam “equilibrar as despesas entre uma viagem e outra⁵”.

Alguns até voltam com esperança de ficar na Paraíba, mas por causa das dificuldades em conseguir emprego, retornam ao Sul e Sudeste, pois apesar de viver sem liberdade e o calor humano da família, coisa que eles tanto prezam no campo, “tem o que comer e vestir no Rio de Janeiro”. (depoimento de um migrante – 37 anos, há 14 anos no Rio de Janeiro).

O trabalho na indústria nos distritos industriais de Queimadas e Campina Grande, cidade a 19 km de Queimadas, cuja empresa que mais emprega é a Alpargatas - Indústria de calçados - é uma oportunidade de trabalho para os jovens, evitando o êxodo rural. Alguns jovens da pesquisa declararam que só irão migrar caso não consigam se empregar aqui no município ou em cidades circunvizinhas. Muitos já estão empregados e conseguem conciliar o trabalho na indústria, a escola e a ajuda aos pais que permanecem no campo. Mas nem todos agüentam. Na sala da 2ª série do ensino médio, manhã, antes do término do

⁵ Fala de um migrante permanente há dez anos no Rio de Janeiro. Não foi um dos nossos entrevistados, escutamos eventualmente essa afirmativa em uma festa de aniversário na qual discutiam-se os problemas que enfrentam os nordestinos no que se refere a falta de emprego para população.

ano letivo de 2007, dois jovens ingressaram na Alpargatas, um deles abandonou a escola sem concluir a série em curso.

O comércio também é bem desenvolvido em Queimadas, tendo em vista a localização do município, que é pólo entre as cidades de Gado Bravo, Barra de Santana, Caturité e Fagundes, sendo o centro do intercâmbio comercial, que recebe também comerciantes de frutas e verduras irrigadas de Boqueirão e Lagoa Seca. O comércio divide-se entre oficinas de consertos de produtos eletro-eletrônicos e automotores; lojas de roupas; calçados e objetos pessoais; supermercados; farmácias; padarias e o setor informal que é fonte de renda de muitas pessoas, onde alguns adolescentes e jovens da escola fazem trabalho informal. Emprega-se também no setor de construção, comunicação e administração pública (educação, saúde, administrativo, bancário e serviços gerais). Veja a localização da cidade no mapa abaixo:

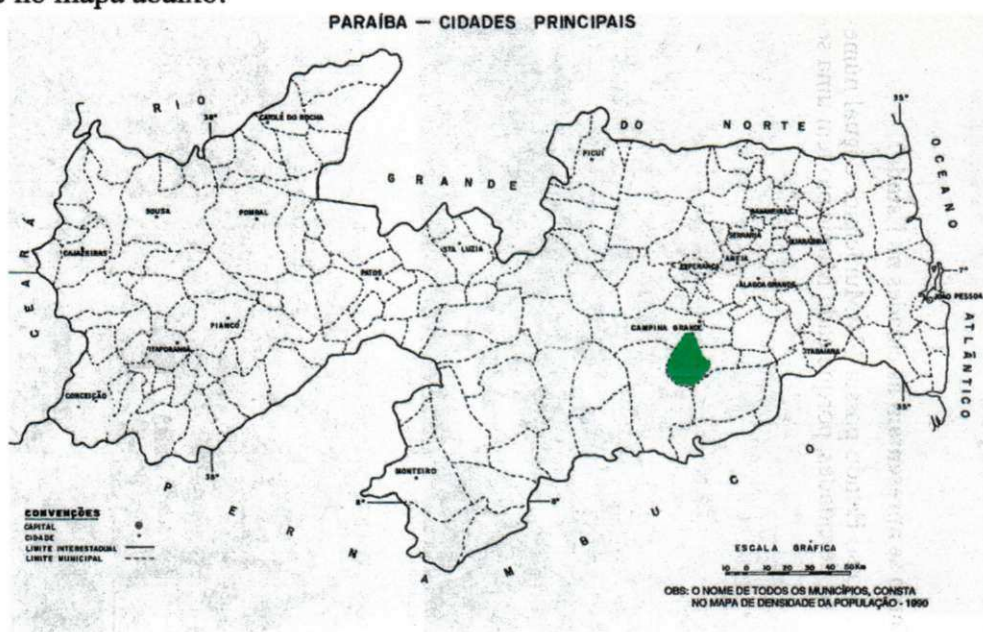


FIGURA 01 – A CIDADE DE QUEIMADAS NO MAPA DA PARAÍBA. FONTE: CARTILHA PARAIBANA

1.5 Educação dos jovens rurais: a evasão continua

De modo geral, no município, do ano de 1991 até 2000, o nível educacional da população dos 07 aos 24 anos tem apresentado um melhor desempenho. Como está demonstrado no quadro nº. 1 abaixo:

Quadro 1 – Nível Educacional da População de 07 a 24 Anos em Queimadas – 1991/2000

<i>Faixa Etária (anos)</i>	<i>Taxa de Analfabetismo</i>		<i>Pessoas com menos de 4 anos de estudo (%)</i>		<i>Pessoas com menos de 8 anos de estudo (%)</i>		<i>Nº. de pessoas freqüentando a escola (%)</i>	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000	1991	2000
7 a 10	52,8	23	-	-	-	-	72,2	95,8
10 a 14	38,4	11,4	86,2	76	-	-	72,2	95,8
15 a 17	29,7	10,1	58,5	45,9	95,5	87,5	40,4	72,8
18 a 24	26,7	17,5	48,3	39,6	84,8	74,5	-	-

Fonte: ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO DO BRASIL, 2000.

Observamos que os índices de escolarização têm apresentado uma significativa melhora principalmente entre as pessoas dos 07 aos 14 anos, com um considerável aumento na freqüência à escola.

Entre os 15 e 17 anos existe uma melhora em todas as taxas, mas é representativa a taxa de freqüência de 40,4% para 70,8%. Uma das explicações pode estar nas políticas públicas do governo federal, iniciadas com o FUNDEF em 1997, principalmente o Bolsa-Escola que faz exigência da presença do aluno em sala de aula, sob pena de perder o benefício e o transporte escolar gratuito.

No entanto, o risco está na faixa de 18 a 24 anos. Nesta faixa, não encontramos dados dos índices de freqüência no que tange ao município. Embora tenha diminuído o índice de analfabetismo e aumentado a quantidade de anos de escolaridade, as faltas nessa faixa de idade, pelo menos na escola pesquisada, são explicadas porque precisam faltar para trabalhar, seja para o pai, seja “de alugado”, tipo de trabalho temporário, precarizado, sem vínculo empregatício entre empregador e empregado, cujo o valor do dia de serviço, segundo declaração dos jovens, varia entre quinze e vinte reais. Vejamos os índices educacionais da escola “O Assisão”. Na escola, os horários foram elaborados de acordo com a zona de pertencimento. Logo, no horário da manhã, são matriculados os jovens da zona rural e à tarde os jovens da zona urbana.

Quadro 2 - Número de Aprovados, Reprovados, Evadidos e Transferidos dos Anos de 2000, 2005, 2006 e 2007 no colégio “O Assisão”

Turno	Modalidade de ensino	Ano	Matrícula inicial	Aprova- dos	%	Evadi dos	%	Repro- vados	%	Transfe ridos	%
Manhã	Ensino fundamental	2000	819	636	77,6	96	11,7	42	5,1	45	5,6
		2005	653	443	67,8	100	15,3	90	13,7	20	3,2
		2006	573	435	76	84	14,6	47	8,2	7	1,2
		2007	527	346	65,6	60	11,4	108	20,5	13	2,5
Turno	Modalidade de ensino	Ano	Matrícula inicial	Aprova- dos	%	Evadi dos	%	Repro- vados	%	Transfe ridos	%
Tarde	Ensino fundamental	2000	599	414	69,1	102	17	71	11,9	12	2
		2005	518	324	62,5	106	20,4	74	14,2	14	2,7
		2006	485	306	63	68	14	102	21	9	2
		2007	431	331	76,9	57	13,2	23	5,3	20	4,6
Ensino médio	Manhã	2006	112	64	57,1	25	22,3	21	18,8	2	1,8
	Tarde		68	47	69,1	9	13,2	9	13,2	3	4,5
Ensino médio	Manhã	2007	179	133	74,3	37	20,6	3	1,6	6	3,5
	Tarde		85	72	84,7	6	7	2	2,3	5	6

Fonte: Atas de Resultados Finais de 2007 da Escola - Janeiro de 2008

De acordo com os dados, os índices de evasão no ensino fundamental no horário da manhã (alunos da zona rural) são menores do que os da tarde (zona urbana). Considerando o número de matrículas, comparando os anos de 2000 e 2007, houve aumento nos índices de evasão nos dois turnos. Os índices de reprovação nos anos de 2000, 2005 e 2006 são menores no turno da manhã. No ano de 2007, o número de evasão no turno da tarde diminuiu e aumentou no turno da manhã; o número de reprovados considerando o número de matriculados nos dois turnos é maior à tarde (alunos da zona urbana). Existem poucas transferências nos dois turnos, indicando um equilíbrio na preferência à escola pelos que ingressam nela. Mas, por outro lado, indica também que os evadidos não procuram outra instituição escolar.

Com relação ao ensino médio, no ano de 2006 os índices de evadidos e reprovados são altos nos dois turnos. Uma explicação pode estar nas condições estruturais precárias, em que foi criado o ensino médio na escola. No ano de 2007, o índice de reprovação no ensino médio diminuiu, mas o índice de evasão permaneceu alto entre alunos da zona rural (manhã). Alguns afirmaram que arranjaram emprego e não estavam conseguindo conciliar

as duas coisas, outros não conseguimos contactá-los para saber o motivo do abandono escolar. No turno da tarde houve mais transferências entre os alunos da tarde. Alguns alunos optaram por estudar à noite em outras instituições de ensino.

A queda no número de matrículas no período entre 2000 e 2007 deve-se ao fato da escola permanecer com as salas ocupadas com alunos do ensino médio, que continuaram estudando no mesmo local e matriculados na escola do Estado, *O Ernestão*. No ano de 2008 os educandos de ensino médio foram transferidos para escola *O Ernestão*, desocupando salas para o ensino fundamental que, de acordo com a LDB, Art. 87, § 3º, 1º, é prioridade do município.

No geral, considerando os dados do quadro anterior (quadro 2) e as políticas de incentivos do governo, como bolsa renda e transporte escolar, que visavam diminuir esses índices no país, podemos dizer que a evasão e repetência na escola permaneceram altos até o ano de 2006, diminuindo em 2007 no ensino fundamental e médio no horário da tarde.

O perigo está no ensino médio manhã, que apresentou alto índice de evasão, confirmando a orientação das pesquisas de outros autores apresentadas nesta dissertação, segundo os quais, no período do ingresso do jovem no mercado de trabalho ou como força de trabalho mais efetiva no campo, eles deixam os estudos. É nessa faixa de idade, a partir dos 16 anos, que o jovem perde o direito à Bolsa-Escola, à merenda escolar; e o jovem do campo também não tem direito ao programa Agente Jovem ou PETI, existente no município, porque se destina aos jovens da zona urbana.

Depois de apresentarmos as condições sociais, econômicas e educacionais do município em que vivem os jovens pesquisados, apresentamos alguns trabalhos sobre juventude e escola para demonstrarmos alguns pontos de convergência à situação estudada.

1.6 Algumas considerações sobre juventude e escola

O tema *juventude-escola* é pouco estudado pelas Ciências Sociais. Mas vários trabalhos de pesquisa em Educação foram analisados a partir de categorias sociológicas. Esses trabalhos consideram o jovem como elemento impulsionador de mudanças sociais ligados a instituições de ensino e à compreensão da escola como agenciadora do conhecimento e modeladora do tipo de sociedade hoje existente. Iniciemos com a

contribuição de Ariès (1981), que enfatizou a relação entre a escola e a delimitação das faixas de idade.

O estudo de Philippe Ariès, *História Social da Criança e da Família* (1981), é um marco na elaboração de noções de *infância* e *juventude*, enfocando a importância da escola para a sociedade contemporânea. Para o autor, essas noções foram construídas historicamente. Dois processos foram fundamentais para que isso ocorresse: 1) As mudanças nas formas de organização familiar a partir do século XVII, quando a família começa a dispensar uma atenção especial à criança. Quando a criança passa a ter um atendimento diferenciado no meio de uma família nuclear que passou a se responsabilizar pelas condições de existência e o futuro do filho. 2) As novas formas de educar os filhos nos setores da burguesia e da aristocracia, mantendo-os em escolas e liceus fora de casa para prepará-los para as funções a serem desempenhadas futuramente. A institucionalização e universalização do processo educacional propiciaram a inserção das novas gerações no mundo do trabalho, tornando-se mais visível a etapa intermediária entre a infância e o mundo adulto, que se configurava pela adolescência e juventude.

Um nome se destaca na preocupação com os estudos sobre juventude e escola no Brasil: é Marília Pontes Sposito. Segundo esta autora, um levantamento da produção de dissertações e teses, compreendendo a sua evolução temática nos últimos anos no país, revela importantes inflexões na área dos estudos sobre juventude. Da década de 1980 para a década de 90, alguns temas foram saindo de foco, e outros entrando com força, nos trabalhos sobre o tema. Por exemplo, os estudos dos aspectos psicossociais de jovens e adolescentes que chegaram a ter uma presença de 35% no primeiro período da década de 80, caíram para apenas 17% entre os anos de 1995 a 1998. Na mesma direção, observa-se o decréscimo de interesse em torno dos jovens alunos de ensino superior e da escola fundamental e média. Quanto às relações dos jovens com a escolaridade, são tratados em três momentos: o primeiro – *juventude e escola* – examina tanto os níveis de ensino fundamental como médio sob a perspectiva do aluno; o segundo momento prolonga-se no exame da tríade – *jovem, mundo do trabalho e escola* – quando é enfatizada a experiência do aluno que está cursando a educação básica e trabalha. Nesse caso, os cursos noturnos, a profissionalização, a escolha profissional e os significados do trabalho tornam-se o eixo privilegiado de interesse. No nosso caso, essa tríade vai ajudar-nos a compreender como os jovens integrados no trabalho familiar rural elaboram os significados da escola. O terceiro

momento – *estudantes universitários* – reúne a produção que estudou os alunos de ensino superior no Brasil (SPOSITO, 2000).

Já o tema dos *adolescentes em processo de exclusão* se configura como interesse mais forte somente a partir de 1995, quando passa a ocupar 25% do total da produção sobre juventude. Os temas *participação política, os jovens e a mídia e violência* apresentam presença estável nos últimos anos. Os temas abrangidos pelo estudo dos *grupos jovens e dos adolescentes negros* se configuram como interesses bem recentes, pois os trabalhos foram concluídos somente a partir de meados da década de 90 (SPOSITO, 2000).

Com relação aos trabalhos sobre juventude e educação, Sposito (2000) afirma que na década de 1990 há lacunas nas dissertações e teses que não dão conta da compreensão da vida escolar. Disse a autora:

De qualquer modo, fica nítido o fato de que a compreensão da vida escolar está exigindo, também novos aportes de pesquisa, uma vez que além de sua frágil capacidade de transmissão de conhecimentos e valores considerados legítimos pela sociedade, estaria ocorrendo no seu interior a emergência de formas de sociabilidade juvenis não contempladas nas investigações. (SPOSITO, 2000, p. 25).

De acordo com Sposito (2000), as análises sobre a escola no Brasil, que privilegiam a experiência pedagógica e os mecanismos presentes na distribuição do conhecimento escolar, apresentam lacunas. Para a autora, os trabalhos deveriam passar a considerar outras dimensões e práticas sociais em que está mergulhado o sujeito, aspectos cruciais a apontar os limites da ação socializadora dessa instituição que está voltada muito mais para a transmissão de conteúdos. Disse Sposito:

A realidade concreta dos múltiplos pertencimentos dos sujeitos, das relações que estruturam a identidade, tanto individual como coletiva, foi, de certa forma, desconsiderada em nossa análise, até muito recentemente. Assim, no espaço escolar, por exemplo, ora trabalhamos com categoria aluno ou estudante, ora recuperamos a categoria trabalhador, para designar um determinado tipo de relação derivado da classe social. Assim, outras dimensões como o gênero – homens ou mulheres -- ou a geração – crianças, jovens e adultos – desaparecem (SPOSITO, 2006, p. 98).

Entretanto, nos finais dos anos 90 e início da década de 2000 trabalhos na área das ciências sociais preenchem parte da lacuna existente, voltando o olhar para os jovens do campo na condição de jovem, trabalhador e estudante, dando uma grande contribuição para a educação no Brasil, nas mais diferentes regiões. A partir desses trabalhos, tem-se oportunidade de conhecer mais o universo desse grupo social, mesmo que a questão da educação não tenha sido o foco principal, nem o *locus* de pesquisa tenha sido a escola, aspectos centrais no presente trabalho.

Weisheimer (2004) constatou que o estudo é uma atividade que ocupa a vida dos jovens rurais, mas há uma variação quanto às questões de gênero. As moças dedicam 25,7% de seu tempo ao estudo, enquanto os rapazes ocupam 15,6% para essa atividade. O estudo é visto como principal via de acesso ao trabalho não agrícola. Para grande parte das moças, é uma possibilidade de realização pessoal e profissional que envolve melhor remuneração, além do reconhecimento e valorização do trabalho por elas realizado. O estudo é uma possibilidade de acesso a inovações tecnológicas e a um ideal de modernidade valorizado pelos jovens.

Weisheimer (2004), em leitura de Tedesco⁶ (1999), afirma que alguns agricultores, sobretudo os com maiores dificuldades financeiras, pensam a escola como estratégias de ressocialização, contribuindo na preparação dos filhos para o trabalho assalariado no meio urbano. Pensando nesse aspecto é que alguns pais de jovens do “Assisão” entrevistados afirmaram que a escola, para o jovem do meio rural, como também do meio urbano das classes populares, deveriam, assim que concluíssem o ensino fundamental, fornecer uma orientação para uma profissão, de acordo com as habilidades de cada um. A melhor colocação a esse respeito foi elaborada pelo pai de Adriana, 16 anos, aluna da 2ª série do ensino médio:

[...] a gente sabe que é precário o ensino público. Eu sei que as chances da minha filha (Adriana) passar no vestibular são muito pequenas... E aí olhe termina o ensino médio e não tem uma profissão, não tem uma perspectiva de vida, de futuro... É pro jovem enlouquecer, Você sabe, é o trabalho que dá sentido a vida do homem⁷.

⁶Cf. ver TEDESCO, João C. Terra, Trabalho, Família: racionalidade produtiva e ethos camponês. Passo Fundo: ED.UPF. 1999.

⁷ Fragmento da entrevista nº 1, página 144.

Carneiro (2005) verificou em pesquisa (na região serrana do Rio de Janeiro) que diante do pessimismo dos pequenos agricultores em crise, o “estudo” é visto como o principal caminho para novas alternativas ao “trabalho pesado”. Segundo o trabalho da autora, 70% dos rapazes e 75% das moças demonstraram vontade de não trabalhar na agricultura. Entre os rapazes, 50% já exerciam ocupações não-agrícolas. Entre os que trabalhavam na lavoura, a metade não queria continuar em atividades agrícolas. Entre os alunos matriculados no ensino médio na escola estadual da mesma localidade rural, 93% dos rapazes e 83% das moças pretendiam continuar os estudos na cidade após concluírem o ensino médio. Uma questão preocupante constatada pela pesquisa diz respeito à grande quantidade de jovens que abandonam a escola em idade definida socialmente como “trabalhador” em potencial, porque se espera que ele contribua para aumentar a renda familiar (78% dos jovens rurais entrevistados declararam contribuir para o sustento familiar) (CARNEIRO, 2005, pp.248-249).

A vontade de ajudar os pais e melhorar de vida também é expressa por 90% dos jovens que estão cursando a 2ª série do ensino médio na escola “O Assisão” na cidade de Queimadas Estado da Paraíba. Alguns deles manifestaram o desejo de abandonar a escola, logo no final do ano letivo (2007) para trabalhar. Alguns só estão esperando a maioridade e falam em migrar para as grandes cidades do país, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, se não conseguirem emprego próximo às suas localidades de residência, o que eles preferem, porque não precisam abandonar a agricultura e os seus pais. Alguns acreditam que com o dinheiro do trabalho assalariado podem pagar outras pessoas para fazerem o trabalho pesado no campo. Mas não desejam perder a liberdade, o convívio solidário, harmonioso e saudável, mais característico do habitus do homem do campo. Especialmente a interação homem-natureza, a intimidade com a terra e os animais.

Outro trabalho com jovens de pequenos municípios de Pernambuco chegou a conclusões semelhantes quanto à educação. Wanderley (2006) considera que a questão da educação dos jovens rurais se organiza em torno de três constatações: um avanço – os jovens têm hoje escolaridade superior aos seus pais; um limite – o abandono precoce dos estudos pelos jovens; e um trunfo – a grande demanda por educação, expressa pela maioria dos jovens. Essa pesquisa revelou similaridades com a pesquisa de Weisheimer (2004) em Escadinhas – RS, em relação ao gênero: as moças nos pequenos municípios pesquisados de Pernambuco também estão estudando mais do que os rapazes. Mas, após os 18 anos, reduz-se drasticamente a presença dos jovens na escola. Da população pesquisada, só

42,2% dos rapazes continuavam estudando; entre as moças, 57%, continuando em vantagem o sexo feminino, com mais tempo na escola. Uma grande preocupação foi constatada entre os jovens rurais, na pesquisa: 39,4% do conjunto da amostra escolhida pela pesquisadora estão fora da escola, estando a maior proporção entre os maiores de 18 anos. Sendo uma das razões para a saída precoce dos jovens da escola a participação nos trabalhos familiares. Entre os jovens pesquisados na 2ª série do ensino médio do “Assisão”, essa é uma questão de lutas intermináveis entre eles e os seus pais, porque os pais não desejam que os filhos se afastem da escola antes de concluir o ensino médio. Ainda na pesquisa de Wanderley (2006), a educação formal aparece como possibilidade de realização dos sonhos. Até mesmo entre os que declararam escolher profissões na própria área da agricultura.

Stropasolas (2006)⁸ também detecta uma maior escolaridade entre as moças e menor escolaridade entre os jovens que escolhem continuar no meio rural. A possibilidade de trabalhar na cidade tem como condição um maior nível educacional para rapazes e moças. O estudo é a condição, entre outras coisas, para ajudar a ser alguém, a ser reconhecido, mesmo que para isso tenham que aceitar trabalhos em condições não-desejadas. Por exemplo, as moças, em geral, trabalham de domésticas e os rapazes precisam se adaptar às normas e padrões estabelecidos pela indústria ou comércio.

Menezes (2006), em pesquisa recente envolvendo o *tema jovens rurais e escolarização nos municípios de Areia, Pilões e Serraria – PB*, revela que, apesar da defasagem série/idade nos municípios estudados, houve um aumento da escolarização dos jovens rurais. Também observou que há uma permanência mais longa das moças na escola e uma combinação entre as necessidades do trabalho agrícola e o horário de estudo. Alguns fatores são importantes para explicar o aumento da frequência dos jovens rurais desses municípios à escola. Entre eles estão: a) ampliação do número de vagas; b) incentivos à escolarização fornecidos pelo governo, a exemplo do Bolsa-Escola. Por outro lado, os projetos pessoais, morar fora do meio rural, arranjar emprego na cidade ou na cana estão diretamente ligados aos estudos, pois até as usinas de açúcar no Nordeste ou em São Paulo estão exigindo certo nível de escolarização.

Os trabalhos expostos levantam como problemas educacionais a repetência e o abandono. Apontam como causa essencial, em se tratando de jovens rurais, a relação com

⁸ O livro de Valmir Stropasolas foi publicado a partir de sua tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

o trabalho. Esses jovens rurais sobrevivem em condições de reprodução social insuficientes, agravadas pelas secas⁹ periódicas. Tendo em vista as dificuldades pelas quais passam os jovens e as particularidades existentes nas regiões do Brasil, é preciso, mais do que nunca, conhecer os jovens rurais para poder investir mais adequadamente em projetos e políticas públicas para melhorar suas condições de vida. Na opinião de Sposito, com a qual nós concordamos, “na tentativa de melhor entender o que se passa no interior da escola, enquanto espaço de sociabilidade e de práticas culturais, o tema da juventude afigura-se como importante” (SPOSITO, 2006, p. 98).

Sobre esse assunto Brandão (2004) elabora comentários bem pertinentes ao nosso objeto de estudo. Ele faz comparação entre métodos antigos utilizados nas ciências naturais que isolavam bichos em laboratórios para poder estudá-los e os novos métodos utilizados por alguns pesquisadores, que, munidos de apetrechos da tecnologia da observação de perto e de longe, vão “até lá, investigam os bichos na sua realidade individual, interativa e social dos seres tal como eles a vivem em seu meio natural” (BRANDÃO, 2004, p.10). Lembra Brandão (2004) que há imensos ganhos de visões e de compreensões a partir de então. Para o autor, nós pesquisadores sociais, apenas depois que os cientistas naturais procederam dessa maneira, e ainda de forma muito tímida e limitada, começamos a fazer algo semelhante com as nossas crianças, com os nossos adolescentes e com os nossos jovens.

Para Brandão (2004) começamos agora a compreender a nós mesmos, aos outros, aos mundos culturais e as suas variedades e diferenças ao redor, dentro da escola, à volta das salas de aula e nos diferentes cenários do seu interior. Desta forma, estamos tornando todo o “mundo da educação” extraordinariamente mais rico e mais polissêmico, na medida em que, pouco a pouco, aprendemos a olhar o interior desse mundo de duas maneiras opostas e convergentes (BRANDÃO, 2004, p.11).

A primeira, de fora para dentro, ou seja, dos lugares de vida social e desde os diferentes atores sociais dos círculos de vida onde ela está incluída, para os círculos de vida e de relações de dentro dela mesma. Para Brandão (2004), isto é alguma coisa que se pratica quando se compreende que a unidade social existente, chamada escola, existe entre outras de uma comunidade de vida cotidiana e somente tem algum sentido quando a escola

⁹ Segundo depoimentos de sitiantes, pais dos alunos do *Assisã* as dificuldades com o clima, provocam prejuízos com os animais. Pois não tendo capim para o boi, a vaca ou o cavalo, e o milho para as aves, precisam comprar, para não deixá-los morrer. Ou vender, dependendo da duração da estiagem, por um preço inferior ao normalmente cobrado.

é pensada dentro do sistema educacional de que faz parte. Mas, também, quando ela e este sistema são compreendidos como pontos, feixes e eixos de relações complexas vividas e pensadas nos intervalos dos diferentes entrelaçamentos entre ela e as outras unidades de sociedades e cultura, em que a escola e a educação escolar estão inseridas (BRANDÃO, 2004, p. 11).

A segunda maneira de olhar a escola é de dentro para dentro, ou seja, dos lugares e das relações formais e institucionais, em cujo âmbito costumamos limitar “o que importa” no mundo da educação, em direção a esferas de sentimentos, de identidades, de vocações pessoais, de criações mais culturalmente informais e interativas, e de vivência e gestão coletiva da própria escola para além do que cabe em seus estatutos e normas. Dentro de sua fria e antecípavel “objetividade” (BRANDÃO, 2004, p.12).

Brandão (2004) lembra que é preciso perceber que uma coisa é a estrutura educacional, outra é a vida dentro da escola. Demoramos muito para perceber que “estruturas e processos pedagógicos” sem as interações e sem as vidas e entre as vidas das pessoas são como esqueletos sem carne, querendo ser o corpo. Ou são corpos sem alma, querendo ser espíritos (BRANDÃO, 2004, p.12). É dessa “vida” dentro da escola, das interações sociais nela existente, que tratamos em nosso trabalho.

O trabalho de Juarez Tarcísio Dayrell (2006), elaborado em escola de Belo Horizonte, intitulado *A escola como espaço sócio-cultural* segue essa orientação. Para o autor, conceber a escola como espaço sócio-cultural significa:

[...] compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais da história (...) resgatar o papel dos sujeitos na trama social, que a constitui enquanto instituição. (DAYRELL, 2006, P.136)

Esse novo olhar sobre a escola, segundo Dayrell (2006) vem sendo possível, desde a década de 1980, quando surgiu uma nova vertente de análise da instituição escolar, que buscava superar os determinismos sociais e a dicotomia criada entre homem-circunstância, ação-estrutura, sujeito-objeto. Isso implica compreender a escola como construção social

no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura.

Finalmente, Dayrell afirma, numa leitura de Ezpeleta & Rockwell¹⁰ (1986), que a escola como espaço sócio-cultural é entendida como:

Um espaço social próprio ordenado em dupla dimensão, Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais ou coletivas, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar. (DAYRELL, 2006, p. 137)

É nessa perspectiva proposta por Brandão (2004) e Dayrell (2006), dando prioridade aos sujeitos sociais e a suas formas de interação na escola, que elaboramos nosso trabalho de pesquisa. Mas antes vamos conhecer um pouco sobre a convivência dos jovens rurais com as suas famílias no espaço rural.

¹⁰ Cf. EZPELETA, Justa, ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Cortez, 1986.

OS JOVENS RURAIS, A FAMÍLIA E O TRABALHO

Sou igual a qualquer jovem
Da minha faixa de idade
Durmo e sonho os mesmos sonhos
Anseio a felicidade

Mas meu habitus é diferente
Do rapaz da grande cidade
Aprendi que o melhor de tudo
É ser feliz de verdade¹¹.

Este capítulo tem como objetivo demonstrar como os jovens rurais incorporam o *habitus* de seu grupo no espaço de socialização primária, juntamente com os seus familiares. Isto explica uma das hipóteses levantada pelos professores, segundo a qual o comportamento do jovem rural na escola deve-se ao fato de serem educados no trabalho familiar e na relação de proximidade com os pais. Assim, incorporam valores importantes para o convívio social. O conceito de *habitus* de Bourdieu contribui para a análise das entrevistas. A categoria “trabalho” foi eixo norteador desta parte da pesquisa, na qual selecionamos fragmentos de diálogos com os jovens na escola, cenas de jovens trabalhando na zona rural e fragmentos das narrativas de seus pais nos dias das visitas para elaborarmos as análises.

¹¹ Estrofes do poema n.º 02, p. 153.

2.1 Jovens rurais: a importância do trabalho no processo de socialização primária

Na socialização primária¹², a criança interioriza os valores mais importantes da sociedade à qual pertence e que são responsáveis, em parte, para construção de sua identidade.

Na infância, fase em que ocorre a socialização primária, a sociedade apresenta ao indivíduo em formação um conjunto antecipadamente definido de significados que ele tem que aceitar como tais, sem possibilidade de optar por outro arranjo. São os adultos que estabelecem as regras do jogo, “embora a criança não seja simplesmente passiva, podendo participar do jogo com entusiasmo ou com mal-humorada resistência” (BERGER, 1974, p.180).

Por não poder fazer escolhas de outros significados, a criança identifica-se automaticamente com eles, interiorizando-os de forma inevitável. O mundo interiorizado é, para ela, o único existente e concebível. Por essa razão o mundo interiorizado na socialização primária torna-se muito mais firmemente entrincheirado na consciência do que os mundos interiorizados nas “socializações secundárias”, que ocorrem na escola, na igreja e em outros grupos (BERGER, 1975, p.180).

No período da socialização primária no meio rural, a criança desde tenra idade é educada na convivência com o trabalho, iniciado pelas pequenas ajudas, tais como: olhar o irmão menor, carregar água; pastorear o gado, ajudar a prender no curral entre outros. Ao adquirir um pouco mais de força e saber, são introduzidos em trabalhos mais pesados, a exemplo da limpeza do mato através da utilização da enxada, e do cuidado com animais. O mesmo foi verificado por Heredia (1979) e Nascimento (2003) em seus trabalhos de pesquisa no meio rural. Em alguns casos, nas comunidades de Queimadas que visitamos, as crianças ou os jovens possuem atividades determinadas, alguns se encarregam dos cuidados com os animais pequenos e na ajuda das pequenas “lidas” domésticas; os rapazes, se responsabilizam pelos animais de grande porte cuidando de alimentar, dar de beber, ordenhar e muitas vezes vender o leite. Na época da chuva, o preparo do roçado envolve todos, homens, mulheres, rapazes, moças e crianças.

¹² De acordo com Berger (1974, p.176), a socialização primária é a primeira socialização experimentada pelo indivíduo na infância.

O trabalho para a família é explicado não apenas pelo seu sentido econômico, mas a partir de uma ordem ética e moral, conclusão a que chegaram diversos autores que estudaram o tema em pesquisas elaboradas no meio rural, entre eles Menezes (2002). De acordo com a autora,

A iniciação no trabalho ocorre desde tenra idade, em geral aos 7 anos de idade, se constituindo como uma prática social que se fundamenta tanto na necessidade da cooperação dos braços de toda a família para garantir a sobrevivência quanto é constituinte do processo de aprendizagem associado à transmissão do trabalho como valor que constitui homens e mulheres dignos e honrados em suas famílias e grupos sociais. (MENEZES, 2002, p. 91)

Outros autores, tais como Castro (2003); Heredia, (1979); Leite, (1999); Martins (1975); Nascimento (2003), seguem o mesmo raciocínio.

Nesse sentido, três questões abordadas pelo pensamento marxista podem contribuir enormemente para ajudar-nos a explicar a relação entre trabalho, formação humana e educação nas famílias da zona rural na atualidade, e que, segundo os professores, é o que contribui para que o jovem rural tenha maior interesse pela escola e seja mais interativo dentro dela. A primeira questão refere-se às formas de trabalho antes e depois da indústria. Numa crítica ao trabalho das crianças nas fábricas no início da Revolução Industrial (final do séc. XVIII), disse Marx:

Assim, de poderoso meio de substituir trabalho e trabalhadores, a maquinaria transformou-se imediatamente em meio de aumentar o número de assalariados, colocando todos os membros da família do trabalhador, sem distinção de sexo e de idade, sob o domínio direto do capital. O trabalho obrigatório, para o capital, tomou o lugar dos folguedos infantis e do trabalho livre realizado em casa, para a própria família, dentro de limites estabelecidos pelos costumes. (MARX, 1998, p. 451).

Percebe-se nessa citação que Marx comenta uma nova orientação de organização da família no sistema capitalista. Primeiro, ele reconhece que o trabalho das crianças, antes da grande indústria, era baseado nas necessidades da família, sem a exploração desmesurada

existente no trabalho industrial. Embora Marx não mencione se essa descrição refere-se ao trabalho no meio rural ou no meio urbano, ela se aproxima das falas dos pais entrevistados na nossa pesquisa.

A segunda questão tratada por Marx é a forma de relacionamento familiar. Marx estava preocupado com o distanciamento entre os membros das famílias no contexto histórico da Revolução Industrial. Criticou o caráter exploratório do trabalho infantil, acusando-o de destruir os vínculos mais íntimos, transformando as crianças em instrumentos de trabalho. Disse Marx:

As louvações burguesas sobre a família e a educação, sobre os laços de intimidade que unem a criança a seus pais, tornam-se cada vez mais repugnantes na medida em que a grande indústria destrói todos os laços de família do proletário e transforma as crianças em meros objetos de comércio, em meros instrumentos de trabalho. (MARX, 1987, p. 49).

No campo, esses laços de família ainda são mantidos, o nível de convivência entre pais e filhos permanece estreito, embora com algumas modificações ocasionadas pela influência da mídia televisiva e de um maior contato entre o meio rural e o urbano, por causa dos meios de transportes, além de uma maior valorização da educação escolar, que diminui o tempo de trabalho do jovem na família. A escolarização para os pais entrevistados não pode ser concebida sem a conjugação com o trabalho.

A terceira questão tratada por Marx relaciona-se às conquistas dos operários, que estão concretizadas na lei fabril inglesa. Ele não se opõe ao trabalho infantil, desde que as crianças conciliem o trabalho e a educação escolar. Disse Marx:

Apesar da aparência mesquinha que apresentam em seu conjunto, as disposições da lei fabril relativas à educação fizeram da instrução primária condição indispensável para o emprego de crianças. Seu sucesso demonstra, antes de tudo, a possibilidade de conjugar educação e ginástica com o trabalho manual, e conseqüentemente, o trabalho manual com educação e ginástica. (MARX, 1998, p. 547):

Marx fala de um relativo progresso, que naquele momento era uma vitória: a possibilidade de diminuir a brutalização do trabalho das crianças na indústria têxtil e que deveria se estender a todo tipo de trabalho. Hoje a luta dos pais da zona rural é para que os filhos concluam ao menos o ensino médio, o que vai proporcionar aos jovens rurais acesso ao trabalho na indústria, comércio, ou até no serviço público. Para os pais, é perfeitamente possível conciliar o trabalho agrícola com a frequência escolar. Para os professores e pais, essa conciliação produz alunos mais interessados pelos estudos. Sobre esse assunto Marx ouviu dos mestres-escolas a mesma explicação:

A coisa é simples. Aqueles que só permanecem na escola metade do dia estão sempre lépidos, em regra dispostos e desejosos de aprender. O sistema de metade trabalho e metade escola torna cada uma das duas ocupações descanso e recreação em relação à outra, sendo por isso mais apropriado para a criança do que a continuação ininterrupta de uma das duas. Um menino que desde cedo fica sentado na escola, especialmente no verão, não pode concorrer com outro que chega alegre e animado do seu trabalho. (Marx, 1998, p. 548).

Em nenhum momento do texto, Marx se opõe à associação entre trabalho e escola, o que nos leva a crer que ele concorde com a mesma. Mesmo porque ele era um economista e não um educador. No caso do trabalhador rural, o momento de pico de trabalho é o inverno, tempo em que “a escola é ainda mais importante” como espaço de sociabilidade, conforme disseram os jovens da 2ª série do ensino médio, pois nela “encontram o descanso do trabalho pesado na enxada e o bate-papo com os amigos”.

Marx (1866), citado por Rodrigues¹³ (2001), disse ainda:

Consideramos que é progressista, sã e legítima a tendência da indústria moderna de incorporar as crianças e os jovens para que cooperem no grande trabalho da produção social, embora sob o regime capitalista ela tenha sido deformada até chegar a uma abominação. Em todo regime social razoável, qualquer criança de 9 anos de idade deve ser um trabalhador produtivo, do mesmo modo que todo adulto apto para o trabalho deve obedecer à lei geral da natureza, a saber: trabalhar para poder comer, trabalhar não só com a cabeça mas com as mãos. (MARX, 1866 *apud* RODRIGUES, 2001, pp. 51-52).

¹³ Ver Marx, Karl. *Instrução aos delegados do Conselho Geral da Internacional Comunista (1866)*.

Embora Marx não tenha dedicado parte de sua obra para discutir o tema da educação, essa citação demonstra que para ele a pessoa deveria combinar o trabalho intelectual com o trabalho manual.

Deixamos claro que não estamos defendendo o trabalho infantil, mas elaborando uma interpretação do trabalho das crianças e jovens na sociedade capitalista. Para as famílias entrevistadas, é inconcebível não incluir as crianças no processo de produção da agricultura familiar, porque é preciso iniciar a formação humana dos jovens desde cedo. Para os professores, a compreensão do processo produtivo também impulsiona os jovens a lutar para conseguirem uma vida mais digna. E questionamos: como conciliar uma educação adequada durante a formação humana das crianças, adolescentes e dos jovens? Que tipo de trabalho é prejudicial? Pois segundo os pais da zona rural o trabalho é um grande auxiliar na formação dos seus filhos.

A orientação dos pais entrevistados para educação dos filhos desde “bem pequenininhos” não contraria a Lei estabelecida no estatuto da criança e do adolescente, especialmente no artigo 67, que diz:

Ao adolescente empregado, aprendiz em regime familiar de trabalho, aluno de escola técnica, assistido em entidade governamental é vedado o trabalho:

- I – Noturno realizado entre as vinte e duas horas de um dia e as cinco horas do dia seguinte;
- II – Perigoso e insalubre ou penoso;
- III – Realizado em locais prejudiciais a sua formação e ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social;
- IV – Realizado em horários e locais que não permitam a freqüência a escola. (ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, 2008, p. 24).

Os pais entrevistados consideram os filhos aprendizes. A relação que estabelecem nos momentos de trabalho no dia-a-dia no campo, prepara para saber lidar com a terra, porque pode ser uma opção profissional para os que preferirem continuar no espaço rural. Mas cuidam para dormir cedo, preparar-se para ir à escola com o corpo descansado e assim ter um melhor aproveitamento dos conteúdos; os trabalhos obedecem ao crescimento do corpo e à força física; os pais também possuem um cuidado imenso para evitar acidentes,

por isso o trabalho é adequado à faixa de idade. Uma sabedoria que é costumeira – como disse Marx, anteriormente – no meio rural e que hoje é Lei.

No vídeo intitulado *Trabalho Infantil: educação através das imagens*, apresentado em 14 de março de 2008, por Roberto Novaes, na UFCG, sobre o trabalho infantil, podemos fazer uma comparação entre a realidade estudada em nossa pesquisa, o trabalho de exploração do menor, no corte da cana, onde a criança está exposta aos riscos da fumaça, dos objetos cortantes, ao sol em demasia e principalmente fora da escola, e o trabalho livre das crianças no acompanhamento do MST (Movimento dos Sem-Terra), onde apesar de sobreviverem passando por dificuldades, demonstram ser felizes. Aprendem a cuidar da terra e dos animais com os pais, estudam e brincam e algumas crianças declararam que pretendiam estudar para defender o modo de vida de seus companheiros, ou seja, do homem do campo.

No próximo ponto demonstraremos a relação existente entre a socialização primária dos jovens na família e o *habitus* incorporado que demarca as suas formas de ser, agir e pensar.

2.2 A formação do habitus do jovem rural

Ao contrário do estereótipo de “Jeca Tatu” construído por Monteiro Lobato (MARTINS, 1975), os jovens rurais pesquisados demonstraram uma relação positiva com o trabalho.

Os diálogos com jovens rurais da 2ª série do ensino médio da escola “O Assisório” no período da etnografia e visitas a algumas famílias no campo, provam a vida de trabalho duro que conciliam com o horário escolar e as tarefas escolares que levam para casa.

Taise, 16 anos, presidente da sala de aula, irmã de Gutierre, disse:

Eu acordo às cinco da manhã, tomo banho. Tem dias que eu não tomo nem café, não dá tempo, ou a gente perde o ônibus. Venho pra escola. Quando chego em casa, agora que está em tempo de roçado, eu vou ajudar pai junto com meu irmão. Eu trabalho muito na enxada, viu? Não me troco por um homem. De noite eu lavo a louça e arrumo a cozinha. Tem noite que eu tô tão cansada que não tenho coragem de estudar as tarefas de casa que eu levo da escola, o meu corpo não agüenta. E no final

de semana eu cuido de casa mais a minha mãe, lavo roupa, arrumo, e ainda faço unha pra ganhar uma graninha pra comprar as minhas coisas da escola: xérox, lanche¹⁴.

A narrativa de Taíse indica que, além do trabalho na agricultura e nos serviços domésticos, ela desempenha uma atividade extra, capaz de proporcionar-lhe uma pequena renda para suas despesas imediatas. A conciliação entre o tempo de trabalhar e o de estudar provoca o cansaço do corpo. Esse cansaço muitas vezes a impede de realizar as tarefas da escola que ficam para casa. Para Taíse, assim como para um entrevistado no trabalho de José de Souza Martins, *Capitalismo e tradicionalismo* (1975), não há lugar para “vagabundez”, todo o tempo da jovem é ocupado, como ocorre também com os jovens e as crianças (MARTINS, 1975, p. 87).

Taíse e Gutierre (18 anos) residem em uma das regiões mais secas do município, numa família de 08 filhos que sobrevivem da agricultura familiar e da criação de pequenos animais, como galinha, por exemplo. Sua mãe consegue uma renda complementar como merendeira aposentada da Prefeitura Municipal de Queimadas. O pai dos dois jovens tem problemas de saúde, o que o impede de realizar grandes esforços, motivo que torna a força de trabalho dos filhos imprescindível. Gutierre é o filho mais novo entre os homens, os seus irmãos mais velhos migraram para o Rio de Janeiro e São Paulo. Os próprios irmãos de Gutierre expressam o desejo de ele continuar com os seus pais, porque é a força onde se ancora o trabalho pesado da agricultura familiar, pelo fato de ser “jovem e disposto”.

No feriado de Nossa Senhora Aparecida e Dia das Crianças (12 de outubro), visitamos a família de Taíse e Gutierre para conhecer seus pais e realizar uma entrevista. A mãe de Taíse recebeu-nos com carinho e mostrou toda casa. Taíse estava preparando uma torta na cozinha. A mãe dela iniciou a conversa contando a sua dureza na educação dos filhos e que até se arrependia de ter sido, às vezes, tão “cruel”. Mas “graças à sua educação rígida, os filhos são o que são: sabem viver no mundo” e que assim como ela hoje é grata aos seus pais, “os seus filhos vão ser a ela e ao seu marido e que ainda hoje seu marido impõe horários a Gutierre, principalmente se ele sai à noite”. Disse “vão ser”, porque os filhos ainda são bastante jovens, e segundo ela, “a gente só sente gratidão pela boa educação que teve, quando está mais maduro”.

¹⁴ Fala de Taíse na hora do recreio na escola.

As atitudes relatadas no discurso da mãe de Taise são explicadas por Bourdieu (1983). Para o autor, “o habitus é a mediação universalizante que faz com que as práticas sem razão explícita e sem intenção significativa de um agente singular sejam, no entanto, ‘sensatas’, ‘razoáveis’ e objetivamente orquestradas” (BOURDIEU, 1983, p.73).

Para a mãe de Gutierre, “é preciso castigar os filhos e oferecer-lhes trabalho cotidianamente, para aprenderem a controlar os seus gênios (impulsos)”, embora hoje ela se veja como uma pessoa melhor “porque, pelo menos, não bate mais nos filhos mais novos”. Ela faz questão de enfatizar a palavra “hoje”, porque ela considera-se mais informada de que não se educa espancando, mas, pelo diálogo. Falou dos direitos das crianças e dos jovens transmitidos pela mídia. Mas critica os vizinhos que exageram na liberdade dos filhos. Segundo ela, “por causa dos excessos de liberdade, os jovens e as crianças acabam deixando até a escola, que é tão importante para ele¹⁵”. Citou vários exemplos na vizinhança, demonstrando preocupação pelo abandono escolar precoce ocasionado pela falta de autoridade dos pais. Hoje ela dialoga mais com os filhos, mas continua a exercer sua autoridade de mãe. Na sua concepção, os pais precisam orientar os filhos, mesmo que às vezes precisem retirar deles algumas coisas que eles gostem ou até ameaçando sutilmente, pois possuem mais experiência tendo em vista o aprendizado acumulado pelos anos vividos. Relatou que seu sobrinho que reside no Rio de Janeiro veio passar um ano com ela. Certa vez o “menino” não queria freqüentar a escola e ela falou: “os que não quiser ir pra escola e resolver ficar em casa, irá pegar as ancuretas¹⁶ d’água no açude”. E imediatamente o “menino se arrumou e foi junto com seus filhos Taise e Gutierre para o colégio¹⁷”.

Essa passagem remete aos discursos de Cláudio (pág. 50) e de Júnior (pág.54) que veremos mais à frente, onde eles comentam a dureza da vida no sítio. Mas para a mãe de Gutierre e Taise, é apenas uma estratégia para manter a presença continuada dos filhos na escola. Diferente do que concluiu José de Souza Martins (1975), a escola deixou de ser “equivalente” de trabalho e é lugar de descanso das tarefas do campo.

¹⁵ Ver anexo VI, p. 146

¹⁶ Ancureta é um pequeno barril confeccionado com borracha, tipo de pneu de carro, com uma parte inferior, outra superior de madeira. A parte superior possui dois orifícios que depois de colocada a água são tampados com cortiça ou sabugo de milho envolto e algum tipo de plástico ou tecido.

¹⁷ Ver anexo VI, p. 146.

Marx não viveu para constatar que a vida rural não é embrutecedora¹⁸, como afirmou no *Manifesto do Partido Comunista* (1987), hoje os pais se preocupam em educar os filhos no trabalho e na escola, pois é preciso que eles conheçam como funciona o sistema, aprendam a dominar as máquinas, instrumentos modernos como o computador, percebam níveis de exploração do trabalhador. Disse a mãe de Gutierre e Taíse, entrevistada em 12 de outubro de 2007:

Eu sou merendeira aposentada do município. Eu gosto muito de trabalhar, mas chegou meu tempo de parar e deixei para outras mais novas. Não estudei muito e sei que os estudos fazem falta, por isso insisto para os meus filhos estudarem. No meu tempo era tudo muito difícil, a gente tinha que trabalhar duro ajudando os pais, mas não era só isso (pequeno silêncio). Hoje é melhor, tem carro pra levar pra rua, as coisas são mais fáceis. Gutierre¹⁹ é doido pra ir pro Rio de Janeiro pra junto dos irmãos, mas eu não quero que ele vá, nem os irmãos dele também. Primeiro, porque ele é os pés e as mãos do pai, que tem problemas de saúde e não pode fazer esforço. Segundo porque precisa terminar pelo menos o 2º grau, porque a pessoa sem estudo é enganada pelo mundo afora, difícil de arranjar um emprego de carteira assinada pra garantir seus direitos. Hoje é preciso estudar para conhecer as coisas do mundo, para conseguir uma vida melhor. Eu reconheço que a vida aqui no sítio é muito difícil. (pequena pausa). Olhe a semana passada meu irmão²⁰ piorou - porque ele tem câncer - eu fiquei aqui doida, sem saber o que fazer. Não tem aqui nenhum socorro médico e transporte. Só lá na pista. Foi que Gutierre, que graças a Deus sabe dirigir a moto, pegou a moto e saiu atrás de um carro pra socorrer o tio. Se num fosse ele, eu num sei o que teria acontecido. Aí eu botei ele no carro e toquei pra Campina e graças a Deus ele tá vivo²¹.

O olhar da mãe de Taíse é atraído por dois adolescentes que iam passando tranquilamente numa carroça puxada por um boi com dois botijões de água em cima. Tinham ido pegar água em algum barreiro ou açude da comunidade. Ela imediatamente observou-os pela janela e disse: “Tá vendo aqueles ali. A mãe num se importa, eles tão sem

¹⁸ Marx utiliza essa palavra em o *Manifesto do Partido Comunista*, p. 32, quando afirma que “a burguesia aumentou prodigiosamente a população das cidades em relação à dos campos e, com isso, arrancou considerável parte da população do embrutecimento da vida rural”. A associação dessa palavra a educação é feita por Marx em o *Capital*, 1998, p. 550, onde ele afirma: “grande parte deles não sabe ler; são geralmente criaturas embrutecidas, anormais”. Marx se referia aos jovens sem escolarização que eram explorados nas tipografias inglesas.

¹⁹ Gutierre conseguiu um emprego na Alpargatas (Distrito Industrial de Campina Grande). Não abandonou os estudos. Com dificuldade “mas muito feliz”, segundo ele, está conciliando o trabalho, os estudos e a ajuda aos pais.

²⁰ Antes do término da pesquisa o câncer levou à morte o tio de Gutierre e Taíse.

²¹ Entrevista da mãe de Gutierre e Taíse em 12 de outubro de 2007. Ver anexo VI, p. 146.

estudar. Eu acho muito errado, nesse tempo o pai tem que ficar ‘em cima’ dos filhos, num deixar desistir da escola de jeito nenhum²²”.

Nessa entrevista três aspectos são muito importantes para que percebamos transformações no modo de vida camponês: 1º) a consciência dos pais para que os filhos estudem mais do que eles; 2º) a necessidade da orientação e da responsabilidade dos pais na preparação dos filhos e 3º) a importância da força jovem para a permanência do homem do campo no campo.

Enquanto conversávamos na sala de jantar, à mesa, ouvíamos o barulho de Gutierre “sacudindo” o milho no terreiro. “Sacudir” o milho é um tipo de serviço onde se solta o milho de dentro de algum recipiente de cima para baixo, e enquanto o milho chega ao chão forrado com um plástico ou com outro recipiente, o vento retira as sujeiras leves, limpando os grãos.

Chegou a hora de nos despedir, pois ainda íamos visitar outro jovem. Despedimo-nos, e ela acompanhou-nos. Ao sairmos de dentro de casa, avistamos Gutierre, que já havia terminado o serviço da “limpeza” do milho. Ele tinha ensacado os grãos e estava conduzindo os sacos cheios, com as bocas costuradas a agulha grossa e cordão de saco, para o quarto de dispensa em um carrinho de mão.

Gutierre estava com as bochechas rosadas por causa do sol, o suor escorrendo pelo rosto, os braços e as pernas com os músculos estirados. Mas não economizou sorriso. Colocou o carro de mão no chão e parou para conversar conosco. Disse que “estava muito feliz de me ver”. Do seu lado, estava seu pai que coordenava o serviço. Bem à nossa frente, as cercas de arame farpado completas de roupas lavadas estendidas que, segundo a mãe dos jovens, Taíse “teria acordado bem cedo, para lavar, também já teria arrumado a casa, porque a tarde estava reservada para seu trabalho de manicure²³”. Eram 13h15 e nós nos despedimos para ir à casa de Cláudio.

Chegamos à casa de Cláudio às 13h35. Fomos recebidas por seu pai e sua irmã, pois sua mãe havia viajado para o Rio de Janeiro para visitar os filhos que estão lá. Entramos e sentamos, enquanto esperava o pai de Cláudio ordenhar o leite das vacas. A porta ficou aberta. Ao olhar para a cerca em volta da casa, avistamos Cláudio entrando pela porteira confeccionada de tábuas e arame. O rosto moreno e a blusa molhada de suor, os

²² Ver anexo VI, p. 146.

²³ Essa informação a mãe de Taíse e Gutierre forneceu quando já estávamos no terreiro de sua casa quando ela nos acompanhava até a nossa saída para se despedir.

pés sujos de lama. Ele não estava trabalhando para seu pai, mas para uma tia sua. Trabalho alugado permitido pelos pais para “incentivar a responsabilidade e o controle de suas economias” (outros jovens disseram o mesmo). O dinheiro serve para comprar roupas, calçados, objetos de uso pessoal e para se divertir.

O jovem de 17 anos é também filho caçula de uma família de cinco irmãos. Três deles migraram para o Rio de Janeiro e não querem que Cláudio saia de casa, porque ele é a força de trabalho na luta entre a agricultura e a criação de animais.

Na escola, quando perguntamos a Cláudio se ele trabalhava muito, ele estendeu-me suas mãos e perguntou: “Preciso dizer alguma coisa?”. As mãos dele estavam cheias de marcas de calo, com a pele ressecada e bastante grossa. Pudemos ver de perto porque elas estavam tão machucadas.

Apesar do trabalho duro, Cláudio incorporou as orientações de seus pais e desaprova o comportamento dos jovens da zona urbana, embora reconheça que os trabalhos no campo são muito pesados. Para ele, os jovens da cidade são desinteressados porque têm a vida fácil, “é estudar, assistir televisão e acessar a internet”.

A postura de Cláudio é explicada por Bourdieu (2004b). Segundo o autor, “(...) o *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido, e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis* indica a disposição incorporada, quase postural” (BOURDIEU, 2004b, p. 61).

Cláudio demonstrou sua humanidade também com a pesquisadora, colocando em ação suas palavras. Ele foi um dos nossos melhores informantes, ajudando, juntamente com Taíse e Lenilson, a traçar os grupos de afinidade na sala de aula – as panelinhas, assunto do capítulo 4 -, já que não podíamos os identificar pelos nomes. Ele é articulado, conhece todos da turma e interage bem entre eles. Preocupou-se conosco deslocando-se por várias vezes até minha casa, na zona urbana, para tirar dúvidas e fornecer informações que faltavam. Convivemos de perto com o espírito de solidariedade, cumplicidade e respeito ao outro. Cláudio interiorizou fielmente as lições de seu pai, que disse: “a melhor riqueza que um pai deixa para seu filho é ensinar a saber viver no mundo”. Para os pais entrevistados, “saber viver no mundo²⁴” não tem preço, pois é bom ser aceito nos outros grupos por onde circulamos.

Em conversa, o pai de Cláudio expressou que “é obrigação dos pais ensinarem aos filhos como se comportar no mundo: comer do suor do seu rosto, do seu trabalho, respeitar

²⁴ Ver anexo VI. p. 148.

os outros indistintamente, não pegar no alheio, não mentir nem enganar ninguém”. No tempo do seu pai, continuava ele, “se não aprendesse pelo conselho aprendia pela pancada²⁵”, mas que ele não precisou apanhar enquanto criança. Com os filhos, ele seguiu o mesmo “estilo, impunha regras, mas sem bater, e valeu a pena, porque seus filhos são amados aonde chegam”.

Para o pai de Cláudio, “quando a educação na infância é boa, não precisa dos pais viverem preocupados com os filhos, pois, onde eles estiverem, são boa gente”. Ele afirmou que “considerava um erro o descuido dos pais com seus filhos, pois a missão dos pais é educar os filhos e quando isso não acontece, fica por conta do mundo e é por isso que se criam aí os drogados, desordeiros. Ensinar os filhos as dificuldades da sobrevivência através do trabalho e do conselho é muito importante, ensina a dar valor à vida”. Mas ele não afasta a idéia da “liberdade para diversão e para o tempo de estudo”. No entanto, frisou: “os meus filhos sabem que é preciso saber andar no mundo, escolher as pessoas com quem andar, para não se meter em complicação. Amigo ruim é uma desgraça para a pessoa e a diferença da educação no campo e na cidade é que a gente ensina isso aos filhos, e também ocupa seu tempo. Hoje que já estão rapazes e moças eles não precisam mais nem eu precisar ficar lembrando isso”. O conteúdo dessa conversa é o mesmo nas outras entrevistas dos pais da zona rural e da zona urbana, de origem rural. O centro da preocupação deles é construir nos filhos uma boa índole, uma ética e uma moral forte. Para ser uma pessoa verdadeiramente humana, “é melhor ser uma pessoa de caráter do que possuir inúmeros bens econômicos”, segundo eles.

As declarações do pai de Cláudio, que coincidem com as da maioria dos pais entrevistados, podem explicar as hipóteses dos professores, de que os alunos da zona rural recebem uma educação diferenciada porque interagem mais no cotidiano com seus pais.

Deixamos a casa de Cláudio às 16h00, depois de uma longa conversa com seu pai. Quando íamos sair, ele pediu que esperasse, foi buscar uma abóbora (gerimum na variante regional) e nos presenteou. Despedimo-nos depois de agradecer o presente e voltamos para casa.

A rotina dos jovens no campo é assunto em diversas pesquisas no Brasil (CASTRO, 2003; MENEZES, 2006; WEISHEIMER, 2004; STROPASOLAS, 2006; WANDERLEY, 2006). As conclusões indicam o envolvimento do jovem como importante força de trabalho. Os tipos de serviços desenvolvidos pelos indivíduos no campo variam de

²⁵ Todos os fragmentos desta página estão integralmente na entrevista em anexo, p. 148.

acordo com a força física, as condições econômicas e o sexo. Logo, a juventude é a fase em que o trabalho é imprescindível para a agricultura familiar, a ponto de a mãe de Gutierre e Taíse afirmar que perdendo a força de trabalho dos filhos que ainda estão em casa, Taíse, Gutierre e uma irmã de 10 anos, vai pra cidade, porque não compensa pagar mão-de-obra na produção agrícola familiar. Disse isso com pesar, porque imediatamente lembrou o que perderia, caso deixasse o sítio:

O que é bom aqui é a liberdade de viver cuidando da terra, os benefícios de poder pegar uma galinha e matar para uma visita, ter espaço para se movimentar, ter acesso aos produtos fresquinhos da terra, sem agrotóxicos, sem doenças. Mas sem assistência de médico, de transporte, principalmente à noite, em caso de precisar socorrer um doente – como na aflição na piora do meu irmão, que Gutierre ajudou a socorrer, fica inviável a sobrevivência no sítio²⁶.

Ficar no sítio também foi assunto de conversas com os jovens na escola. Eles demonstraram o desejo de continuar no campo onde podem viver livremente. Mas levantaram outras questões, como disse Alfani, uma jovem de 23 anos da turma da 2ª série:

É bom viver no sítio porque as pessoas são mais humanas, se ajudam mais, mesmo já tendo mudado muito, porque já incorporaram muitos hábitos urbanos, mas é muito triste não ter acesso às coisas. No sítio não tem chance de emprego. Para comprar as coisas é muito difícil. Mas se a gente tivesse meios de uma vida mais digna, não deixaria a terra, as pessoas que a gente ama²⁷.

As “coisas” a que Alfani se referia não eram artigos de luxo, não que eles não sonhem em possuir, mas eram coisas simples como uma alimentação melhor, água potável para beber e cuidar da casa, pois nos períodos de seca passam necessidades extremas nesse sentido. Referia-se também um melhor atendimento de saúde, pois os Postos de Saúde da Família (PSF), nos sítios, prestam serviços ainda inferiores aos da cidade, além de estarem a longas distâncias das residências da maioria das pessoas. Essas questões foram discutidas

²⁶ Entrevista da mãe de Gutierre e Taíse, em 12 de outubro de 2007. Ver anexo VI, p. 146.

²⁷ Declaração de Alfani na hora do recreio, discutindo com um grupo de amigos onde se morava melhor.

por inúmeras vezes nos diálogos com os jovens na escola. Sobre a questão da água, o pai de Adriana, em um tom de revolta, afirmou que “os canos da CAGEPA (Companhia de Água e Esgotos da Paraíba) passam por dentro da comunidade e eles não têm direito à água encanada por questões políticas²⁸”.

Nesses períodos de dificuldade é que eles conhecem a importância da solidariedade para manter a sobrevivência do grupo. Deixam de comprar uma roupa nova, um calçado, fazer um passeio, porque precisam priorizar a alimentação, por exemplo. Segundo o depoimento do pai de Adriana, “muitas vezes nós temos que fazer escolhas entre comprar uma roupa, um calçado, um objeto para casa, para comprar um carro de água. A gente se junta, compra, coloca na cisterna e vai usando até acabar²⁹”.

Lição que levam para sala de aula, praticando-a, chegando às vezes a infringir regras, como é o caso da “cola”. Mas, assim como Cláudio, Gutierre e Taíse, as histórias dos jovens são idênticas. Presenciamos diversas situações em que estavam trabalhando, porque avisávamos a semana em que íamos, mas não marcávamos o dia, exceto na casa de Lenilson, aonde fomos com hora e dia marcados, porque ele joga bola e frequenta a igreja, e queria estar em casa para nos receber.

Surpreendemos jovens buscando água de longas distâncias no jumento carregado de ancoretas, em baldes de lata, na cabeça ou em vasilhas maiores em carroças de boi. Alguns que não visitamos em virtude do pouco tempo para pesquisa, contavam na escola sobre suas rotinas de agricultores, que se assemelhavam às já mencionadas acima. Algumas moças quando foram contar que trabalhavam na enxada falaram baixinho. Duas irmãs até pediram: “mas não diga a ninguém não”. Elas tinham vergonha de expor para seus colegas, que eram moças e desempenhavam trabalhos mais apropriados para rapazes.

Repetidos discursos nas horas do recreio, no ginásio, nos dias de jogos e nas aulas vagas, indicaram quanto é importante para os pais que eles participem das “lidas do dia-a-dia”, porque só assim percebem as dificuldades da vida, valorizando-a ainda mais. E não importa se o trabalho é agradável ou não, eles precisam executá-lo, porque é o que existe no seu contexto de vida. Disse Júnior:

Eu não gosto muito de viver no sítio não! Não é porque o sítio é ruim. Lá é bom, a gente tem liberdade, sai qualquer hora sem medo, não tem a

²⁸ Essas informações o pai de Adriana nos forneceu no dia da entrevista enquanto nos acompanhava até o terreiro para nos despedirmos.

²⁹ Idem.

pressão do relógio para fazer os serviços. Por exemplo, pode começar mais tarde, terminar mais cedo... Tem os amigos, o jogo de futebol, a cachoeira, as quadrilhas juninas. Mas o tipo de trabalho é escravizante porque a gente trabalha muito e não vê muito futuro (pequeno silêncio). Eu mesmo quando chegar em casa, vou cortar palma para o gado³⁰.

Júnior, 18 anos, também é filho caçula de uma família de oito irmãos. Em casa só estão ele e duas irmãs mais novas. Júnior é responsável pelo serviço pesado, a exemplo do cuidado com os animais – principalmente porque seu pai desenvolve uma atividade extra-agrícola, medindo terrenos, por todo o município de Queimadas, vivendo grande parte do tempo fora de casa –. Esse fato aponta uma diferenciação entre os sexos, pois suas irmãs ajudam nas tarefas domésticas e na agricultura, ou ainda, no cuidado com os animais de pequeno porte como as aves e os suínos, mas o boi e a vaca são tarefas de Júnior. Ao se referir ao trabalho “escravizante”, porque “trabalha e não se vê futuro”, Júnior relacionou ao progresso de quem trabalha na indústria porque tão logo começa a trabalhar, melhora suas condições de vida, “compram uma moto”, por exemplo. Enquanto o trabalho na agricultura familiar se resume à sobrevivência alimentar, pouco sobrando para comprar outros produtos desejados pelos agricultores e suas famílias.

Percebe-se também no depoimento de Júnior, a contradição existente no depoimento da mãe de Taíse, entre o lado negativo e positivo de viver no sítio. Para os pais de Júnior, “o trabalho não é escravizante, porque eles não pegam no dinheiro vivo, mas tudo que produzem é de acesso de todos do grupo familiar”. Disse a mãe de Júnior:

Ele se aperreia porque não tem as coisas do jeito que ele quer. Ele sonha em comprar uma moto. Porque o celular o irmão mandou um pra ele do Rio de Janeiro. Mas ele precisa entender que eles (ela e o esposo) fazem o possível, e por enquanto, que Junior ainda não terminou o 2º grau e o curso de computação, já que todo mundo precisa comer e vestir ele precisa ter paciência. (pequeno silêncio). Eu não posso privilegiar Júnior, não tem um melhor do que o outro, eu ajudo a todos os meus filhos, até os que já estão casados, se precisar... Mas eu dou o dinheiro do leite a ele, porque ele é rapaz e não pode andar liso. Se não ajeitar ele, ele vai embora sem terminar os estudos³¹.

³⁰ Declaração de Júnior na sala de aula na escola, enquanto conversava com amigos e eu observava os diálogos.

³¹ Entrevista com a mãe de Júnior no “sítio”. Ver anexo VI, p. 149.

Nessa entrevista aflora a questão de gênero e da idade. Por ser homem e maior de idade, Júnior não pode depender totalmente dos pais, e oferecer-lhe o dinheiro do leite foi uma forma que a mãe arranhou de proporcionar-lhe uma pequena renda semanal. Essa atitude contribui para aumentar ainda mais a liberdade de Júnior. Com o dinheiro ele pode ir a festas na cidade, freqüentar as rodas de amigos e comprar algumas coisas de uso pessoal sem estar pedindo dinheiro diretamente aos pais, cada vez que precisar.

Entretanto, nas entrelinhas do discurso, a mãe de Júnior dava indicativos da necessidade de seu trabalho no grupo familiar, sendo um dos motivos que a faz adiar a liberação de Júnior na migração para o Rio de Janeiro, além de amenizar o conflito entre ela e o filho. Em alguns trechos da entrevista ela mencionou: “é Júnior quem cuida dos bichos...”, “Júnior leva os ovos para vender na rua...”, “Júnior corta a palma...” confirmando a importância da mão-de-obra masculina jovem do filho para a família. Em diversas pesquisas, a exemplo de Stropasolas em Santa Catarina, Weisheimer em Escadinhas, Feliz – RS, também se observa a importância da mão-de-obra dos filhos e filhas na divisão do trabalho produtivo na família.

Para 49 jovens com quem conversamos diariamente, no período da etnografia na turma da 2ª série do ensino médio, “o trabalho é uma forma muito eficaz de educar, porque ensina o quanto é difícil conseguir cada ‘melhora’ que eles tiveram em casa”, o que vem em espaços de tempo longo. Essa melhora é descrita como sendo a compra de eletrodomésticos, como televisão, geladeira, som, celular e reformas em suas casas, ou até a aquisição de uma moto. Sendo a geladeira e a moto aquisições de poucas famílias. A televisão e o som foram encontrados em todas as casas visitadas e em entrevista todos os jovens declararam possuir televisão em suas casas.

Ao mencionar que “o trabalho é uma forma muito eficaz de educar, porque ensina o quanto é difícil conseguir cada melhora que tiveram em casa”, compreendemos porque os jovens encontram dificuldades no aprendizado dos conteúdos escolares. Toda e qualquer interiorização de tipos de saber são perpassadas pelo sentido prático. Nessa linha de pensamento Bourdieu de acordo com Miceli afirma:

[...] o habitus seria um conjunto de esquemas implantados desde a primeira educação familiar e constantemente repostos e reatualizados ao longo da trajetória social restante, que demarcam limites à consciência possível de ser mobilizada pelos grupos e ou classes, sendo assim responsáveis, em última instância, pelo campo de sentido em que operam

aprendizado acontece através do processo: ver-aprender-fazer e onde as palavras não são apenas faladas, mas praticadas.

Percebe-se que os conteúdos curriculares, conforme parâmetros orientados na escola, não correspondem às perspectivas dos jovens da zona rural, mediante sua realidade humana e material, onde teoria e prática são indissociáveis no processo de ensino-aprendizagem.

Depois de apresentarmos como vivem os jovens no espaço familiar e como o *habitus* influencia as interações humanas na escola, vamos mostrar a relação que existe entre as condições sociais e econômicas e os projetos educacionais, o que reflete cotidianamente no comportamento do jovem rural no interior da instituição.

2.3 A família e a valorização da educação escolar

José de Sousa Martins, em seu artigo *A valorização da escola e do trabalho no meio rural* (1975), aponta para uma questão que recentemente autores têm sugerido como relevante na área da Sociologia da Educação: estudar a escola no sentido de observar e analisar suas formas de representação, ou seja, voltar o olhar para sujeitos sociais e não para a estrutura de funcionamento, entre eles Brandão (2007), Dayrell (2006) e Sposito (2000).

José de Souza Martins (1975) seguiu essa orientação, ao analisar dados de sua pesquisa em São Paulo sobre as “Condições Sociais do Desenvolvimento Agrário”. Encontrou no material coletado o assunto sobre educação, que lhe possibilitou perceber que a valorização da escola variava de acordo com a situação histórica. Para ele, o “significado da escolarização não é definido apenas a partir da perspectiva do sujeito, mas, sobretudo dos componentes cruciais da situação, que nessa perspectiva se exprimem, e que o definem como ser social” (MARTINS, 1975, p. 84), dando assim uma conotação classista ao processo educacional escolar.

Para o autor (1975), a concomitância da escolarização com o trabalho produtivo no meio rural não é apenas um aspecto distintivo da inserção da escola na vida da população. É a imposição, igualmente, das condições de existência e das representações que as integram coerentemente em um modo de vida. E esse não é um fato do passado, ainda acontece constantemente nos dias atuais.

A teoria de José de Souza Martins (1975) se concretiza se comparada aos nossos dados. Para o autor, a importância da escola vai mudando em cada período histórico. E o que vimos foi uma constante preocupação dos pais com a educação dos filhos. Ao se intensificar as relações entre o campo e a cidade através dos meios de transportes e de comunicação, há cada vez mais necessidade de os jovens rurais dominarem a linguagem escrita. Por que os jovens especialmente? Porque eles são os que mantêm mais contato entre os dois espaços, ingressando no mercado de trabalho, e porque ajudam a família no intercâmbio entre as duas zonas.

No entanto, percebemos que a quantidade de anos de estudo está atrelada às condições materiais da família, como podemos perceber nos depoimentos³³ a seguir.

Mãe de Júnior: “Júnior pode ir ao Rio de Janeiro, mas primeiro ele tem que terminar o segundo grau e o curso de computação”.

Mãe de Gutierre: “Gutierre só fala em trabalhar, queria até deixar de estudar, mas primeiro ele tem que terminar o segundo grau”.

Pai de Cláudio: “Cláudio precisa estudar. Não é só por causa do emprego não, quem tem coragem nunca fica desempregado. O estudo faz falta é pra andar no mundo: Ler as placas, pegar ônibus”.

Nestes fragmentos, percebe-se a valorização dos estudos pelos pais, mesmo que reconheçam suas limitações dadas pelas condições objetivas, principalmente renda insuficiente que leva a precisar da ajuda monetária dos filhos, tão logo fiquem de maior idade. Assim o ensino médio é imprescindível, constituindo-se como o nível de escolaridade desejado pelos jovens e pais. Cláudio certa vez afirmou: “eu sonho em fazer um curso superior, entrar numa universidade, mas de que adianta entrar e não conseguir ficar, eu não conseguiria me manter lá. E essa é a situação da maioria dos que estudam nessa sala”.

Segundo Nogueira, para Bourdieu,

Cada grupo social, em função de sua posição no espaço social, iria constituindo ao longo do tempo um conhecimento prático sobre o que é possível ou não de ser alcançado pelos seus membros dentro da realidade

³³ Ver entrevistas na íntegra nos anexos nas páginas 144-151 deste trabalho.

social concreta na qual eles agem e sobre as formas mais adequadas de fazê-lo. (NOGUEIRA, 2006, p. 53).

Logo, para os pais e os jovens, dadas as suas condições objetivas, o ensino médio é suficiente, pois pode dar acesso aos trabalhos na indústria ou no comércio, seja a nível local ou de Brasil. No discurso do pai de Cláudio, por exemplo, o estudo é suficiente quando ajudar a “ler o mundo” moderno, repleto de símbolos a serem interpretados e o ensino médio fornece meios para isso.

Percebe-se que apesar da pouca escolarização dos pais, demonstrada no quadro a seguir (quadro 3), há uma valorização pelos estudos, porque continua sendo a esperança de ascensão social e até de ser amparado por um dos filhos na velhice, quem sabe, na zona urbana, como verificou também Stropasolas (2006) em Santa Catarina.

Quadro 3 – Nível Educacional dos Pais dos Alunos da 2ª Série do Ensino Médio da Escola “O Assisão”

GRAU DE ESCOLARIDADE	Analfabeto		Fundamental I incompleto		Fundamental II incompleto		Ensino médio		Ensino superior	
	pai	mãe	pai	Mãe	pai	Mãe	pai	Mãe	pai	mãe
	7	4 (15,9%)	10	18 (40, 5%)	16	11 (39,1%)	1	1 (3 %)	0	1 (1,5%)
PRINCIPAL ATIVIDADE	38 PAIS PRATICAM A AGRICULTURA FAMILIAR									
FORMA DE ACESSO A TERRA	Pequeno produtor		Morador			Rendeiro		Outros		
	32 (84,2%)		5 (13, 1%)			0		1 (2,7 %)		
RENDA COMPLEMENTAR	Profissão				Nº. de pais		Profissão		Nº. de pais	
	Agente de saúde				1		Motorista		1	
	Pedreiro				1		Merendeira		2	
	Comerciante				1		Professora		1	
	-				-		Medidor de terras		1	
NÚMERO DE FILHOS POR FAMÍLIA	Nº. de famílias					Nº de filhos				
	10					3				
	6					4				
	4					2				
	1					7				
	8					5				
	3					8				
	2					9				
	1					10				

Fonte: Dados da pesquisa – Questionários aos pais

Os dados indicam uma baixa escolarização dos pais, com um número representativo de analfabetos. No total da amostra, dos 38 questionários respondidos, 15% dos pais não sabem ler nem escrever, 40,5% dos pais não completaram o ensino fundamental I (de 1ª a 4ª séries), 39,1% dos pais não possuem o ensino fundamental II completo (5ª a 8ª séries), 3% concluíram o ensino médio e apenas 1,5% possui curso superior, sendo um número maior de homens analfabetos e com ensino fundamental I incompleto, situação que se reproduz em todas as salas de aula da escola, principalmente no horário da manhã (os pais da zona rural), segundo informações da direção.

Todas as famílias que responderam aos questionários praticam agricultura familiar, a maioria (84,2%) em terras próprias. Apenas 13,1% das famílias são moradores e 2,7% possuem terras e aumentam a produção agrícola em época de inverno em terras arrendadas. Algumas famílias recebem ajuda do governo federal pelos filhos menores de 16 anos que estão na escola, principalmente o Bolsa-Escola. Outras são ajudadas pela aposentadoria dos avós (dados da pesquisa etnográfica – caderno de campo).

Um fato interessante nos dados observados acima é a diminuição no número de filhos por famílias. Em 29 famílias, o número de filhos varia entre dois e cinco, para seis famílias com número de filhos variando entre oito e dez, o que sugere cuidados com o planejamento familiar.

Todos os jovens da zona rural ajudam a família nos trabalhos domésticos, agrícolas e na criação de animais, como podemos observar no quadro seguinte, construído a partir do preenchimento de cinquenta e nove questionários respondidos em sala de aula. Os questionários foram estendidos aos jovens da zona urbana (2ª série do ensino médio - tarde). Dos trinta e oito da zona rural, dois não quiseram responder e dos vinte e um da zona urbana, apenas dois rapazes não responderam. Achamos interessante comparar as respostas dos dois turnos para perceber as variações dos tipos de ajudas dos jovens na família.

Quadro 4 – Atividades Praticadas pelos Alunos da 2ª Série do Ensino Médio da Escola “O Assisã” Junto à Família

	Zona Rural		Zona Urbana	
	Sexo	Nº. de respostas	Sexo	Nº. de Respostas
Apenas em Tarefas Domésticas	Rapazes	-	Rapazes	2 (10,5%)
	Moças	13 (35,2%)	Moças	17 (89,5%)
Na Agricultura e Criação de Animais	Rapazes	8 (21,6%)	Rapazes	-
	Moças	-	Moças	-
Só na Agricultura	Rapazes	9 (24,3%)	Rapazes	-
	Moças	-	Moças	-
Na Agricultura e Tarefas Domésticas	Rapazes	-	Rapazes	-
	Moças	7 (18,9%)	Moças	-

Fonte: Dados da pesquisa – Questionários aos jovens

Como podemos constatar, há uma participação de todos os jovens nos trabalhos do grupo familiar, sendo os jovens rurais inseridos nos trabalhos mais pesados. Percebe-se uma diferenciação entre os sexos. As moças trabalham na agricultura, mas os rapazes não ajudam nos serviços domésticos. Por outro lado, não há participação das moças nos cuidados com os animais de grande porte, como boi ou vaca. Essa diferenciação entre os sexos foi percebida nos trabalhos de diferentes autores (CASTRO 2003; HEREDIA, 1979; MENEZES, 2006 WEISHEIMER, 2004; STROPASOLAS, 2007; WANDERLEY, 2006;). Sobre esse assunto Bourdieu afirma:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a distribuição social do trabalho, distribuição bastante restrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço opondo o lugar de assembléia ou do mercado, reservados aos homens e a casa, reservada as mulheres. (BOURDIEU, 2003, p. 18).

Assim, na zona rural, a cozinha “não é lugar de homem”, mas “roçado é lugar de mulher”, reforçando a dominação masculina (BOURDIEU, 2003). Na zona urbana, aparece uma pequena abertura para os trabalhos masculinos no interior das casas. Incentivados pelos pais para intercalar com o horário escolar dos filhos, como demonstrou o discurso³⁴ de “Seu” Geraldo, 07 filhos, viúvo, que disse: “aqui todos ajudam nas tarefas. Cada um tem sua obrigação. Inclusive os meninos que ajudam nas tarefas da casa”. E o de Dona Aparecida. Ambos de origem rural, hoje residentes da zona urbana.

[...] hoje eu crio meus filhos do mesmo jeito. Cada um tem sua obrigação. Todos são responsáveis: ajudam em casa, estudam, brincam e assistem televisão. Os mais velhos terminaram o segundo grau, mas pararam de estudar para me ajudar nas despesas de casa. Eles trabalham fazendo bico nas lojas de material de construção da cidade³⁵.

A narrativa de dona Aparecida reforça o que disseram os outros pais: na falta do trabalho agrícola, ela ocupa o tempo dos seus filhos com tarefas domésticas. Ela repete com seus filhos os ensinamentos interiorizados no seu *habitus* adquirido na convivência no interior de sua família. Sobre esse assunto Menezes afirma:

O trabalho, nas comunidades camponesas, é mantido como elemento indispensável na socialização das crianças, e se apresenta com o caráter disciplinador para os membros da família, pois é através do trabalho que os agentes são disciplinados, tornando-se homens e mulheres dignos(as), honestos(as), obtendo o respeito social de todos os membros da sociedade em que estão inseridos. (MENEZES, 2002, p. 192).

A partir do exposto, demonstramos que é na relação entre gerações mediada pelo trabalho que os jovens constroem suas identidades de disciplinados, o que influencia na formação do seu caráter no seio da sociedade onde estão inseridos e interagindo cotidianamente. Entretanto, não podemos ocultar um outro lado da relação entre pais e filhos. Concordamos com Castro (2003) e Menezes (2006) que essa convivência é marcada

³⁴ Ver entrevista na íntegra em anexo, p. 150.

³⁵ Ver entrevista na íntegra em anexo, p. 151.

por relações de poder e muitas vezes por tensões. E é justamente nesse conflito estabelecido que o jovem rural interioriza valores morais como obediência e humildade. Mas queremos lembrar que nem sempre há consciência desse processo por ambas as partes. Para os pais que entrevistamos “estão fazendo o bem para os filhos”, por outro lado, os filhos acham que “é dever obedecer aos pais”.

A respeito da obediência aos pais, Menezes (2006) afirma em seu trabalho sobre memórias de famílias camponesas em Fagundes, município vizinho de Quicimadas, Estado da Paraíba, que antes, a obediência “ocorria pelo respeito e aceitação à autoridade do pai e eram marcados por punições físicas”, hoje os filhos não mais obedecem aos pais, segundo narrativas de mães à pesquisadora (MENEZES, 2006 p.105). Dizemos que existe obediência ainda. Não na mesma proporção existente no passado, no tempo em que os pais dos jovens viviam suas juventudes. Ela existe hoje principalmente por dois motivos: pela dependência dos filhos aos pais, que nessa sociedade exigente por qualificação profissional estão saindo mais tarde de suas casas, e, segundo, pelo medo de perder os cuidados dos pais, que tentam oferecer uma qualidade de vida melhor a seus filhos, mesmo os mais pobres. E é importante dizer que as políticas públicas do governo, a exemplo do Bolsa Família, contribuem, em parte, para isso.

Para Menezes (2006), em leitura de Weber³⁶ (1999^a, p. 139-140), “a eficácia da dominação é quando o indivíduo ou grupos sociais obedecem à determinada ordem ou cumprem efetivamente algum mandato orientado por motivações, como interesses materiais, regras sociais, valores e afeto” (MENEZES, 2006, p.105). A obediência dos jovens é permeada por todas essas motivações, tanto em casa, quanto na escola, onde o interesse maior passa a ser a aprovação em cada ano letivo.

Entendemos que a imagem do jovem rural na escola, elaborada pelos professores e direção, associada aos mais interativos, solidários, interessados e obedientes (fáceis de conduzir), situa-se nos processos de socialização da família, como expusemos no decorrer deste capítulo. Percebemos que o estilo de vida orientado pela ética e pelo amor ao trabalho; o gosto pela liberdade e tranqüilidade; o valor a religião, a uma vida simples, a solidariedade e a reciprocidade são elementos constituintes do habitus do jovem rural que orienta suas práticas nas interações face a face no espaço escolar. O jovem rural se representa como sendo mais dócil, humilde, interessado, amigo, esforçado e obediente

³⁶ WEBER, M. Economia e Sociedade. Vol.1, 4ª. Edição. Brasília: Ed. UnB e São Paulo:Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999^a. WEBER, M. Economia e Sociedade. Vol.1 Brasília: Ed.. UnB,1999^b.

porque para eles é muito importante manter uma boa relação pessoal dentro dos grupos por onde circulam.

Os próximos capítulos dedicam-se a analisar as interações dos jovens rurais no contexto escolar com professores, funcionários, direção e demais colegas, nos espaços interiores e exteriores à sala de aula da 2ª série do ensino médio na escola, para comprovar a outra hipótese desse trabalho, elaborada a partir de depoimentos de educadores afirmando que os jovens rurais são mais pacíficos, esforçados e interativos, devido ao *habitus* incorporado no espaço de socialização primária, representação que foi aqui por nós demonstrada.

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE INTERAÇÃO SOCIAL: O TEMPO SEM AULA

Vivo em uma grande labuta
Trabalhando todo dia
Vir à escola pra mim
É uma grande alegria

(...)

Mas muito bom na escola
É o sexo oposto encontrar
Namorar, beijar na boca,
Paquerar, se apaixonar³⁷.

Esta parte do trabalho dedica-se à análise das interações sociais que ocorrem durante o tempo sem aula. O recreio e as aulas vagas são momentos liberados para o trânsito livre nas dependências da escola, os bate-papos, os namoros e as saídas de alguns alunos para resolver assuntos da escola ou de suas vidas pessoais. Apoiamo-nos na perspectiva teórica do *Internacionalismo Simbólico* para efetuarmos as análises neste capítulo e no capítulo 4.

3.1 Referencial teórico

O cotidiano, onde acontecem as interações sociais entre pequenos grupos, é objeto da chamada micro-sociologia. A micro-sociologia e a macro-sociologia se diferenciam porque a macro-sociologia se preocupa com sistemas sociais de grande escala, como o sistema político ou a ordem econômica, ou ainda, o processo de desenvolvimento industrial (GIDDENS, 2005). As micro-análises são importantes porque podem contribuir de forma

³⁷ Estrofes do poema n.º 03, p. 154.

significativa para entender como organizações – sejam de empresas particulares ou instituições públicas – funcionam (GIDDENS, 2005, p.84).

Os sociólogos que se interessaram pelas micro-análises, principalmente as de tipo face a face nos contextos da vida cotidiana, foram influenciados pelo interacionismo simbólico. Segundo Giddens (2005), o interacionismo simbólico surge de uma preocupação com a linguagem e com os significados. Interpretando Mead³⁸, o autor afirma que a linguagem permite que nos tornemos seres autoconscientes, ou seja, conscientes de nossa própria individualidade e capazes de nos vermos a partir de fora, como os outros nos vêem. Sendo os elementos-chaves nesse processo: as palavras, os gestos ou formas de comunicação não-verbal, sendo os dois últimos de nosso maior interesse.

Ainda segundo Giddens, em leitura de Mead,

[...] os humanos dependem de símbolos e de conhecimentos compartilhados em suas interações uns com os outros. Visto que os seres humanos vivem num universo ricamente simbólico, virtualmente todas as interações entre indivíduos humanos envolvem uma troca de símbolos (GIDDENS, 2005, p. 36).

Peter Berger e Thomas Luckmann (1974) seguem o mesmo raciocínio: a linguagem atua como marcadora de coordenadas da vida das pessoas na sociedade, que enche a vida de objetos dotados de significação. Segundo os autores,

O mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem as suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles (BERGER, 1974, p. 36).

Berger e Luckmann (1974) consideram a realidade da vida cotidiana a realidade por excelência, cuja posição privilegiada autoriza a dar-lhe a designação da realidade predominante, impossível de ignorar e difícil de diminuir a sua presença imperiosa. Esta

³⁸ Giddens (2005) não datou a obra em seu texto, ver Mead, George Herbert, interacionismo simbólico.

realidade é partilhada com outros, cuja experiência mais importante ocorre pela situação de se estar face a face, ou seja, em interação social. Todos os demais casos derivam desse. É na situação face a face que a subjetividade do outro nos é acessível, mediante o máximo de sintomas.

Erving Goffman (1985) é um nome representativo nesse tipo de estudo. Ele foi o autor que se destacou pela coragem de penetrar numa instituição e olhar de perto e por longo tempo a realidade, analisando interações “infinitesimais”, cuja integração faz a vida social. Goffman, segundo Bourdieu, conseguiu perceber que:

Através dos indícios mais sutis e mais fugazes das interações sociais, ele capta a lógica do trabalho de representação; quer dizer, os conjuntos das estratégias através das quais os sujeitos sociais esforçam-se para construir sua identidade, moldar sua imagem social, em suma, se produzir: os sujeitos sociais são também atores que se exibem e que, em um esforço mais ou menos constante de inserção, visam a se distinguir, a dar a “melhor impressão”, enfim, a se mostrar a se valorizar (BOURDIEU, 2004, p. 12).

Bourdieu referia-se ao Goffman da obra manicômios, prisões e conventos, por sua originalidade e ousadia em fazer pesquisa sociológica, inserido dentro do espaço de pesquisa (BOURDIEU, 2004, p. 11). É com esse espírito goffmaniano que percorremos o caminho etnográfico, observando as interações sociais dos jovens dentro da instituição escolar “O Assisãõ”.

Alguns conceitos de Goffman (1985) foram imprescindíveis para analisarmos a etnografia, iniciando pelo conceito de interação. Segundo este autor, interações, especificamente a interação face a face, podem ser definidas como a “influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata” (GOFFMAN, 1985, p. 23). Na interação face a face, outros conceitos se fazem necessários. Entre eles: *fachada* e *fachada pessoal*, perpassados pelos de “aparência” e “maneira”; e os de *região*, divididos por Goffman entre “região de fachada” e “região de fundo” ou “bastidores” e o “lado de fora”.

O termo “representação”, de Goffman (1985), refere-se a toda atividade de um indivíduo em um período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência, sendo a fachada o

equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente, porque varia de acordo com a finalidade em definir a situação para os observadores da representação (GOFFMAN, 1985, p. 29).

Como “partes padronizadas da fachada”, trataremos de dois pontos: o primeiro, o cenário, compreende a mobília, a decoração e a disposição física que devem estar prontos para o desenrolar da ação humana dentro dele. O cenário tende a permanecer na mesma posição, geograficamente falando, de modo que aqueles atuantes em determinado cenário como parte de sua representação não possam começar a atuação até que se tenham colocado no lugar adequado e devam terminar a representação ao deixá-lo. Na escola, mesmo que os alunos troquem as cadeiras de lugar, quando chegamos ao início de cada aula, elas estão sempre bem organizadas em filas; Segundo, a “fachada pessoal”, onde podem ser incluídos os distintivos da função ou da categoria “vestuário”, “sexo”, “idade” e “características raciais”, “altura” e “aparência”; “atitude”, “padrões de transmissão de sinais”, como, por exemplo, as características raciais, são relativamente fixas, e dentro de um espaço de tempo não variam de uma situação para outra. Outros distintivos são relativamente móveis ou transitórios, como a expressão facial, podendo variar, numa representação, de um momento para outro (GOFFMAN, 1985, p. 31). A fachada pessoal é formada por estímulos.

Os estímulos que formam a fachada pessoal podem ser divididos em “aparência” e “maneira”, de acordo com a função exercida pela informação transmitida por esses estímulos. “Aparência” são estímulos que funcionam no momento para nos revelar o status social do ator. Estes estímulos informam também sobre o estado ritual temporário do indivíduo, isto é, se ele está empenhado numa atividade social formal, trabalho ou recreação, ou informal, se está realizando ou não, uma nova fase no ciclo das estações ou no seu ciclo de vida.

“Maneira” são os estímulos que funcionam no momento para informar sobre o papel de interação que o ator espera desempenhar na situação que se aproxima. Uma maneira arrogante e agressiva, por exemplo, pode dar a impressão de que o ator espera ser a pessoa que iniciará a interação verbal e dirigirá o curso dela. Alguns professores usam essa estratégia para não perder o domínio de sala. Por outro lado, uma maneira humilde acusatória pode dar a impressão de que o ator espera seguir o comando de outros, ou pelo menos, que pode ser levado a proceder assim. Na nossa observação não presenciamos nenhum caso de professor que agisse assim.

Espera-se que haja compatibilidade entre aparência e maneira e certa coerência entre ambiente, aparência e maneira. Alguns professores, como o de Português e o de Matemática, procuram essa coerência, como veremos no próximo capítulo. Mas, evidentemente, aparência e maneira podem se contradizer entre si (GOFFMAN, 1985). Isso ocorre na sala de aula, quando alguns professores sentam-se juntos com grupos de alunos e alunas, brincando, conversando, contando piadas, entre outras coisas. Nesse momento eles agem como os alunos, falam de qualquer assunto, sem formalidades.

Na escola, a representação dos indivíduos durante as interações varia de acordo com o tempo e a região. Uma região, para Goffman (1985), pode ser definida como “qualquer lugar que seja limitado de algum modo por barreiras à percepção”. A exemplo das “placas de vidro”, “tabicas de fibra de madeira” e no nosso caso, portas de madeira e portões de ferro, que limitam a “região de fachada”, a “região de fundo” ou “bastidores” e o “lado de fora”, também chamado nesse trabalho de “o mundo da rua” (GOFFMAN, 1985, p. 101).

Na escola, o espaço que pode ser considerado como região de fundo é apenas a sala da secretaria, porque é a única sala por onde não circulam alunos, nem visitas. É resguardada e protegida pelo banheiro dos professores e pelo fundo da sala da diretoria. Na sala dos professores e na sala da diretoria há uma mediação entre as duas. Essas duas salas para funcionar como região de fundo para algumas reuniões de educadores ou de autoridades do município, ficam com as portas e janelas fechadas. No cotidiano, elas são de livre acesso aos alunos, visitantes, docentes e outros funcionários. Algumas vezes a sala da diretoria é também espaço de interação entre educandos, professores e diretor. Sobre isso Goffman disse:

Entretanto, embora exista a tendência de uma região ser identificada como de fachada ou de fundo de uma representação com a qual esteja regularmente ligada, há ainda muitas regiões que funcionam numa ocasião e em certo sentido como região de fachada, e em outra ocasião e em outro sentido como região de fundo (GOFFMAN, 1985, p. 118).

Na região de fachada, os indivíduos atuam seguindo certos padrões de formalidade, de acordo com as exigências do local e do papel que representam. Por exemplo, os jovens não vêm namorar na sala da diretoria ou em seu entorno. Na “região de fundo” ou

“bastidores” admitem-se pequenos atos capazes de serem facilmente tomados como símbolos de intimidade e desrespeito pelos outros e pela região (GOFFMAN, 1985, p.121). Por exemplo, os namoros ocorrem amparados pelas árvores, ou pelo bloco central da escola, fora do alcance dos olhares do diretor ou da diretora adjunta.

Na sala de aula, em dias de prova, o comportamento dos alunos é mais homogêneo na frente e nos fundos da sala, porque existe a vigilância do professor que circula em silêncio por toda a sala, o que não impede a troca de cola discretamente, entre as panelinhas³⁹. Em dias normais de aula há representações diferenciadas. Nos grupos que escolhem sentar na frente, os jovens são mais concentrados, olham fixamente para o professor, evitam fazer barulhos. No fundo da sala, ficam os que querem conversar, deixar de copiar ou até cochilar nos braços das cadeiras, situação que presenciamos constantemente durante a etnografia. Sobre isso Goffman (1985) afirma: “(...) assim também, um dado lugar pode tornar-se tão identificado com um esconderijo onde certos padrões não precisam ser mantidos que se fixa com a identificação de uma região de fundo” (GOFFMAN, 1895, p. 117).

O “lado de fora” é a região exterior, que não é de fachada, nem de fundo, com relação a uma apresentação particular. No nosso caso, será o estacionamento, separado por toda “região de fachada”, que é toda escola em situação natural. Vejamos uma contextualização da escola “O Assisão” e como os alunos interagem durante o tempo livre nos diferentes espaços escolares.

3.2 “O Assisão”: aspectos históricos, geográficos, políticos e sociais

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco de Assis Maciel Lopes, O Assisão, em Queimadas, Estado da Paraíba, localiza-se ao lado da rodovia estadual PB-48 que liga Queimadas a Boqueirão, no bairro da Vila, como podemos ver na figura abaixo:

³⁹ Panelinhas foi como os jovens se auto denominaram, mas para Goffman (1985, pp. 76-83), as panelinhas são grupos pequenos que se unem para protegerem-se não de pessoas de outra categoria, mas das de seu próprio nível.



FIGURA 2 - VISTA AÉREA DO ASSISÃO. (FONTE: PORTAL QUEIMADAS)

A Vila é uma área da cidade com fortes características rurais. Seus habitantes são oriundos em sua maioria da zona rural. O processo de urbanização da Vila ocorreu por intermédio de um projeto do prefeito Saulo Ernesto Leal de Melo, hoje em exercício. No ano de mil novecentos e oitenta ele comprou um terreno medindo nove hectares, e distribuiu em doação às famílias carentes para construir casas de apoio capazes de servir para permanência dos jovens estudantes da zona rural, na sede do município. O objetivo do projeto era proporcionar um lugar de estada para os estudantes poderem passar a semana, sem a necessidade de os pais se desfazerem dos pequenos sítios e da agricultura familiar. Esse projeto fez-se necessário porque não havia escola no campo de 5ª à 8ª séries e de 2º grau, hoje Fundamental II e Ensino Médio, e muitos estudantes desistiam de estudar por causa das dificuldades de locomoção.

As casas foram construídas em regime de mutirão, com a parceria da prefeitura. Em alguns casos a obra foi entregue pronta. Para os que possuíam algum poder aquisitivo, a prefeitura ofereceu parte do material de construção ou apenas o terreno.

No entanto, muitas famílias começaram a residir de forma permanente na Vila e aos poucos ela começou a crescer como se estivesse organizando-se outra cidade. Foram construídas escolas e creches, a exemplo da Creche Pré-Escolar Irene Pereira dos Santos; a Escola Beatriz Ernesto de Melo com 586 alunos matriculados em 2007; o Grupo Escolar José Cordeiro da Silva com 288 alunos (ambas públicas de Fundamental I); a Escola Santa Maria, 160 alunos em 2007 (privada, Fundamental I) e várias escolinhas particulares na modalidade de alfabetização.

Quanto aos equipamentos de saúde, existem duas unidades do Posto de Saúde da Família (PSF). Também se instalaram alguns bares, mercearias, cinco salões de cabeleireiro, duas *lan-houses* e uma padaria. A vila conta com uma capela católica e quatro igrejas evangélicas. Está com mais de 50% de suas ruas calçadas, possui serviços

telefônicos e algumas oficinas de produtos eletrodomésticos. O fórum, antes funcionando no centro da cidade, também foi transferido para um prédio próprio na Vila.

Mesmo assim, a “Vila” é um bairro estigmatizado. No contexto do município de Queimadas, morar na “Vila”, que é um bairro novo em relação às outras áreas urbanas consideradas centrais, é objeto de preconceito e até de desconfiança. A população da vila por ser predominantemente de origem rural, conserva hábitos do campo em meio à modernidade das parabólicas, das ruas calçadas. No inverno, as calçadas estão cobertas de feijão ou milho secando, o que conserva o estigma de que os matutos gostam da terra e não incorporaram a modernidade como a grande parte dos habitantes do centro e de outros bairros mais antigos da cidade.

Um povo que, em sua maioria, preserva costumes rurais trazidos do campo, como conversar nas calçadas, saber para onde o vizinho vai sair, presentear os amigos com alimentos frescos, na época do inverno (milho, feijão, quiabo, maxixe, etc.), fazer a fogueira dos santos juninos, afixar uma variação de santos e fitas bentas das mais diversas cores nas paredes das casas, rezar o terço durante o mês de maio com queima de flores usadas durante o período das orações, fazer a novena de terno (triângulo, zabumba e pífano) e a ciranda de coco de roda, onde as pessoas saltam, andam em círculos para fazer o primeiro movimento da dança. A encenação principal se dá através das batidas dos pés e do encontro dos tórax, acompanhados por uma banda de pífano. Nesse dia (último dia do mês de maio) a Vila vira uma festa, com a participação de pessoas de várias comunidades de seu entorno.



FIGURA 3 - ENCERRAMENTO DO NOITÁRIO DE MAIO NA VILA

Esses fatores influenciaram a escolha das famílias pela escola “O Assisão”. O maior contingente de estudantes é proveniente da zona rural. Muitos deles afirmaram que a escola é uma extensão de sua casa.

Pensando nos alunos, a escola até tentou implantar o Ensino Médio, mas a prefeitura não suportando as despesas resolveu transferir os alunos para o colégio do Estado, “*O Ernestão*”. Até porque, a Lei de Diretrizes e Bases da educação, Art.10, VI, afirma que é prioridade do Estado o ensino médio.

Por causa da obrigatoriedade de deixar a instituição, muitos jovens rurais do ensino médio do “Assisão” choraram e até exprimiram o desejo de interromper os estudos ao ter de se afastar da escola, dada sua identificação com o local e as regras já internalizadas durante os seis anos de estudo. Estipulou-se o horário da manhã para os jovens da zona rural e a tarde para os jovens da zona urbana, evitando confronto entre ambos. Situação impossível na outra escola (O ERNESTÃO), se observarmos que o número de alunos excede o triplo dos matriculados no “Assisão”. Essa condição, segundo os alunos, vai prejudicar a interação, o companheirismo e conseqüentemente o aprendizado deles, especialmente dos que vão prestar vestibular em 2009, ou até mesmo dos que precisam de certificado do Ensino Médio para conseguir um emprego. Eles estão familiarizados com o ambiente escolar, os relacionamentos pessoais, onde todos se conhecem e mantêm laços pessoais de amizade, inclusive com o corpo docente e dirigente. O que é recíproco porque presenciamos durante o tempo em que estivemos na escola grande afeição também por parte do corpo dirigente e de funcionários da escola. O diretor, por exemplo, ao comentar a saída dos jovens do ensino médio, iniciava o diálogo, mas não conseguia concluir, pois não continha sua emoção, visível através do silêncio e das lágrimas que escorriam pelo seu rosto.

3.2.1 “O Assisão”: aspectos históricos

A escola “O Assisão” foi projetada no final do ano de 1997, concomitantemente com o “Plano Decenal de Educação Para Todos”, do governo do então presidente Fernando Henrique Cardoso, que tinha como objetivo, entre outras coisas, o fornecimento de transporte escolar gratuito e o Bolsa-Escola, com o intuito de melhorar os índices educacionais do país e aumentar a freqüência à escola. Como também o Programa de

Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), que não conseguiu atingir todos os municípios. Em Queimadas, por exemplo, só se concretizou na administração atual e perpassada por inúmeros problemas administrativos. Os jovens da zona rural afirmaram que esse programa não chegou até eles.

A construção da escola fazia-se necessária, mediante o grande número de alunos do município ingressando no Ensino Fundamental II (5ª à 8ª séries, pela nova nomenclatura 6º ao 9º ano). Por não possuir escola pública que suportasse a demanda por vagas, o município distribuía bolsas de estudo, causando-lhe pesadas despesas. O prefeito tomou a decisão de interromper o fornecimento das bolsas e abriu em condições precárias a escola, em um galpão inutilizado de uma antiga indústria de cal localizada à Rua César Ribeiro, S/N. Em seguida, iniciou com verbas municipais a construção de um prédio próprio, já que as verbas destinadas pelo Ministério da Educação através do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental (Fundef) não incluíam a construção de prédios públicos.

A autonomia jurídica e administrativa, técnica e financeira da escola é comprovada juridicamente pelo registro na Delegacia Regional do Imposto de Renda, com CCG de N.º 08742264/0001-22, aprovada pelo Projeto de Lei número 03/98, em 14 de maio de 1998, pela Câmara Municipal de Queimadas. A câmara aprovou também o projeto de construção de um prédio escolar, inaugurado no ano de 2000, à Rua João Muniz Filho, n.º 85, no Bairro da Vila, com uma estrutura adequada ao funcionamento, como podemos ver abaixo a fachada da escola.

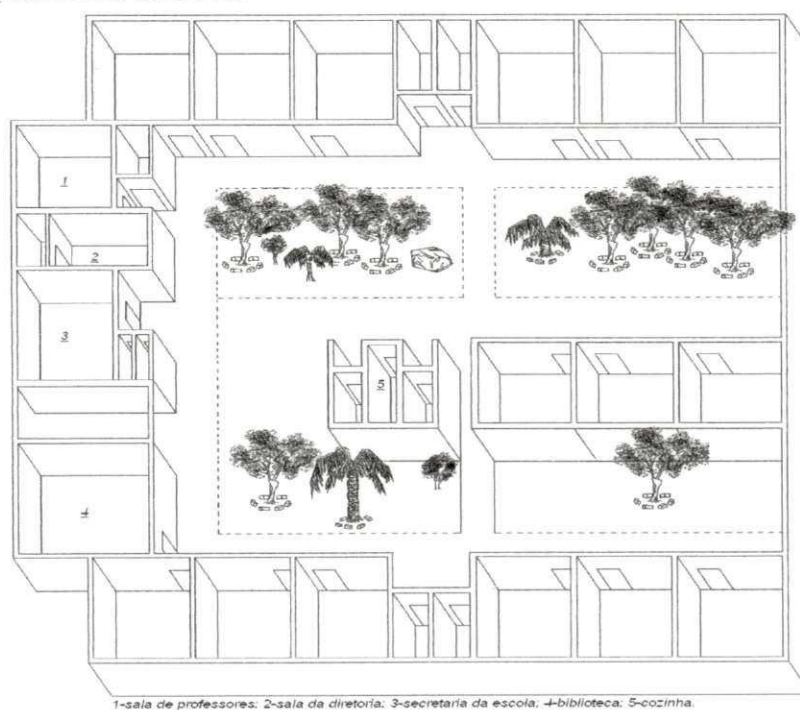


FIGURA 4 - FACHADA DA ESCOLA (IN LOCO)

Três diretores ocuparam o cargo até os dias atuais: José Henrique Sobrinho, filho de agricultor, graduado em Letras, que assumiu a direção da escola de 1998 a outubro de 2004, assassinado antes de concluir o mandato. Assumindo a diretora adjunta Inaudete de Cássia Rodrigues Maciel, filha de comerciantes, professora do município e do Estado, que ocupou o cargo de outubro de 2004 a maio de 2005. Seguiu-se Valdemar Gomes da Silva, filho de agricultores, graduado em Geografia, eleito em junho de 2005 por eleição direta, e permanece como diretor.

3.2.2 Estrutura física

“O Assisã” ocupa uma área total de 4.800 m², sendo 1.038.70 m² de área coberta, distribuindo-se entre: uma secretaria, uma sala de professores, uma sala de diretoria, uma biblioteca, uma cozinha, três despensas, um pátio coberto, dois jardins, seis banheiros, quinze salas de aula, três vias de acesso às salas de aula, uma sala de coordenação que não está em atividade embora a escola possua duas coordenadoras pedagógicas atendendo na sala da diretoria e de professores. Possui também um ginásio esportivo. Observe na figura abaixo a planta rasa da escola:



1-sala de professores; 2-sala da diretoria; 3-secretaria da escola; 4-biblioteca; 5-cozinha.

FIGURA 5 – PLANTA-RASA DA ESCOLA “O ASSISÃO”

Até recentemente, a escola estava em péssimo estado de conservação, mas passou por uma reforma. O financiamento da reforma foi conseguido através de um projeto enviado ao Banco Mundial, que contemplou “O Assisão” liberando a verba. O projeto faz parte de uma política de descentralização da administração e de estímulo à autonomia da escola, implementada pelo Ministério da Educação (MEC), visando à transferência de recursos financeiros em favor de escolas públicas do ensino fundamental, contribuindo para melhoria de atendimento da comunidade escolar (Programa FUNDESCOLA-PAPE, Projeto de Adequação dos Prédios Escolares).

A escola sofreu uma adequação nas condições de segurança, salubridade, estabilidade e funcionalidade, sem alterações da área construída, e sem fornecimento de novos mobiliários e equipamentos. A obra foi executada de fevereiro a março de 2007. Enquanto estava em reforma não houve aulas, provocando um pequeno atraso no ano letivo de 2007.

3.2.3 Situação de funcionamento da escola

O “Assisão” atende atualmente a 1.220 alunos, 704 no horário da manhã e 516 no horário da tarde, numa faixa etária entre sete e vinte e cinco anos. Todos provenientes de classes populares, cujos pais possuem o mínimo de instrução formal. Da turma da 2ª série do ensino médio, onze pais são analfabetos, vinte e oito possuem Ensino Fundamental I (1ª a 4ª séries) incompleto, vinte e sete o Ensino Fundamental II incompleto, dois o Ensino Médio completo e um o curso superior em regime especial. Situação que, segundo a direção da escola, se reproduz em todas as salas de aula, principalmente no turno matutino.

Na escola, o alunado da zona rural é prioridade para o turno matutino. A explicação da direção da escola é que não existe transporte público para a zona rural no horário vespertino. Perguntamos a várias autoridades escolares, da Secretaria da Educação, e nenhuma conseguiu explicar. Mas observamos os carros e percebemos que neles andam outras pessoas, e a movimentação do Banco do Brasil e da feira livre é pela manhã. Essa pode ser uma justificativa, entre outras, que nem os alunos nem as autoridades refletiram ainda para explicar a frequência de 95% dos estudantes da zona rural nesse horário⁴⁰, tendo

⁴⁰ Dados da pesquisa.

em vista que o trabalho no campo nesse intervalo de tempo é mais produtivo, segundo declaração de jovens da zona rural.

O quadro funcional da escola atualmente é de noventa funcionários, sendo quarenta e cinco professores que cumprem vinte horas/aula por semana, numa faixa etária entre vinte e dois e cinquenta e cinco anos, vinte e nove efetivos e dezesseis contratados, com variação salarial em média de quinhentos reais mensais, sendo sete professores de Língua Portuguesa, sete de Matemática, quatro de Ciências, seis de Geografia, cinco de Educação Física, dois de Religião, dois de Química, dois de Física, dois de Biologia, cinco de História, dois de Educação Artística, dois de Inglês, distribuídos nos dois horários, nas duas modalidades de ensino (fundamental e médio), dezessete professores possuem cursos de graduação em áreas de ensino compatíveis com as disciplinas que ensinam e 28 estão com suas graduações em curso nas universidades: Federal de Campina Grande (UFCG), Estadual da Paraíba (UEPB) e Vale do Acaraú (UVA).

Ainda, vinte zeladoras, quatro vigias, dezesseis agentes administrativos, distribuídos nos cargos de secretárias, bibliotecárias, três cargos de direção e dois de inspetoria de ensino.

Os professores são provenientes de várias localidades como Campina Grande, Barra de Santana, Boqueirão e local. Alguns de origem rural, a exemplo do diretor da escola.

3.2.4 Eventos pedagógicos e festivos na escola

A escola promove quatro encontros pedagógicos por ano. Os encontros pedagógicos discutem o desempenho educacional dos educadores e questões internas inerentes ao quadro funcional (assiduidade, cumprimento de horários e eventuais problemas).

O orientador pedagógico da Secretaria da Educação, Temístocles Bastos, também promove encontros com professores de disciplinas por área, para discutir e ajudar a melhorar os planos de aula, com intuito de orientar uma aula que seja, ao mesmo tempo, prazerosa e de qualidade. Segundo alguns professores nem sempre eles alcançam o objetivo desejado, se queixam sempre que encontram resistência as novas metodologias de ensino por parte dos alunos.

Os principais eventos da escola são: Dia das Crianças, Festas Juninas, Semana da Pátria. São promovidos através dos esforços dos próprios estudantes que contribuem para uma parte das despesas financeiras, e a própria equipe de funcionários ajuda com outra parte. A escola não possui fundos para esses eventos, nem existe projeto do governo de apoio financeiro para os mesmos. Para o “Sete de Setembro”, segundo informação da diretora adjunta, os professores contribuíram até para compra de fardamento de algumas crianças que desejavam desfilar e não podiam comprar.

Por outro lado, não há participação efetiva dos alunos nos eventos. Durante observação na escola, participamos da Festa Junina e também de uma excursão com os jovens da 2ª série do ensino médio à cidade de Areia. No primeiro caso, a festa no clube municipal contou com a participação de um número ínfimo de alunos – se considerarmos a quantidade total de alunos da instituição escolar. No segundo caso, dos estudantes que freqüentam a sala de aula da 2ª série do ensino médio, apenas doze foram ao passeio.

As explicações são as mais diversas: alguns jovens da zona rural dizem que não gostam de festas na cidade. Enquanto os da cidade alegaram a questão do tempo, já que a festa foi realizada no horário da manhã. Para a diretora adjunta, um dos motivos é a falta de transporte para locomoção, mas ela completou: “os meninos dão graças a Deus quando não tem aula”, demonstrando que a escola é um lugar pouco desejado para os alunos, melhor é não estar dentro dela.

De acordo com informações colhidas em diálogos com os jovens, ficou claro que a explicação está na preservação da imagem dos jovens rurais. Eles preferem não se encontrar com os jovens urbanos e os jovens urbanos dizem o mesmo. Evitam os lugares onde vão ficar face a face, porque os sinais dos movimentos do corpo e principalmente a articulação da linguagem vão estar mais evidentes. É o que Goffman (1988) chamou de estigma, “atributo profundamente depreciativo” (GOFFMAN, 1988, p. 13) que os jovens do campo sabem existir por parte dos jovens urbanos a seu respeito. Muito embora os dois grupos consigam conviver sem se agredir em situações onde se encontram por acaso em algum evento e não haja provocação de qualquer uma das partes.

No geral, a escola é um ambiente adequado, bem cuidado e, na maioria, professores e alunos que lhe dão vida, interagem de forma harmoniosa, desde que os alunos respeitem as normas de funcionamento às quais estão sujeitos.

3.2.5 Distribuição do cenário escolar

“O Assisão”, depois de passar pela reforma, ficou mais adequado para as aulas: pintura, forro de PVC no teto das salas para impedir a disseminação do som, mais lâmpadas por sala, melhorando a iluminação e consertos de pias e portas.

No pátio coberto, existem bancos de cimento, desde a sua construção, e vasos de plantas. Dele pode-se ter acesso visual a toda movimentação dos estudantes, funcionários e visitantes, desde a entrada, da biblioteca, da cozinha e das salas de aula. Veja na figura 6, a seguir, a estrutura da escola observada do portão de entrada:



FIGURA 6 – PÁTIO COBERTO DA ESCOLA “O ASSISÃO” (IN LOCO)

A cozinha possui um fogão industrial, um botijão de gás e uma geladeira. Ela é complementada por dois pequenos compartimentos de dispensa, onde são guardados parte do material de limpeza de um lado e merenda do outro. Os talheres e pratos são de plástico e não possui refeitório. A merenda é servida nas salas de aula ou no pátio, quando às vezes alguma turma fica em aula vaga e coincide de estar próximo do horário de servir. No entanto, a merenda não é diária, motivo para muitas críticas por parte dos alunos,

principalmente os da zona rural, que, na maioria dos dias, saem de suas casas sem tomar café da manhã. Mas também no horário da tarde, professores reclamam, afirmando ser “desumano as crianças ficarem durante um período de quatro horas sem ter nada para comer”. Confirmou outra professora que “de três horas em diante não existe mais produtividade, não há mais concentração”. Um dos motivos de escassez de merenda é a sua distribuição ao ensino médio, já que essa modalidade de ensino não está contemplada para receber merenda escolar, nem por parte do município, nem por parte do Estado, aspecto que chama atenção, porque exclui exatamente os jovens desse benefício.

A biblioteca possui três mesas, doze cadeiras, dois armários, alguns materiais didáticos, como mapas, e algumas estantes de aço onde estão distribuídos os livros. Um balcão de madeira separa a parte dos livros das mesinhas de estudo. O diretor reclama da pouca quantidade de exemplares, do espaço e do mobiliário. Ele diz estar lutando “para melhorar a biblioteca, para torná-la mais atrativa aos alunos”. A televisão também fica no espaço da biblioteca, o que gera grandes reclamações dos professores, pois às vezes um grupo de alunos está assistindo a um filme e outro grupo entra para pegar os livros, tirando a concentração da turma.

A escola conta com quinze salas de aula com quarenta cadeiras cada uma – havendo variações. Por exemplo: a sala da 2ª série do ensino médio possui cinquenta cadeiras – e um pequeno birô que serve para montar o cenário: cadeiras em fila e o birô próximo ao quadro apoiando os movimentos dos professores com os livros, o giz, o apagador e o diário de classe. A posição do birô é colocada estrategicamente para dar acesso ao olhar do professor.

A sala da secretaria dispõe de seis birôs, uma estante de aço, oito arquivos para documentos, um computador sem impressora, uma bancada para o computador, três mimeógrafos, estando dois quebrados, a sirene, um relógio. Nela são guardadas taças e medalhas conquistadas pelo time da escola e por participações em eventos e toda documentação dos alunos. A porta de entrada é protegida pela parede da sala da diretoria e os banheiros dos professores. É estritamente proibida a entrada dos alunos, pais de alunos ou de qualquer pessoa estranha. O atendimento das secretárias é feito através de uma pequena janela, com uma grade, possuindo espaço suficiente para passar documentos fornecidos pela escola.

A sala de diretoria é servida por dois birôs; uma estante de aço com alguns livros; um armário onde ficam alguns documentos; uma dispensa para materiais didáticos a serem

utilizados, como estênceis a álcool e papel ofício, entre outros; um armário pequeno abrigando lápis de pintar, cola, etc.; um estante com uma televisão pequena de quatorze polegadas; uma estante com um computador todo equipado com impressora, CPU, monitor e estabilizador e um *microsistem* que os professores manuseiam em algumas aulas, especialmente nas aulas de História e Inglês.

A sala dos professores possui: uma mesa grande, cadeiras, um armário onde os professores colocam seus materiais didáticos pessoais, um filtro, materiais didáticos de uso coletivo como giz e apagador, e um quadro de avisos.

No pátio, na parte descoberta, há um jardim construído pelos próprios alunos. As árvores e o bloco central da escola contribuem para ocultar alguns atos de transgressão, como o namoro, como veremos a seguir.

No conjunto, o cenário escolar é adequado às interações sociais que nele se desenvolvem, com algumas críticas dos alunos e professores à falta de uma sala de televisão.

3.2.6 A dimensão simbólica da escola: as portas e portões

O pátio é espaço de liberdade, brincadeira, camaradagem, conversa alta, assuntos variados. Quando está em horário de aula, as portas das salas se fecham, há de se respeitar o novo espaço de interação para desempenhar o objetivo a que está destinado. Neste momento o pátio é espaço de silêncio.

Assim, quem está fora não faz barulho para não incomodar os que estão dentro das salas. Os que estão dentro da sala de aula se respeitam porque o cenário da sala de aula está preparado para o aprendizado e o barulho pode perturbar o desempenho eficaz das exposições do professor.

O portão também é um importante símbolo de separação do mundo da rua e indica aos atores que estão dentro que estão sujeitos às regras da escola. Presenciamos um momento interessante: dois alunos tinham brigado no dia anterior, estávamos na secretaria e observamos o diretor chamando um dos alunos para conversar. O diretor disse-lhes que exigia respeito com a escola, pois ali não era lugar para briga e que ia chamar o pai do aluno. O rapaz deu-lhe algumas explicações e saiu. Ao se afastar do diretor, comentou:

“Ele vai dizer ao meu pai, mas ele não tem que ver, eu estava fora da escola” (ALUNO DO ENSINO FUNDAMENTAL).

Para o aluno, as regras da escola só alcançam até o portão. Fora do portão, ele pode reagir, porque as regras escolares são exclusivas ao interior do prédio. Uma frase que sempre escutamos dos alunos, em gestos ou verbalmente, é: “Lá fora eu te pego!” (olha para o outro com olhar bem forte e bate com uma mão fechada na outra aberta e aponta com a cabeça para o lado da rua), confirmando a importância da simbologia dos portões e portas como significado da manutenção do respeito e da ordem.

A sala de diretoria também pode ser citada aqui. A princípio ela deveria ser uma região de fundo. No entanto, no cotidiano ela se transforma em uma região de fachada. Mas quando acontecem as reuniões de autoridades da secretaria da educação com o diretor, ou com professores, as portas e janelas são fechadas, dando-lhe o caráter de região de fundo por algumas horas.

Enquanto os portões e portas estão fechados, os porteiros cuidam das chaves. São quatro porteiros se revezando nos turnos da manhã e tarde. A função de cada um é fiscalizar se as normas estão sendo cumpridas. Logo, se alunos, independente da idade ou sexo, forem sair sem a permissão da direção, se permanecerem fora das salas em horário de aula ou sujarem o prédio escolar, são “entregues” à direção.

Em conversa conosco, os porteiros afirmaram que “às vezes fazem algumas concessões, ou evitam entregar alunos se o delito não for grave, para não despertar a antipatia deles”. Esse tipo de comportamento ocorre mais no período da tarde. Os alunos da zona rural, em sua maioria, acatam as regras escolares. Em resposta à pergunta: *o que você acha das novas regras impostas pelo diretor?* Aos jovens da zona rural, eles disseram que: “gostam mais da escola depois que tem ordem”. Mas, independente do horário de trabalho, os porteiros representam uma relação amigável para manterem uma convivência pacífica com todos os estudantes. Instrução orientada e também praticada pelo diretor.

Eles são também os portadores das “boas notícias” para os alunos. Se um professor falta e as turmas estão liberadas, são eles que transmitem o aviso. Em seguida, abrem os portões e observam a saída da turma liberada. Às 11h45, toca a sirene e o porteiro da vez observa todos saírem. À tarde, a saída ocorre às 17h15.

O tempo tem um significado simbólico bastante expressivo. Na chegada, estão todos apreensivos, entram comportados, compenetrados. No intervalo, expressam toda alegria, descarregam o estresse, recarregam as “baterias”. Mas, em nenhum momento, a

ansiedade se expressa mais do que na hora da saída. Olham-se os relógios, pergunta-se a hora, pergunta-se ao professor se falta muito conteúdo e quando as portas e os portões são abertos, saem ansiosos para não perderem o ônibus. Os olhares expressam satisfação e alegria.

A proibição de festas e bebidas alcoólicas no interior da escola e a manutenção de sua estrutura limpa fazem parte da encenação que a direção quer representar à sociedade. Não quebrar, não sujar, não jogar borrachas de chicletes no chão, manterem o prédio em perfeito estado, são atitudes que ajudarão a escola a subir de conceito. Sobre isso Goffman disse:

Verificamos habitualmente que a mobilidade ascendente implica na representação de desempenhos adequados e que os esforços para subir e para evitar descer exprimem-se em termos dos sacrifícios feitos para a manutenção da fachada. (GOFFMAN, 1985, p. 45).

Logo, para que a escola consiga passar uma boa impressão e perder a fama de “prostituta da cidade” (declaração feita pelo diretor), deve começar pela sua aparência. Ele não permite mais que as festas da escola sejam feitas na escola e que se leve bebida alcoólica nas sextas feiras. O que antes era permitido pelo diretor. É exigido o fardamento, sob pena de o aluno que vem sem farda ser advertido e proibido de entrar na escola. Trata-se de uma medida preventiva que pode diminuir a possibilidade de o aluno driblar os pais dizendo que vão estudar e faltando as aulas, já que vão ser facilmente identificados na rua. A saída dos estudantes em horário de aula só com permissão, que será dada mediante uma justificativa plausível. A limpeza e a organização são símbolos de um novo tempo, da superioridade ao que ela era na outra administração.

3.2.7 Outros significados: a escola é boa para namorar, conversar e fazer amigos

A escola hoje se apresenta com vários significados diferentes. Os sujeitos sociais que freqüentam a instituição utilizam os espaços que a princípio possuem limites fixos, de

formas diversificadas, dando diferentes sentidos a cada um. Por isso, há que se conceber a escola com significados múltiplos, principalmente resgatando o papel do sujeito social nesse cenário. Nesse sentido, Dayrell propôs conceber a escola como espaço sociocultural:

A escola como espaço sociocultural, é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos; imposições de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão. (DAYRELL, 2006, p. 137).

É assim que o respeito às regras e normas na instituição, existe nas regiões de fachada e nas relações face a face com o diretor, ou diretora adjunta. Mas, uma porta fechada, ou uma árvore pode favorecer os pequenos atos de transgressão como o namoro na escola, tendo em vista que a proibição faz parte das novas regras escolares. O diretor afirmou que conversar pode. O que não pode é a exibição de cenas “inadequadas” porque a escola precisa ser um lugar de respeito.

Para os jovens, a escola é muito mais do que o lugar onde se busca conhecimento sistematizado. O melhor da escola para eles são os namoros, as paqueras, as conversas e os amigos, como veremos a seguir.

3.2.8 O recreio

Na escola, esse espaço de tempo é utilizado pelos estudantes de diferentes maneiras. Alguns estudantes aproveitam para vender produtos de catálogos e/ou jóias. Oferecem às amigas mais íntimas da sala, às professoras e aos professores.

Na 2ª série do ensino médio, uma aluna vendedora de jóias, que está sempre com o mostruário em sua bolsa, estende-o numa cadeira, ficando invisível em meio as suas freguesas, suas colegas de sala de aula.



FIGURA 7 - ALUNA VENDEDORA DE JÓIAS NA HORA DO RECREIO (IN LOCO)

Outras vão para o centro da cidade às pressas, porque o recreio dura apenas vinte minutos. Aproveitam para “tirar xérox dos textos deixados pelos professores na copiadora, ou pagar alguma conta nas lojas da cidade, ou ainda realizar alguma operação bancária, como tirar o salário da mãe”, conforme disse uma delas.

A jovem que saiu mais freqüentemente me explicou que “ela é quem cuida da família, por isso sempre tem precisão de ir à rua”. Filha de mãe separada, e separada do marido, com um filho e dois irmãos aos seus cuidados, já que sua mãe trabalha numa indústria de laticínios, a jovem é quem organiza todas as despesas mensais, como a conta da luz, prestações de algum produto comprado a prazo. Alfani tem uma grande responsabilidade na família atribuída pela mãe, tendo em vista sua posição de nascimento e sua condição de mãe. Isso também faz de Alfani uma pessoa mais recatada do que as outras jovens, não participando de brincadeiras, especialmente em grupos de rapazes, o que não a impede de participar ativamente nas festividades da escola e apoiar sua turma. Mas, no cotidiano, transparece sempre uma aparência de preocupada, pois enquanto está na escola, o seu filho de três anos fica aos cuidados de sua irmã de dez anos e do seu irmão de sete anos. Conversando com as colegas de sala no horário do recreio, confessou que “se pudesse voltar atrás faria tudo diferente. Um filho não pode nascer sem antes haver toda uma preparação. E eu ainda não estava preparada. Eu queria primeiro ter arranjado um emprego, para só depois pensar em ter filhos⁴¹”.

⁴¹ Declaração de Alfani, 23 anos, em diálogo com suas colegas em uma aula vaga.

Para os jovens, a escola é espaço de interação e diversão. Na sala da diretoria, diariamente alunos de várias turmas conversam, sentam na cadeira do diretor, assistem televisão.



FIGURA 8 - SALA DA DIRETORIA NO HORÁRIO DO RECREIO (IN LOCO)

As salas de aula se esvaziam, ficando apenas alguns alunos. Ficam todos fora do lugar. Alguns alunos vão para a rua, outros vão para outras salas, professores misturam-se aos alunos, alunos vão para sala da diretoria, o vigia sai do portão e observa apenas de longe. No entanto, aglomerados mesmo ficam o pátio e a entrada entre o muro e o portão da escola.



FIGURA 9 - VENDA DE LANCHE NO PORTÃO DA ESCOLA NO RECREIO E BATE-PAPOS NOS BANCOS DE CIMENTO ENTRE AMIGOS (IN LOCO)

No pátio, na área coberta, os bancos de cimento construídos nas laterais entre a área coberta e o jardim, são palcos das mais diversas conversas: os jogos internos, os passeios do final de semana, as festas, o “pileque” do colega, os namoros. Vejamos alguns exemplos: no primeiro caso, os jovens falam sobre uma colega de sala que estava passando por um grave problema pessoal ocasionado por uma quebra da moral e dos costumes mantidos por sua família:

Jovem 1: “Ei tu sabia que Luana fugiu com o namorado”.
Jovem 2: “Por quê?”
Jovem 1: “A mãe dela descobriu que ela já tinha perdido a virgindade”.
Jovem 3: “Só por isso a mãe dela expulsou ela de casa?”
Jovem 1: “É, a mãe dela é dessas antigas, ela nunca ia aceitar isso”.

Essa conversa demonstra como ainda é severa a criação dos filhos no campo em algumas famílias. Vejamos outra conversa sobre um “pileque” de Júnior, jovem de dezoito anos, filho de agricultores:

Jovem 1: “Mas Júnior, eu soube que você bebeu outra vez?”
Jovem 2: “Cuidado cara, tu táis é se viciando...”
Jovem 3: “É todo domingo agora!”
Júnior: “É cara, eu tenho que parar com isso, se dona Maria descobre...”
(se referindo a sua mãe). (CONVERSA ENTRE JOVENS DA 2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO NO BANCO DE FRENTE À SALA DE AULA).

Como podemos ver, os jovens rurais respeitam os pais, são mais obedientes e humildes.

Em relação à festa de São João, vejamos o que eles conversavam:

Jovem 1: “O que eu gosto mesmo dos sítios são as festas”.
Jovem 2: “É mesmo rapaz, o São João foi bom demais, tinha muita gente na quadrilha”.
Jovem 1: “É mesmo, foi gente até daqui da rua”.
Jovem 3: “Estava tudo muito arrumadinho, não foi?”
Jovem 1: “Dançasse muito?”
Jovem 2: “Só um pouco!” (expressou um leve sorriso)

Jovem 3: “Ah! Dançou é?!?” (percebeu-se um tom de ironia).
(CONVERSA ENTRE JOVENS DO ENSINO MÉDIO)

Percebe-se nessa conversa certa alegria dos jovens em poderem dividir seus momentos de festa com as pessoas da cidade. Este sentimento está expresso na parte da conversa onde o jovem 1 afirma: “foi gente até daqui da rua!” outro ponto a ser destacado na conversa é a fala do jovem 3, “tava tudo muito arrumadinho num foi!”. É conveniente lembrar que as festas juninas hoje estão incorporando “referências simbólicas urbanas e rurais, tradicional e super modernidade” (CHIANCO, 2006, p. 148).

Sobre o futebol da escola comentavam com o professor de Matemática na turma, na hora do recreio, antes do início da 4ª aula:

Júnior: “Mas Nevinha, você já soube que jogamos com os professores e eles perderam?”

Lucas: “Ei, mas vocês não sabem quem era o goleiro?” (a turma toda riu)

Nevinha: “Não sei, contem!”

Cláudio: “Os professores colocaram Gutierre pra pegar bola. O que vocês acham, o inimigo no gol dos professores?”

Professor: “Mas esperem que vai ter revanche!”

Cláudio sorriu e disse: “E nós vamos ganhar de novo, podem apostar!”

Essas e outras conversas ocorrem nos momentos de sociabilidade durante o recreio, explicitando a boa interação entre os jovens, e entre eles e os professores. Neles podemos perceber também coisas que lhes dão satisfação e coisas que os fazem sofrer. Esses momentos são freqüentes porque nem sempre a escola oferece merenda. A maioria dos alunos não compra. Uns aproveitam para se divertir com os amigos enquanto os outros comem. Os poucos que consomem se dividem entre as compras na cantina de dentro da escola e os carrinhos de salgados, sucos, balas, pipocas e picolés, como mostra a foto 9A, acima.

Não há divisão entre as salas e o pátio. Os alunos circulam entre os dois espaços sem interdição. Algumas alunas, as mais tímidas, dificilmente saem da sala, preferem ficar sentadas conversando. Observei por diversas vezes quando suas primas foram para a sala da 2ª série do ensino médio para conversar com elas. Fiquei apenas olhando, não pude ter acesso ao conteúdo da conversa.

Os grupos de afinidade de dentro da sala de aula continuam no recreio, muitos deles em frente as suas respectivas salas, como na foto nº.9B, acima. Nesse momento, alguns professores misturam-se aos alunos nas brincadeiras, nos diálogos. Sobre esse assunto Goffman, afirma:

[...] evidentemente, aparência e maneira podem se contradizer uma á outra, como acontece quando um ator que parece ser de posição mais elevada que sua platéia age de maneira inesperadamente igualitária, íntima ou humilde. (GOFFMAN, 1985, p. 32).



FIGURA 10 – PROFESSORES DE MATEMÁTICA (DE BONÉ VERMELHO E DE CAMISETA BRANCA, RESPECTIVAMENTE, EM 10A E 10C) E DE GEOGRAFIA (BONÉ BEGE, EM 10B) INTERAGINDO COM ALUNOS NA HORA DO INTERVALO (IN LOCO).

Nesse caso, alguns professores, principalmente o de Inglês, de Matemática, Geografia (todos do sexo masculino), abandonam sua aparência de mestre, a linguagem oficial e falam a mesma língua que os alunos.

O professor de Matemática, por exemplo, anda de grupo em grupo, constituídos por ambos os sexos, conversando com os alunos e alunas. Alguns diálogos que ouvi falavam

sobre jogos e festas. Outras vezes ele permaneceu em sala onde orientou a aula de antes do recreio, como na foto 10C acima. Falam sobre algum conteúdo de sua disciplina, ou até mesmo de uma outra, a exemplo de Física, onde os jovens estavam com dificuldade, ou brincando com alguns alunos. Sobre esse assunto Berger (1974) conclui: “Na situação face a face, a linguagem possui uma qualidade inerente de reciprocidade que a distingue de qualquer outro sistema de sinais” (BERGER, 1974, p.57).

Presenciamos um momento de brincadeira denominada de *vítima e assassino* (como podemos observar na figura 10 A, 1ª foto da esquerda, acima), brincadeira em que é escrito em um papel as palavras “assassino”, “detetive” e “vítima”, depois são sorteadas entre todos os participantes da brincadeira. E só quem sabe a função de cada membro é ele mesmo. Enquanto o assassino vai exterminando suas vítimas, através do piscar do olho disfarçado, o detetive tenta descobrir quem está matando. Os que morrem dizem: “morri”, ficando fora da brincadeira. Somente quando o detetive descobre quem está matando acaba a brincadeira. Ele precisa descobrir quem é o assassino antes de morrer, por isso a atenção para os olhos dos participantes é fundamental. A brincadeira nesse caso funciona como uma expressão de reciprocidade, onde não existe relação de poder, todos falam a mesma língua, não há distância entre professor e aluno e as vítimas dão dicas sutis para o possível detetive conseguir descobrir e prender o assassino.

Entretanto, com as professoras não ocorre interação nos espaços fora da sala de aula, a não ser as estritamente ligadas a assuntos das disciplinas. Elas temem que se confundam na sua imagem a aparência e a maneira e com isso percam o domínio de sala. Ou seja, que os alunos confundam a sua postura de pessoa “amiga” com a de professora e não as respeitem dentro da sala de aula. Outro uso do tempo do recreio é para os estudos em grupo, principalmente, se é dia de exercício de verificação do aprendizado. Nesses dias, se percebem algumas atitudes de solidariedade que ultrapassam as salas de aula. Presenciamos alunos ajudando uns aos outros nas resoluções dos trabalhos que valem nota.

A pedra do pátio, deixada no momento da construção da escola, é ponto de encontro para jovens se escorarem ou se sentarem para conversar. Outro uso da pedra é como mesa. As crianças gostam de ir merendar nela, principalmente os meninos. Os namoros têm espaço no recreio e também nas aulas vagas.

3.2.9 Os namoros

Os espaços dos encontros dos casais são detrás das árvores, ou do bloco central da escola, onde os olhos do diretor não podem alcançar, caso esteja na secretaria. Os casais são sempre heterossexuais. Os jovens da zona rural demonstraram preconceito ao homossexualismo em várias situações. Certa vez, em aula de História, um dos alunos numa frase com um tanto de exagero chegou a dizer que, “se alguém da sua família fosse gay mandaria matar”. Outras vezes flagrei alguns grupinhos da 2ª série do ensino médio rindo de um aluno que mora na área urbana e estuda na 1ª série do ensino médio, por ele se expressar gestualmente de “forma afeminada”. Aos cochichos e risos afirmavam que “parece que ele é gay...”; “ele tem toda ferramenta...”; “o que você acha que é Nevinha?”. Não aprovei nem desaprovei o que eles estavam dizendo. Expressei um leve sorriso, não queria me indispor com eles, mas afirmei que os meus melhores amigos são gays e são as pessoas mais humanas que já conheci. Um dos jovens afirmou que “não tinha nada contra, só não aprovaria”. Porém não expressou nenhuma ofensa ou agressão, ficaram um pouco em silêncio como que refletindo o que eu havia dito. Depois mudaram de assunto. Perguntaram-me se eu iria participar das atividades do final do ano na escola. Esses eventos eram os dias “D” de limpeza da escola e o dia da gincana. Eventos realizados no mês de dezembro. O dia “D” juntou todas as turmas, coordenada cada uma por um professor, para fazer uma limpeza completa em todas as dependências da instituição e a gincana teve como tema os estados da federação brasileira nos aspectos políticos e culturais. Também nesses eventos não interagiram os alunos da manhã e tarde. Cada horário teve sua apresentação e um vencedor.

Perguntando a um grupinho de jovens se as relações deles com as meninas eram apenas uma “paquerinha”, já que as regras da escola não permitem namoro no interior da instituição, responderam sorrindo: “E paquerinha tem graça? Bom mesmo é beijar na boca!”. “É. Sem beijo na boca não tem graça!” (fala de alunos do sexo masculino do 9º ano do ensino fundamental).

Uma funcionária⁴² da escola ia passando e confirmou o que o grupo de rapazes estava dizendo – embora nenhum jovem do grupo que estava sendo entrevistado namorasse

⁴² Os funcionários (as) costumam compactuar com travessuras dos alunos (as) que não prejudiquem a parte da estrutura da escola, para não serem mal vistos por eles (as). Só o vigilante entrega ao diretor alguns se forem sair da escola em horário de aula.

na escola, estava apenas confirmando cenas que observava durante o ano entre os colegas ou o que tem vontade de fazer. A funcionária disse: “Tá vendo aquela árvore ali? ela impede que o diretor veja do outro lado. Ali é o lugarzinho que eles ficam mais. Mas em toda essa parte que essas salas impedem a visão da secretaria é lugar de namorar, namorar mesmo⁴³!”



FIGURA 11 - CASAIS DE NAMORADOS NA HORA DO RECREIO (IN LOCO)

Quando ela afirmou “namorar mesmo!” Quis dizer: com abraços e beijos, como se estivesse em um lugar reservado, numa região de fundo. Sobre essa forma de atuação, Goffman afirma:

Ao usar um estilo de bastidores, os indivíduos podem transformar qualquer região numa região de fundo. Assim, verificamos que em muitos estabelecimentos sociais os atores reservarão para si uma seção da região da fachada e, agindo aí de forma familiar, a separam simbolicamente, do resto da região. (GOFFMAN, 1985, p. 121).

Essa forma de representação exige também a cumplicidade dos colegas, que passam, olham, mas não são delatores. Se pensarmos que, em uma escola, interagem a equipe dos estudantes e a dos professores, representantes do poder institucionalizado, observaremos que uma trabalha para proteger a outra. Nesse caso, os estudantes em situação de transgressão na região de fachada, são protegidos por seus colegas. Goffman

⁴³ Fala de uma assistente de serviços gerais na hora do recreio.

chamou a essa forma de comportamento, de “tato da platéia”, ou seja, “sempre que uma platéia procede com jeito, surgirá a possibilidade de os atores compreenderem que estão sendo discretamente protegidos” (GOFFMAN, 1985, p.214).

Assim protegidos pelos seus grupos, jovens estudantes vão cometendo as pequenas transgressões na escola, dando-lhe novos sentidos, tornando-a mais agradável, embora corram alguns riscos. O que para eles pode ser excitante. E os casais de namorados jovens do ensino fundamental permaneceram até o final do ano letivo juntos (de maio a dezembro de 2007).

3.3 As crianças: o comportamento esperado

As crianças do ensino fundamental, da zona rural, que freqüentam a escola “O Assisã”, logo na chegada vão se organizando em pequenos grupos. Esses grupos se estruturam muito mais pelas afinidades que se desenvolvem em sala de aula, assim como os jovens se organizam pelo lugar de residência, pela faixa de idade e pelo sexo. Estão sempre juntas nas conversas, nas brincadeiras, no recreio.

No estacionamento da escola, ainda no mundo da rua, são tranqüilas, esboçando trejeitos de adultos: arrumam o cabelo, conversam, colocam as mãos nos bolsos . Alguns se misturam aos jovens, participando dos mesmos assuntos. Os mais debatidos são o futebol e as provas. Algumas meninas se integram ao grupo das moças.

As meninas abrem as bolsas e trocam experiências, discutem os trabalhos do dia anterior e o que conseguiram responder. Outras mostram um olhar distante, um pouco triste, ficam um pouco isoladas, olhando o movimento da rua, dos jovens, das outras crianças e dos professores chegando à escola.

Na hora de entrar não são de fazer muito barulho. Agem com seriedade. Só muito raramente, algum corre para ocupar seu lugar na sala. Cada criança vai para suas respectivas salas e não volta até o recreio. Vimos poucas vezes saírem para ir ao banheiro.

Na hora do recreio elas saem para o pátio. Algumas comem a merenda, quando tem, e outras, vão até o portão da escola, ou compram na própria cantina da escola, alguma pelota, pipoca, ou salgado para comer. Outros ainda, quando não gostam da merenda, ou não têm naquele dia, ficam com os olhos perdidos no infinito, olhando, sem falar, como se

tivessem refletindo a paisagem que está a enxergar: pessoas, comida, árvores, pessoas comendo.

Os meninos juntam-se novamente em grupos de afinidade: na pedra que existe no jardim, nos bancos de cimento no pátio, ou próximo ao portão. Uns se sentam e outros ficam de pé, se configurando como atores na interação social. Conversam, sorriem, mas não se vê correria nas dependências da escola. Certa vez alguns professores e o diretor olhavam um grupo de meninas e conversavam: “De tarde, com os meninos e as meninas da zona urbana isso não ocorre. Correm e gritam o tempo todo, não conseguem ficar parados” (Diálogo entre professores e o diretor). Observem-se na figura as meninas do turno da manhã como se comportam:



FIGURA 12 - CRIANÇAS NA HORA DO RECREIO (IN LOCO)

Realmente, freqüentei a turma da tarde durante os meses de maio e junho de 2007, e constatei, as crianças são mais ativas. Correm muito pelo pátio, vão de uma sala para outra correndo. Embora nosso trabalho não seja comparativo, parece-nos que os meninos e meninas, rapazes e moças que moram na cidade, chegam à escola com energia acumulada, que precisa ser liberada.

Esse contraste entre as crianças do meio urbano e as do meio rural se torna mais evidente nas aulas vagas, quando podemos observar as turmas em separado. Certo dia, estávamos no pátio sentados no banco (estava um dia nublado ora fazendo sol, ora

chovendo), observando como as crianças de uma sala que estava em aula vaga estruturavam seus grupos, quando o diretor nos chamou. Disse que queria mostrar-nos uma “coisa”. Levou-nos à sala da secretaria. Ao chegar lá, pediu-nos que sentasse de frente ao janelão de onde se avista toda a escola. Depois disse:

Olhem em sua frente. Veja bem como essas meninas brincam! Pedi que elas ficassem ali porque é um lugar estratégico onde posso enxergar a todas e disse que se correr podem cair e vou ficar muito ruim frente a seus pais. E elas estão ali. Com a turma da tarde, eu não consigo nem ser ouvido⁴⁴.

O mesmo é confirmado por todo o corpo docente e pelos funcionários. No entanto, a grande contradição é que as discussões encaminham-se para a hipótese de que existe bom comportamento, mas falta de interesse dessas crianças pelos conteúdos escolares, gerando, conseqüentemente, notas baixas. No capítulo 2 detectamos que a falta de interesse pode ter como explicação o fato de os conteúdos serem incompatíveis com o *habitus* incorporado na primeira socialização, quando teoria e prática caminham juntas.

Podemos questionar: a escola está correspondendo às expectativas dos alunos? Considerando suas situações socioeconômicas e culturais? Ou apenas reproduzindo o proposto pelo currículo nacional? O fato é que para a maioria das crianças, a escola é prazerosa devido aos encontros com os amigos. Muito embora, se perguntadas para que serve a escola, elas afirmem: “para estudar!”.

Quando o diretor afirma orgulhoso sobre o comportamento das crianças, comparando-as com as da zona urbana, em tese, ele está demonstrando que as crianças da zona rural enquadram-se no sistema de ensino, especialmente em relação ao artigo 40, item 1 do Regimento Escolar, que diz ser dever dos alunos “acatar a autoridade da direção, dos professores e demais funcionários”. Essas crianças seguem essa orientação, no entanto, esse enquadramento não significa um aprendizado de qualidade, com maiores possibilidades de assimilação dos conteúdos escolares. De acordo com Berger,

⁴⁴ Fala do diretor da escola.

[...] as instituições, também, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possíveis (BERGER, 1974, p. 80).

Existe na escola uma excessiva preocupação com a conduta das crianças e dos jovens. A todo o momento os professores são flagrados fazendo comparações entre os dois turnos. Essas preocupações são muito mais em relação ao comportamento do que em torno do processo de aprendizagem.

O espaço escolar se apresenta assim com múltiplas dimensões. No cotidiano os alunos, alunas e demais funcionários lhe dão diferentes sentidos. Enquanto espaço social é possível transgredir as regras, apesar de todas as precauções da direção e do poder que a instituição, em si, exerce sobre os alunos. Para isso, os atores sociais contam com o apoio dos colegas. As expressões dos atores sociais, como um aceno com a mão; um balançar com a cabeça, de sim ou de não; o olhar indiferente para fatos que não querem denunciar; os cochichos entre colegas de grupos, são importantes para definirem as ações dentro da escola. Através delas é que são possíveis a organização do espaço e as formas de interações dentro dele.

O capítulo a seguir trata das formas de interação dentro da sala de aula.

**INTERAÇÕES ENTRE PROFESSORES E ALUNOS E ALUNAS NO
COTIDIANO DE SALA DE AULA: A TURMA DA 2ª SÉRIE DO
ENSINO MÉDIO**

Se o professor for bom
E direitinho ensinar
Sei que eu passo de ano
Não vou me preocupar

Se ele for meio enrolado
Quiser me prejudicar
Só tem uma solução
Fazer grupinhos e colar⁴⁵.

Segundo concepção de Goffman (1985), interação pode ser definida como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros quando em presença física imediata. A interação é toda atividade de um indivíduo que se passa em um determinado tempo, em presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência. A noção de interação vai ser a base da análise desse capítulo. Queremos apresentar como os jovens rurais interagem dentro da sala de aula com os professores e colegas. A construção deste capítulo só foi possível mediante a interpretação da linguagem não verbal, de gestos, troca de olhares, um piscar de olho, uma elevação da sobrancelha, um toque de braço no corpo do outro e o silêncio, mensagens que foram levadas à reflexão entre a pesquisadora e os jovens, e que resultaram neste texto.

⁴⁵ Estrofes do poema n.º4, p. 155.

4.1 A turma de 2ª série do Ensino Médio

De que jovens estamos falando? Quais experiências eles vivenciam dentro da escola? Qual o significado da instituição escolar para eles? Como interagem dentro da sala de aula?

O grupo de jovens estudado é formado por alunos oriundos da zona rural, entre quinze e vinte e três anos. A turma é composta por cinquenta e sete alunos matriculados, dos quais, quarenta e sete tem frequência regular (vinte e seis do sexo feminino e vinte e um do sexo masculino). Os dez restantes estão entre desistentes e transferidos. É uma das maiores turmas da escola, por isso nessa sala existe um número maior de cadeiras além da média de quarenta por sala.

Os jovens rurais são filhos de agricultores familiares, que se dedicam à criação de animais, têm suas próprias produções de ovos, leite e produtos agrícolas de subsistência, pois se o inverno⁴⁶ é bom, a colheita dos principais produtos agrícolas – milho e feijão – pode abastecer as necessidades alimentícias, usando o milho para produção de cuscuz e angu, sendo o feijão guardado para o período da seca. Alguns pais têm trabalhos extra-agrícolas, na prefeitura municipal, ou atuam como autônomos. É o caso do pai de um deles, que é medidor de terra e declarou “ganhar um bom dinheiro com essa profissão herdada do seu pai”. Os jovens rurais ajudam seus pais nos trabalhos agrícolas e na criação de animais. Alguns trabalham de “alugado⁴⁷” para conseguirem algum dinheiro, tendo que, muitas vezes, ausentar-se da escola, o que acontece muito raramente. Outros são sustentados pelos pais, ajudando apenas em casa, para poderem dedicar-se aos estudos, como já foi exposto no capítulo 2 desta dissertação.

Cinco jovens ganham alguma renda exercendo ocupações não-agrícolas. Duas delas são manicures e outra faz limpeza na casa de um tio que migrou para o Rio de Janeiro. Outra vende jóias e um dos rapazes trabalha com o pai em uma borracharia próximo à sua casa. Mas sempre combinam essas atividades com a ajuda a seus pais nas tarefas agrícolas e domésticas, principalmente nos períodos de limpa da terra e colheita, que exigem uma quantidade maior de mão-de-obra e um trabalho mais intenso. Uma delas disse que “não se

⁴⁶ Período do ciclo agrícola caracterizado pela chuva e dedicado ao plantio e colheita, meses de maio a junho.

⁴⁷ A expressão é uma regional variante. O valor de um dia de trabalho varia entre quinze e vinte reais, segundo informações de alguns alunos. Mas o trabalho da tarde é pouco produtivo e cansativo, de acordo com depoimentos dos jovens.

troca por um homem, enquanto trabalha no roçado com o pai e o irmão”. Ela também disse que com o dinheiro de manicure “compra lanche, roupa, às vezes tira xérox dos textos indicados pelos professores para estudos na escola” (Taíse, 15 anos, Sítio Catolé). As outras jovens disseram depender totalmente dos pais.

Independente de sexo, idade, localidade ou renda, todos afirmam gostar de morar na zona rural. O que eles mais elogiam nas suas respectivas comunidades é a diversão e o sossego. Possuem diferentes formas de diversão na zona rural: tomar banho de açude, de cachoeira e ir às festas com as bandas de forró do município, acessíveis aos grupos menos privilegiados economicamente, jogar bola nos campos de pelada, ou visitar alguém da família para tomar cachimbo⁴⁸, juntar uma turma de colegas na residência de algum deles para tomar uma “pinga” aos domingos. O que mais criticam é a falta de emprego que lhes possibilitem uma renda fixa que possa suprir suas necessidades, sendo esse um dos motivos apontados por eles para o êxodo rural. Também criticam a desvalorização econômica das tarefas pesadas da agricultura. Disse um deles: “trabalhar no campo é uma escravidão e não tem valor”. Outro falou: “se eu conseguir um emprego que me dê condição de pagar pra fazer o trabalho pesado, quero continuar morando lá, mesmo trabalhando fora”. (FALAS DE JÚNIOR E CLÁUDIO).

Dentro da escola há muito mais do que conteúdos, provas, aulas, regras e normas. Para os jovens rurais da 2ª série do ensino médio, o que é melhor na instituição de ensino é o encontro com os amigos. Nós observamos expressões dessa percepção em dois momentos importantes no decorrer do horário escolar. 1) Nas aulas vagas: a maioria sai para o pátio e conversa, ri, brinca entre si, comentam o futebol da própria escola, as dificuldades nas disciplinas. Muitas vezes não é preciso nem o professor deixar a sala de aula de vez e eles já vão saindo. 2) No recreio: os jovens da 2ª série do ensino médio batem papo, sorriem, misturam-se com outros de outras séries, andam de um bloco para o outro, ou se sentam nos bancos a tagarelar sem parar. Alguns se sentam com sua paquera no banco em frente à sala de aula. Os grupos formados no pátio da escola agrupam-se por sexo e idade. Só às vezes se apresentam de forma mista (rapazes, moças e crianças), muito raramente, como está detalhado no capítulo 3. Não existe sala de recreação e os alunos

⁴⁸ Cachimbo é uma bebida feita com cachaça, mel, frutas ou incenso, que é oferecida quando nascem os bebês no sítio. Quando visitei um dos jovens do segundo ano no dia 15/07/07, ele convidou-me para beber o cachimbo do seu sobrinho recém-nascido que acabara de chegar do hospital.

espalham-se pelo pátio da escola. A ida ao ginásio, só acontece na obrigação da aula de Educação física, duas vezes por semana com horário marcado e vigilância do professor.

Assim, a escola para os jovens rurais é muito mais do que o local onde se aprende é também o espaço de descanso das árduas tarefas exercidas na zona rural, trabalhos pesados e intermináveis, sem direito a férias, dia santo ou feriado. Além de ser o lugar onde se faz amigos, se namora⁴⁹ (como demonstramos no capítulo anterior), se diverte. Uma aluna disse certa vez que “o bom de ir à escola de manhã é que fico sem fazer o trabalho pesado. Quando chego em casa muita coisa já está feita”.

É interessante que, quando perguntamos se eles gostam da zona urbana, a maioria afirma que não, “as pessoas da zona urbana são muito chatas”. Mas a escola está situada na zona urbana e eles têm o maior desejo de freqüentá-la, quase 100% de freqüência todos os dias (no horário vespertino há um importante número de faltosos), isso porque na escola eles se sentem protegidos pelas regras e normas da instituição, menos expostos a algum preconceito na rua. Prova disso é que a diretora-adjunta afirmou que, se as festas acontecerem na escola, a freqüência é maior. Eles têm pouco contato com os jovens da zona urbana, já que a escola separou os alunos da área rural no período da manhã e a tarde para os alunos da área urbana.

A pouca convivência entre jovens rurais e os da cidade não quer dizer que eles se sentem isolados. Eles mantêm relações amistosas com jovens da área urbana nos espaços de sociabilidade nos campos de futebol, nas festas, e aparentemente entendem-se bem, principalmente se forem do sexo masculino. As moças são mais tímidas do que os rapazes.

No ginásio, entre as moças, a rivalidade é menos visível. Já entre os rapazes observei rivalidades entre eles e os outros de outras comunidades rurais de Queimadas. Alguns jovens do Cariri se estranhavam com os do Agreste, região mais próxima da zona urbana. Antipatia que resultou numa série de brigas fora da escola, envolvendo vários jovens. Uma das brigas foi conduzida aos limites da Delegacia pelo diretor. Esse e mais dois casos registrados sobre a ocorrência de briga não são fatos constantes, nem acontecem dentro das dependências da escola, estavam envolvidos ex-alunos, transferidos para outros colégios do município.

⁴⁹ Perguntamos a uma auxiliar de serviços gerais sobre os namoros na escola, já que o diretor havia dito ser proibido, e ela respondeu: “*Está vendo aquele pé de coco, olhe nos bancos depois deles*”. E lá estava o casal beijando-se. Um aluno disse-nos: “*Mas isso é o melhor que existe na escola. Ah! O diretor não tá em todo canto não*”.

A constância é de uma convivência pacífica e solidária no dia-a-dia escolar entre alunos, professores e funcionários no período da manhã, onde a maioria dos jovens rurais possui um *habitus* que os tornam mais propensos à obediência, como vimos no capítulo 2. Sendo constante observarmos sua submissão às regras escolares referentes a esse assunto, contidas no artigo 41, item III, do Regimento Escolar que proíbe aos alunos “praticar atos ofensivos à moral e aos bons costumes” e que (artigo 42) “por faltar com o cumprimento dos seus deveres, o aluno estará sujeito a penalidades, que compreendem: I - advertência oral pelo professor; II - advertência por escrito a ser apresentada aos pais; III - cancelamento da matrícula”. Os jovens da 2ª série do ensino médio manhã não questionam e até elogiam essas normas. Para eles “é preciso ter ordem na escola, porque se não os que gostam de estudar ficam prejudicados pelos bagunceiros” (FALA DOS JOVENS DA 2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO-MANHÃ).

4.2 A 2ª série do Ensino Médio em aula de campo: integrando escola e comunidade

No dia 18/08/2007 a turma fez uma excursão à cidade de Areia - PB. A saída foi do colégio “O Assisção” às 08h30. O objetivo principal era integrar escola – comunidade. O objetivo pedagógico era conhecer uma cidade histórica, sua arquitetura, os engenhos, os nomes ilustres, principalmente Pedro Américo, famoso pintor brasileiro, como também perceber o que a cidade incorporou de moderno.

O transporte foi conseguido por uma aluna, com uma vereadora do município. As despesas com alimento, o “agrado” do motorista e o pagamento do guia, ficou por conta da turma.

Poucos estudantes aderiram ao passeio. Apenas doze compareceram: três do sexo masculino e nove do sexo feminino. Também poucos professores participaram: a professora de História, o de Geografia, o de Inglês e o diretor. Dois professores de outras séries. No ônibus as redes de amigos eram as mesmas da sala de aula.

O diretor havia acertado com o guia para esperar a turma no caminho. Às 10h00 da manhã ocorreu a primeira parada para seguirmos a trilha, dentro da mata, onde o guia fez algumas interrupções para explicar a história da mata, os problemas ocasionados pela

poluição, derrubada das árvores e os perigos das plantas tóxicas fazendo também uma relação entre a questão da devastação da mata e as desigualdades sociais. Para ele, é difícil controlar o desmatamento, pois algumas pessoas tiram da mata a sobrevivência, seja retirando madeira para cozinhar seus alimentos, porque não possuem dinheiro para comprar o botijão de gás, seja matando animais para fazer a “mistura do almoço”.

Todos prestavam atenção ao guia e continuavam andando, até que saíram novamente na pista para outra vez entrar no ônibus e seguir viagem para sede da cidade de Areia. Na sede, visitaram a igreja matriz, onde o guia explicou a história da mesma até a reforma recente, e o significado dos afrescos no teto, do Museu Regional e da Casa de Pedro Américo. O guia contou toda história de um cidadão de Areia que se transformou em um cidadão do mundo. A turma já estava exausta. Eram 12h00 (meio-dia) e o guia sinalizou a hora do almoço.

Ao chegarmos ao restaurante, todos “comportaram-se adequadamente”. Foi um momento de descontração. A professora de História achou um cabelo na comida, o que fez a turma dar boas risadas, por detrás da parede do quarto do restaurante (que é uma casa cheia de quartos) comentando que outras duas pessoas também haviam encontrado cabelo nos seus pratos. O diretor até fez brincadeira do caso, afirmando que “teria comido da feijoada justamente porque disseram que continha cabelos”. Não queria constranger o dono do restaurante, ao mesmo tempo em que queria causar uma boa impressão.

Quando saíram do restaurante o diretor convidou-os para visitar o túmulo de Pedro Américo. O grupo combinou que ia, mas antes queriam ir à cachoeira. Depois de muito diálogo, o diretor concordou, e partiram para trilha. O ônibus só chegou até a metade do caminho. O restante do percurso foi feito a pé. Eu, minha filha, que me ajudava na filmagem do passeio e a professora de História não conseguimos chegar ao destino final, voltando para o ônibus que esperava a turma.

Passada uma hora do momento em que eles haviam saído, começaram a chegar de volta aos poucos. O brilho dos olhos, os sorrisos e os comentários expressavam a tamanha alegria que sentiam. Nenhum lugar por onde haviam passado teria lhes proporcionado tanto prazer. Teceram alguns comentários: “Precisamos voltar com mais tempo. Esse foi o melhor lugar que fomos” (diziam uns). “Vocês perderam o melhor do passeio” (diziam outros).

O certo é que os lugares por onde andaram em busca de mais conhecimento científico, como na mata, no museu, no orquidário, no engenho, na Universidade de Ciências Agrárias, não despertaram o estado de alegria e paixão, embora a maioria prestasse atenção à explicação do guia. Quanto à cachoeira, eles foram para se divertir, e não para assistir a mais uma aula expositiva.



FIGURA 13 – ALUNOS BRINCANDO COM UM SAGÜI E À DIREITA DUAS ALUNAS AFASTADAS DO GRUPO PARA TIRAR FOTO. ARQUIVO DA PESQUISADORA.

Depois que todos chegaram ao ônibus – e alguns que haviam chegado na frente ter contado as aventuras: subir nas pedras, cair das pedras, tomar banho... – voltamos. Não daria tempo para visitar o túmulo de Pedro Américo, o que o diretor tanto queria. Mas como o retorno era pelo centro histórico da cidade, e o diretor parou para o guia descer, a turma aproveitou para comprar água e lanche. Ficaram felizes novamente porque iam no “bar do chifre”. Acompanhei-os até lá.



FIGURA 14 - ALUNOS DA 2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO NO BAR DO CHIFRE – AREIA (PB).

No bar, não ficaram quietos, entraram na fila para tocar o sino do “corno” e ficaram em posição nos chifres para tirar as fotos. Naquele momento, o “chifre” virava brincadeira, deixava de significar um ato de traição conjugal tal qual eles insinuam na vida diária, enquanto estão em grupinhos conversando entre os amigos. A estada no bar foi rápida, não podiam demorar, alguns moram distante da sede do município, e iam andar a pé depois que o ônibus os deixasse à margem da BR-104, que liga Queimadas a Alcântil e a outras cidades.

A viagem de volta foi mais silenciosa do que a ida, que teve música ao vivo até a primeira descida para a trilha na mata. A turma já havia bebido algumas cervejas que os professores de Inglês e Geografia compraram. Isto foi motivo de crítica da professora de História, que disse: “Acho errado trazer os alunos para uma aula de campo com objetivos pedagógicos e beber com eles. O passeio perdeu o objetivo” (PROFESSORA DE HISTÓRIA).

Para ela, a escola estava representada pelos professores e o diretor, que ali estavam, e a distância hierárquica deveria ser mantida – embora a turma em nenhum momento esquecesse seu lugar, pois sempre que se dirigia a algum deles iniciavam com: “professor” ou “professora” – confirmando a mesma orientação de dentro da escola, onde as professoras são sempre mais reservadas. O mesmo comportamento foi observado pela professora de Ciências. O diretor também se resguardou um pouco durante a viagem.



FIGURA 15 - PROFESSORA DE HISTÓRIA (DE COSTAS) E OUTROS PROFESSORES DA TURMA EM MEIO AOS ALUNOS. ARQUIVO DA PESQUISADORA.

Outro fato que me chamou atenção foi que, embora o diretor não tivesse orientado um tipo de roupa especial para a excursão, os jovens rurais estavam equipados: calça jeans;

jaquetas, já que estava muito frio; bolsas com os lanches, e tênis, pois o dia alternava momentos de sol forte e nuvens escuras provocando leves neblinas. Se observarmos os trajés de cada um, veremos que os jovens rurais não se diferenciam dos jovens urbanos nas formas de se vestir.



**FIGURA 16 – ADRIANA (DE CASACO BRANCO) TIRANDO FOTOS COM SEU CELULAR.
ARQUIVO DA PESQUISADORA.**

Essas duas jovens (Adriana e Suzana) fotografavam os espaços visitados com um telefone celular com câmera, embora não fossem muito falantes participando dos diálogos ou perguntando ao guia turístico, como faziam os seus colegas. Indicando que os jovens rurais e urbanos não apresentam diferenças importantes no vestuário, adornos, tais como bijuterias, óculos, domínio da tecnologia e posse de alguns equipamentos, como celular e câmeras fotográficas.

Chegamos ao fim do passeio. Descemos do ônibus em Queimadas, às 19h00. Alguns desceram na sede, onde familiares esperavam para conduzi-los até em casa; outros alugaram moto-táxi ou foram para o ônibus da linha. Outro grupo tomou o ônibus da excursão, que foi deixá-los na pista (BR-104), para de lá seguirem para suas casas.

Podemos dizer que o passeio ajuda a consolidar os laços de amizade, interação e solidariedade entre colegas e entre alunos e professores, além de proporcionar a relação da escola com outras comunidades.

4.3 As interações em sala de aula

A sala de aula da 2ª série do ensino médio possui 48m², cinquenta cadeiras, quarenta e seis com braços e quatro sem braços, todas bem juntinhas umas das outras. Na sala há janelões, quase sempre fechados, porque a claridade natural do ambiente reflete no quadro-de-giz, prejudicando a visão dos alunos. Contudo, esse não é um problema, já que a sala é bem iluminada.

A mesa do professor é posta ao lado, na sala, mas nem sempre eles sentam-se. Há exceções: alguns ficam sentados grande parte da aula. Especialmente em dias de aplicar provas, corrigir exercícios ou entregar provas. O quadro de giz mede um metro e vinte centímetros de largura, por 3 metros de comprimento, em perfeito estado de conservação.

A organização do espaço físico não é algo neutro, nem puramente técnico, ou seja, uma distribuição de indivíduos e objetos em um determinado espaço físico tem uma configuração espacial e simbólica. Por exemplo, aqueles que gostam de conversar e às vezes deixar de copiar algum conteúdo, não se sentam nas cadeiras da frente.

A organização da sala é em filas, mas os alunos que tem afinidades dão sempre um jeito de aproximarem-se ainda mais uns dos outros. A proximidade faz os “papos rolaem”. A figura a seguir demonstra como é organizada a sala no início do dia de aulas. As setas indicam os grupos que se juntam para fazer trabalho, conversar e colar. No final de cada turno os grupos estão formados e as carteiras bem mais próximas umas das outras.

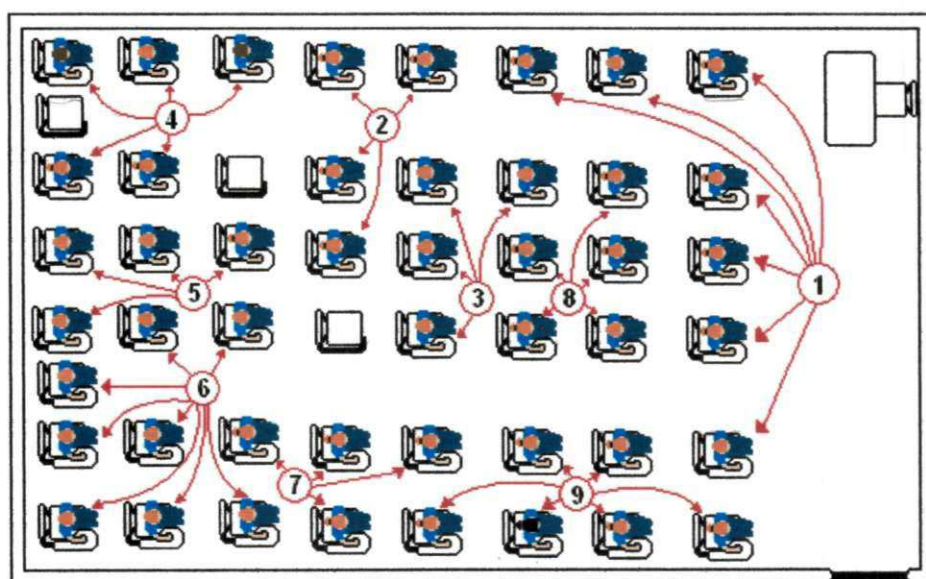


FIGURA 17 – DISTRIBUIÇÃO DOS GRUPOS DE ALUNOS NA SALA DE AULA. ARQUIVO DA PESQUISADORA.

Identificamos a presença de nove grupos: 1- Suzana, Renato, Alfani, Juliete, Adriana Pereira, Adélia, Renan; 2- Eliziane, Taíse, Tamires, Vanessa; 3- Cláudio, Fabrício, Gutierri, Ademir; 4- Arthur, Lenilson, Aparecida, Rafael, Roselange; 5- Fabiana, José Diego, Almir, José Adriano; 6- Alan, André, Lucas, Ivanildo, Junior, Edivan, Hélio, José Renan; 7- Diana, Dayana, Lenilda, Rosilene; 8- Claudeniz, Claudiana, Antônio, Alessandra, Jailma; 9- Maria de Jesus, Adriana Valeriana, Joelma, Leticia, Ozélia, Leidivânia.

A esses grupos eles denominam “panelinha”. Na panelinha há uma relação baseada na confiança mútua. Eles trocam os trabalhos, os sorrisos, as informações e principalmente dialogam muito em momentos que não atrapalham a aula. Três formas de interação foram identificadas em sala de aula: primeiro, a interação professor-aluno; segundo, a interação social do aluno de melhor coeficiente escolar com os demais; terceiro, a interação mediada pela “cola”. As três formas de interação ajudam a manter a fachada dos atores, diante do que a instituição espera deles no cotidiano escolar. Ou seja, que o aluno seja solidário, tenha um bom coeficiente; e quanto aos professores, sejam bons profissionais.

4.3.1 Interação professor-aluno: o professor ideal na concepção dos jovens rurais

A chegada dos professores de Matemática e de Português é em tom de descontração. Eles adentram a sala já sorrindo e perguntando como os alunos estão. Não iniciam pelo assunto do conteúdo curricular, mas por assunto do dia-a-dia. O professor de Matemática criou duas estratégias interessantes. Primeiro) Uma vez por semana, um aluno ou aluna da classe lê e explica um trecho da Bíblia Sagrada, que pode ser um salmo, escolhido por eles. Com isso, ele consegue conservar o espírito de solidariedade, respeito e amizade sem ter que pedir diretamente aos alunos. Segundo) Ele não grita, permite conversar até o momento em que ele termina de copiar o conteúdo, desde que os alunos não parem de copiar, depois todos prestam atenção apenas nele. É uma forma de domínio de sala, que ameniza a relação de poder que existe entre professor e aluno. Comportando-se nesses moldes, os professores não vão estar apenas dentro dos padrões exigidos pela escola, porque é um bom facilitador, mas principalmente porque é um amigo. Sobre isso

Goffman (1985) sustenta: “(...) e o ator disciplinado é alguém com suficiente equilíbrio para passar de posições particulares de ausência de formalismo para posições públicas de graus variáveis de formalismo, sem deixar que estas mudanças o perturbem” (GOFFMAN, 1985, p. 199).

Durante toda a aula, os professores de Matemática e de Português sempre associam os assuntos do livro didático às questões do cotidiano. Quando precisam chamar atenção de alguém, dirigem uma pergunta ao invés de reclamar diretamente. Essa atitude evita a ridicularização do aluno que estiver conversando naquele momento, ao mesmo tempo em que inibe outras conversas, já que os alunos não gostam de serem interrogados.

Em alguns dias, as aulas desses dois professores passavam que nem nos dávamos conta do tempo e as provas deles não são muito comentadas, enquanto que nas outras matérias, os alunos comentam sem parar, demonstrando preocupação, como por exemplo, as de Química, Biologia e Física. Sem contar com Inglês, que os alunos disseram que “o professor escreve tudo em língua inglesa como se a gente soubesse o que está lendo e fazendo”.

Os professores de Português e Matemática nem sempre conseguem fazer chamada, às vezes passam uma lista, outras dizem saber de cabeça a presença de cada um, isso é possível porque o índice de faltas é mínimo no horário da manhã.

Na saída, geralmente, o professor de Matemática é acompanhado pelos alunos. Ele é jovem e fala muito de futebol, assunto preferido pelo sexo masculino na sala de aula. Por outro lado, o professor de Português acerta, em tom de camaradagem, até mesmo o exercício da outra aula, com base no livro didático: “uma parte, fica com os números ímpares para responder, outra, com os números pares”. Essa preocupação do professor de Português foi explicada por ele, “que não se pode exigir muito dos alunos da zona rural, porque ao chegarem em casa vão trabalhar e não tem tempo suficiente para fazer tarefas escolares longas”.

Os alunos reclamam dos outros professores, alegando que eles se preocupam muito com o conteúdo e muito pouco com eles. Percebe-se o desestímulo nos olhos de muitos deles em algumas aulas. Parece até que certos assuntos não são interessantes para os alunos. Como disse Brandão, esquecem que os alunos são “carne e espírito” (BRANDÃO, 2004, p. 12).

A idéia dos professores é de que a escola é o lugar onde se busca o conhecimento. E esse conhecimento diz respeito aos conteúdos que precisam ser interiorizados pelos alunos

através de aulas preparadas, seguindo um currículo nacional que precisa ser cumprido durante cada série escolar. Muitas vezes nem se explica a função de determinado conteúdo. Nem sempre se pensa que os alunos já chegam à escola com uma história de vida, realidades socioeconômicas e culturais capazes de fazê-los assimilar os conteúdos em tempos diferenciados (BRANDÃO, 2007; BOURDIEU, 2002) e tratam todos igualmente.

Nós não podemos negar que os jovens rurais pertencem a uma realidade diferenciada⁵⁰, não que sejam incapazes intelectualmente, mas convivem em um espaço onde existem menos cobranças em relação ao conhecimento acadêmico e muito mais exigências sobre os conhecimentos práticos⁵¹. Como também o conhecimento para eles faz sentido quando pode ser utilizado. Sem esse objetivo não precisa estudar. Bourdieu considerou em seus estudos essa relação, como a posse de capital social diferenciado:

O capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da “pessoa”, um habitus. Aquele que o possui “pagou com sua própria pessoa” e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo. Esse capital “pessoal” não pode ser transmitido instantaneamente (diferentemente do dinheiro, do título de propriedade ou mesmo do título de nobreza) por doação ou transmissão hereditária, por compra ou troca. Pode ser adquirido, no essencial, de maneira totalmente dissimulada e inconsciente, e permanece marcado por suas condições primitivas de aquisição. (BOURDIEU, 2000, pp.44-75).

Por ser o capital cultural dos jovens rurais profundamente ligado a uma linguagem informal, construído na convivência descontraída com os objetos e situações que vivenciam na cultura camponesa, que perpassa gerações, nas quais não precisa ter cuidado com o rigor da linguagem oficial, eles interagem melhor quando a escola enfatiza esse fato e consegue ensinar sem imposições da cultura dominante, mas na intermediação da cultura do jovem com a cultura escolar.

Mas nem todos os professores estão atentos ou preparados para refletir sobre o habitus dos alunos. Foi o caso do professor de Física: em um momento ele afirmou que os alunos não se esforçavam e que por isso tiravam notas baixas. Mas em uma outra

⁵⁰ É preciso que fique claro que os pais dos jovens rurais se preocupam com os estudos dos filhos, para que tenham uma vida mais digna, conseguindo um emprego melhor remunerado.

⁵¹ O jovem rural precisa dominar os conhecimentos necessários a sua sobrevivência na terra, como saber controlar uma enxada, cortar palma sem se ferir, etc.

oportunidade, sem se perceber, ao ser questionado por alguns alunos que o conteúdo da matéria estava muito difícil, ele afirmou que “era daquele jeito mesmo, ele quase sempre tirava nota baixa nessa danada”. Nem se deu conta de que se ele que é filho de professora, irmão de professor, esforçado e estudioso a ponto de ser hoje estudante do curso de Física da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), teve problemas de aprendizagem na disciplina quando era estudante de ensino médio, é porque ela não é tão fácil. Entendemos que os alunos não são relapsos, mas interiorizar saberes é um processo lento. Principalmente, para jovens cujos pais são analfabetos ou têm escolaridade até no máximo a primeira fase do ensino fundamental e são socializados em um meio social que enfatiza o aprendizado prático e não através dos livros.

A professora de Biologia foi outra que chegou a consolar os alunos, afirmando que às vezes ela mesma se pergunta como está especializando-se nessa área, porque tinha imensa dificuldade na matéria enquanto era aluna do ensino médio. Por outro lado, o professor de Química, diante do silêncio quando termina a exposição do conteúdo e pergunta se os alunos entenderam, tenta antecipar a possível resposta negativa dos estudantes, dizendo “sei que vocês entenderam, vocês são capazes!”. E os jovens já perceberam que esta é uma estratégia criada pelo educador porque não consegue encontrar palavras mais adequadas, uma linguagem mais simples, para explicar o assunto.

Dessa forma, se a comunicação é responsável pela interação entre sociedade e indivíduo, existe um descompasso entre as metodologias de ensino utilizadas na instituição escolar que se orientam por um currículo nacional, a postura do professor que mesmo qualificado ou se qualificando não consegue fazer-se entender, e a realidade dos alunos que não são nem informados sobre a finalidade dos conteúdos escolares no cotidiano. No caso de Química, podiam-se associar os conteúdos aos produtos industrializados utilizados pelo homem diariamente; fazer experiências em sala de aula; levar os estudantes para um laboratório, já que a escola não oferece.

Devemos considerar também que na comunidade rural a sociabilidade é orientada por regras de reciprocidade entre vizinhos e parentes, bem como por valores religiosos. A relação de proximidade pessoal é incorporada no habitus dos alunos dos sítios. E os jovens rurais carregam dentro de si uma educação pautada nesses princípios. Se o professor entra

na sala de aula apenas com o objetivo de cumprir os conteúdos⁵² da escola, sem a sensibilidade para o habitus dos estudantes, poderá ter dificuldades em motivá-los.

Ao perguntarmos qual a aula que mais lhes agradam, os jovens responderam “aquela que o professor brinca com a gente, que conversa assunto da vida”. Um aluno certa vez perguntou ao professor de Química por que eles precisavam da matéria. Isso significa que, para eles, a avaliação sobre o aprendizado relaciona-se com a utilização do mesmo na vida prática.

Quando o professor adentra em uma sala e vê os alunos apenas como um número na caderneta, como há tantos que nem o nome chama na hora da chamada (a exemplo do professor de Educação Física), cria uma distância bastante significativa entre ele e os educandos. Percebendo a falta de empatia com a turma, a professora de Biologia, em uma atitude bastante louvável, solicitou aos estudantes que avaliassem a sua metodologia de ensino e a sua postura de professora. Os alunos, sem exceção, criticaram a postura da educadora que, de acordo com nossa observação, condiz muito mais com a exigida no modelo tradicional de ensino⁵³.

Ela chega, copia o conteúdo e aplica exercício para memorização. Não busca estabelecer relação entre os conteúdos ensinados, os interesses dos alunos e os problemas reais do município (BRASIL, 1997). E os poucos elogios à professora eram imediatamente repreendidos pelos cochichos dos outros, que diziam: “está babando a professora por causa das notas, mas que ninguém gostava dela”.

Uma das coisas que mais reclamaram foi a dificuldade em entender os termos científicos com os quais precisam lidar na disciplina. Outra foi que “ela só fala em prova, não é divertida, é muito séria”. Essa constatação leva-nos a perceber que os jovens rurais associam diretamente a qualidade do professor a sua postura pessoal, o bom professor é aquele que consegue articular teoria e prática, bom-humor e autoridade, sem, contudo, tornar o processo ensino-aprendizagem uma relação de imposição, mas um ato de troca.

Isso significa que o objetivo da escola deve estar além da transmissão do conhecimento. Ela precisa ser percebida como

⁵² Não queremos com isso negar o caráter objetivo da instituição, que é principalmente o de transmitir o conhecimento sistematizado.

⁵³ Na pedagogia tradicional o professor é visto como autoridade máxima, um organizador dos conteúdos e estratégias de ensino e, portanto, o guia exclusivo do processo educativo (BRASIL, 1998).

{...} um sistema compreendido como pontos, feixes e eixos de relações complexas vividas e pensadas nos intervalos dos diferentes entrelaçamentos entre ela e as outras unidades da sociedade e da cultura, em que a escola e a educação escolar estão inseridas (BRANDÃO, 2004, p. 11).

Dessa forma, há uma maior afinidade dos alunos com os professores que interagem mais com eles, que os respeitam e os compreendem que, além de educandos, está cuidando de sujeitos sociais com sentimentos, uma história de vida (DAYRELL, 2006). O professor ideal para os alunos é aquele que é capaz de interagir com os grupos, demonstrar interesse pelas suas vidas, ouvi-los. Compreender que quem ensina também aprende (FREIRE, 2002).

O professor de Matemática quando elabora os exercícios no quadro-de-giz coloca os nomes dos alunos, ou alunas, e palavras-chaves, como amor, amizade, o que faz surgir brincadeiras e diálogos. Às quintas-feiras, um aluno ou aluna é escolhido para fazer uma leitura bíblica e ajudar a turma a refletir sobre o tema, repensando as próprias relações dentro da sala de aula, da escola e até das famílias e de suas comunidades. Os jovens afirmaram que essas reflexões ajudam a “andar na linha. Serem pessoas melhores”.

O professor de Português, nas aulas de literatura, costuma trazer questões como crime passionai, violência, corrupção, casamento por interesse, entre outros temas para refletir a realidade de cada um, o que rende muitas discussões, aproximações, brincadeiras, confissões, descontraindo o conteúdo programático da disciplina. O professor deixa de falar sozinho e dá voz aos alunos, que muitas vezes sugerem temas para aula posterior.

Dessa forma o professor deixa de ser foco principal e a turma também participa, mesmo que às vezes não sejam coerentes em suas falas. A esse modelo de aula, Guerra (2004) chamou de “aula plurigerida”. Nessa proposta, o aluno pode contribuir com a aula sem medo de errar, ou de falar sozinho. Todos contribuem falando, mas também escutando. Em alguns casos, os alunos falam mais do que o professor.

Assim torna-se o ato de ensinar/aprender prazeroso, no qual não há professor de um lado e aluno do outro, mas professor e aluno construindo juntos, ambos aprendendo juntos. Para isso, é preciso que o professor seja informado sobre o seu público para desempenhar bem seu papel diante dele.

De acordo com a etnografia de sala de aula, os dois professores, o de Língua Portuguesa e o de Matemática, se destacaram: entram em sala de aula e já transmitem segurança, isso significa que conseguem falar de outras coisas, de outros assuntos, sem,

contudo, perder o domínio de sala. Não há distância entre os educadores e os alunos. Brincam, sorriem, contam piadas, perguntam pelo jogo de futebol do final de semana ou falam algo visto no jornal da noite, muitas vezes fazendo toda a turma participar da discussão. Exceto algumas alunas que não falam durante toda aula, tímidas, só olham e raramente fazem um ar de riso, mas isso também é respeitado.

Esse tempo em que os professores promovem a interação entre eles e os alunos é considerado por alguns professores como perda de tempo, já que precisam “dar todo o conteúdo”, “necessitam dar a aula”, “o tempo é curto”. Entendemos que esses minutos são preciosos. Quando os professores de Português e de Matemática falam “vamos voltar ao assunto”, os alunos fazem silêncio e atendem ao pedido.

Com isso não queremos dizer que há uma relação isenta de conflitos. Isso não seria possível, se considerarmos que estamos lidando com pessoas, e não com objetos. Segundo Simmel (1983), o conflito é uma forma tão pura de sociação e tão necessária à vida do grupo e a sua continuidade como o consenso. Mas essa não é a posição de todos os professores. No depoimento de alguns deles, percebemos que “sala de aula boa” é aquela na qual não existem barulho, discussões, nem reclamações, os alunos recebem as orientações e as seguem sem questionar.

Não é o caso dos professores de Português⁵⁴ e Matemática⁵⁵. Sem medo de perder o domínio da sala, os dois educadores deslocam-se várias vezes para as cadeiras. Tiram dúvidas. Olham os cadernos.

Se existe outro tipo de material em cima da cadeira, além dos materiais didáticos necessários no momento, os professores não reagem com agressão. Pegam, olham e às vezes até socializam o objeto. Foi o caso de uma revista de signos, que foi levada para sala na aula de Português. O professor pegou a revista, levantou-a, em seguida perguntou quem acreditava em previsão de horóscopos. Durante alguns momentos, a turma discutiu o assunto, depois ele explicou “que todo tipo de leitura era válida, mas que era importante também gostar de leituras oferecidas na escola”. Devolveu a revista à aluna que a guardou e voltou a atenção para a aula. Talvez se o professor tivesse usado o seu poder para criticar ou ridicularizar a aluna, pelo tipo de leitura realizada por ela, não tivesse conseguido seu respeito e sua adesão à aula.

⁵⁴ Gilson, 40 anos, natural de Fortaleza-CE, licenciado em Letras pela UEPB.

⁵⁵ Ronieri, 25 anos, natural de Barra de Santana, licenciado em Matemática pela UEPB.

Essa relação pode significar uma inclusão social do sujeito (no caso, a aluna que estava distraída), à medida que se respeita o seu ponto de vista, os seus gostos, a sua cultura, o seu saber (FREIRE, 2002).

Nesse sentido, Sposito disse:

[...] torna-se necessário admitir a diversidade, as diferentes orientações e representações, os ritmos, tempos e espaços que gestam práticas. Enfim, é preciso ousar conhecer tanto a escola como os movimentos e atores coletivos, na condição de universos que gestam representações e práticas polissêmicas de produção cultural (SPOSITO, 2006, pp. 97-98).

O professor, mais do que nunca, precisa lançar esse olhar sobre a instituição, tendo em vista a multiplicidade de sujeitos com os quais lidam diariamente.

Os alunos elegeram esses dois professores como os melhores da escola no turno da manhã, afirmando que orientam aulas muito “bacanas”; “eles brincam com a gente, isso sem deixar de exercer seu papel de professor”; “a outra professora, ela é chata, só pensa em prova”; “a aula dela fala muitos nomes difíceis”.

Resumindo, “Bacanas” para os alunos da 2ª série, quer dizer, interagir, se interessar por eles, fazê-los participar das discussões; fazer uma mediação entre teoria e prática; participar de brincadeiras. Não deixar que a obrigatoriedade de cumprir os conteúdos do ano letivo e a fachada pessoal de professor tornem a sala de aula monótona. As brincadeiras não são interpretadas por eles como perda da moral do professor, enquanto professor, mas respeito pelo que eles gostam, pensam e são. Enquanto espaço de respeito e igualdade, a sala de aula deixa de ser um peso e as provas perdem o sentido de tortura. Há uma relação de confiança entre professor e aluno. Uma cumplicidade entre a representação de professor e a expectativa de sua platéia.

4.3.2. O aluno de melhor coeficiente em sala de aula

Lenilson é um jovem de 16 anos e reside em um sítio próximo à zona urbana de Queimadas. Possui duas irmãs. Gosta de jogar bola. E possui dois desejos: comprar um computador e conseguir entrar para um curso de graduação em uma universidade pública.

Quando criança, apesar das dificuldades econômicas de sua família, conseguiu fazer o pré-escolar, com a ajuda de uma bolsa de estudos. É um jovem tímido, usa óculos, é membro da Igreja Adventista e é muito estudioso. Mas como é Lenilson na sala de aula na escola? O que a escola e os colegas esperam dele? Que papel ele desempenha na sala de aula?

Na nossa interpretação, Lenilson representa uma posição de status e respeito na sala de aula. As informações que os colegas têm dele vão além de esperarem que ele obtenha sempre as melhores notas. Sua imagem é o referencial tanto na sala de aula, quanto em toda a escola da conduta do bom aluno. Para o diretor, é a “propaganda” mais importante da instituição.

Como a figura de Lenilson está associada a uma nota que exceda sempre a média, percebemos que é árduo para ele manter essa imagem, porque seus colegas geram uma expectativa tão alta que não admitem uma nota baixa. Quando ele vai receber sua prova, os outros alunos já gritam “é dez”.

Lenilson nem sempre se expressa intencional e conscientemente, quando desfila na escola com os braços carregados de livros e apostilas, mas esses são os símbolos associados a sua representação, ao coeficiente constantemente alto esperado por seus colegas, seus professores e professoras e a própria direção da escola. Para Goffman (1985), “A projeção inicial do indivíduo prende-o àquilo que está se propondo ser e exige que abandone as demais pretensões de ser outras coisas” (GOFFMAN, 1985, p.19).

Logo, o aluno Lenilson é sempre cobrado por isso e não se admite que ele obtenha notas menores que as dos seus colegas de turma. Por isso, se ele não conseguir a pontuação máxima nas provas, será considerado um problema do professor e uma conformação para os outros alunos. “Se até Lenilson tira nota baixa, então a prova estava difícil mesmo”, disse um aluno da turma. Vê-se que “na vida cotidiana, as primeiras impressões são importantes” (GOFFMAN, 1985, p. 19).

A situação de Lenilson é bem definida. Seus colegas o respeitam, porque sabem que ele é muito esforçado e preparado para representar a turma. Quando um professor comete alguma falha em termos de conteúdo, ou de uma questão de prova que ainda não havia orientado a matéria, não são os outros alunos que reclamam, mas Lenilson. Certa vez, o professor de Português elaborou a prova sem explicar o conteúdo completo referente à mesma. Os outros alunos murmuravam de um para o outro a falha do educador, cutucaram o colega da frente, o colega do lado, entretanto, depois de muitos cochichos,

Lenilson chamou o docente para ir até a sua cadeira e explicou o que estava ocorrendo. O papel representado por Lenilson na sala de aula proporcionou-lhe esse direito.

Se, “quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles” (GOFFMAN, 1985, p. 25), não caberia aos outros alunos da sala reclamar da nota, porque imediatamente o professor iria responder: “você não estudam, e estão reclamando de que?”. Frase que os jovens afirmaram ouvir sempre dos professores.

Como a reclamação foi feita por ele, o professor respondeu: “É, você tem razão, sua nota foi um acidente de percurso. Realmente eu me desloquei até a escola para conversarmos sobre esse assunto, mas quando cheguei aqui os alunos haviam sido liberados e era uma reunião de professores” (PROFESSOR DE PORTUGUÊS).

Para manter-se nessa posição de respeito que Lenilson conquistou, ele está sempre indo à biblioteca buscar livros para ler; responde todos os exercícios em casa, e enquanto os outros alunos estão preocupados em copiar as respostas do quadro negro, já que não fizeram em casa, Lenilson vai falando as respostas aos professores sem hesitar. Dessa forma, Lenilson torna sua atividade significativa para os outros colegas no espaço de interação da sala de aula (GOFFMAN, 1985).

Lenilson é respeitado, porque seu desempenho exemplifica os “valores oficialmente reconhecidos pela sociedade” (GOFFMAN, 1985, p. 41). Por isso, ele é mais incentivado do que os outros alunos e mais reconhecido. Está em sua responsabilidade também o nome da instituição. O diretor da escola afirmou em uma conversa informal: “Lenilson é a cartacoringa da escola, não queria que ele saísse daqui. Eu arranjei vários livros para ele. Se ele passar no vestibular vai ser muito bom para a escola, e eu confio nele”.

Há uma carga de expectativa em torno do jovem, ele precisa expressar constantemente os padrões ideais aos quais a sua imagem está ligada. Por isso, ele jamais entra em confusões, estuda sem cansar, é ordeiro, companheiro nas horas de aula, independente na hora da prova. A esse respeito, afirma Goffman (1985) que “ser uma determinada espécie de pessoa, por conseguinte não consiste meramente em possuir os atributos necessários, mas também em manter os padrões de conduta e aparência que o grupo social do indivíduo associa a ela” (GOFFMAN, 1985, p. 74).

Isso explica porque Lenilson evita passar cola para os outros e se dedica inteiramente aos estudos; substitua os professores, quando solicitado; queira manter-se sempre com as melhores notas. Assim, para Goffman (1985), “Uma condição, uma posição

ou um lugar social não são coisas materiais que são possuídas e, em seguida, exibidas. São um modelo de conduta apropriada, coerente, adequada e bem articulada” (GOFFMAN, 1985, p. 74).

E é assim que percebemos o desempenho de Lenilson na turma da 2ª série do ensino médio estudada. Representar esse papel para ele não é nenhum sacrifício, é prazer. Pelo menos, é a imagem que ele permite passar nos momentos de convivência com o grupo.

Algumas observações precisam ser feitas levando em consideração o contexto da sala de aula como um todo. Primeiro, conviver com um aluno com essas características, em sala de aula, exigiu dos professores alguns cuidados para que ele não monopolizasse as respostas e inibisse a participação dos outros. Nossos professores tiveram essa preocupação, pedindo para Lenilson silenciar por alguns minutos, só respondendo se nenhum outro aluno ou aluna se pronunciasse. Segundo, não queremos dizer que esse caso pode ser generalizado. Existem casos em que o aluno que se destaca como o melhor da instituição é criticado e até perseguido pelos colegas de sala. Terceiro, no nosso caso, Lenilson é quem representa a sala de aula, em termos de conhecimento e comportamento. Logo, ele é amado pelos seus colegas e, durante o nosso período de observação manteve-se humilde, sem deixar sua posição o levar a humilhar seus colegas de turma. Quarto, alguns alunos obtêm notas boas, quase equivalentes às de Lenilson, mas não chegam a ser constantes. Vejamos as notas de alguns alunos que possuem coeficientes próximos ao de Lenilson.

Quadro 5 - Médias Anuais dos Jovens Rurais de Melhor Coeficiente: 2ª Série do Ensino Médio

Nome	Disciplinas				
	Português	Matemática	Química	Física	Biologia
Lenilson	9,1	10	9	7,9	9,7
Cláudio	7,9	9,7	8,5	7,3	7,9
Arthur	7,9	9	8	7,4	9,3
Taise	7,9	8,3	8	5,2	7,3
Juliete	7,9	8,1	8	5,4	8,1

Fonte: Atas de Resultados Finais da Escola O Assisão - Janeiro de 2008

Eles não fazem questão por um coeficiente alto. Não são cobrados por isso, nem pelos colegas, nem pelos professores ou pela administração escolar. Alguns até confirmam que “o que interessa mesmo é o canudo”, referindo-se ao certificado de conclusão do Ensino Médio. Desejam o documento para poder trabalhar na indústria, comércio ou para levar para o Rio de Janeiro, facilitando-lhes um emprego. Essa expectativa é menor entre as jovens. Durante a pesquisa as moças falaram menos em migrar para outros estados do Brasil.

A quinta observação a ser feita é que, a posição de Lenilson, em relação aos colegas, não pode ser considerada de competição, no sentido simeliano, onde ambas as partes lutam pelo mesmo prêmio (SIMMEL, 1983 p.135), porque Lenilson é o único na sala imbuído da certeza de perfazer o caminho acadêmico. Os outros jovens rurais não têm esse objetivo nas suas perspectivas de futuro. Inclusive os professores incentivam muito toda turma, lembrando que para o contexto da sociedade capitalista, cada vez mais exigente em termos profissionais o ensino médio é insuficiente. Essa é uma das razões pelas quais, mesmo não passando “cola” nos momentos de “prova”, não é odiado por seus colegas.

Em síntese, o aluno de melhor coeficiente em sala de aula, a quem nos referimos, é um líder dentro de sua turma. Conserva sua posição através de constante esforço, estudando muito; mantendo-se equilibrado, evitando qualquer situação de briga e conservando-se humilde, ajudando sempre que os colegas solicitam. Por sua posição de líder, é considerado com autoridade para dialogar com professores em caso de falhas, ou falta de conexão entre professor ou professora e alunos. Suas conquistas nesses casos abrangem toda turma. Podemos ver Lenilson ajudando uma aluna da 1ª série do ensino médio em um exercício de física, na hora do recreio, e com seu colega de sala.



FIGURA 18 - LENILSON AJUDANDO UMA COLEGA DA 1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO E ESTUDANDO COM O COLEGA DE SALA. IN LOCO.

4.3.3 A “cola”: solidariedade, reciprocidade e silêncio

Pode parecer estranho discutir esse assunto aqui. Na verdade, pedagogicamente falando, a “cola”, popular “fila”, é prejudicial aos alunos. Disse o professor de Matemática, que “quando o aluno ‘cola’ em uma prova é como se o conteúdo se perdesse, e ele só vai saber sua falta quando for fazer um concurso ou vestibular”. Tomar uma posição sobre o assunto é controverso, porque envolve questões práticas e questões morais. No primeiro caso, é um ato de transgressão do ponto de vista do professor, mas é um assunto não comentado na escola, apesar de no artigo 41, item II, do Regimento Escolar se diga que é vedado aos alunos usar meios ilícitos para as provas ou exames. No segundo, é complexo porque, se boa parte da consciência moral é assimilada no convívio com os pais e na escola, como conversar sobre “cola”, se os profissionais da educação e os pais a ignoram?

Em alguns poucos trabalhos (JORGE, 2007; LIMA, 2006; MARTINS, 2007) encontrados sobre o tema, as conclusões concordam em um ponto: existe uma ligação entre a “cola” e a maneira de ensinar. Ou seja, em alguns casos, o estudante “cola” porque não entendeu o assunto. Os professores nem sempre se preocupam em avaliar sua prática pedagógica, e a “cola” é a única forma que o aluno encontra para obter a média exigida e sua aprovação de uma série para outra.

A reprovação pode trazer alguns problemas para o aluno, tais como: ficar constrangido perante os colegas e a família e principalmente a comunidade. Para evitar que isso aconteça, ele “cola”. A “cola” ocorre por quatro motivos: a) porque o nervosismo bloqueou a memória do aluno, de forma espontânea ou casual; b) porque ele não assistiu às aulas; c) porque assistiu às aulas, mas não entendeu o conteúdo; d) porque ele não estudou

aulas; c) porque assistiu às aulas, mas não entendeu o conteúdo; d) porque ele não estudou para a prova. Os autores também revelam que hoje a variação de formas de “colar” é ainda maior, por causa da tecnologia. Para Martins (2007), a “cola” pode ser considerada como “liberdade de aprender”, ela ajuda a recuperar os alunos com deficiência de aprendizado, promovendo uma equiparação entre notas. No nosso trabalho conseguimos analisar a “cola” atribuindo-lhe outros significados.

A “cola”, observada do ponto de vista sociológico, é um elemento de coesão social, pois não acontece de forma desordenada, mas orienta-se por regras de reciprocidade e confiança entre colegas, através de vários símbolos de comunicação. A relação de troca de informações durante as provas restringe-se aos companheiros mais confiáveis e próximos. Em geral, os colegas que trocam a “cola” estão sentados em cadeiras próximas, mas, caso o professor desconfie e desloque algum aluno de lugar, a troca pode se viabilizar através da comunicação de gestos visuais, elaborados, às vezes, com as mãos. A obrigação de retribuir a cola “orienta-se por questões morais. O que não retribuir poderá ser alvo de sanções morais na localidade”, no nosso caso, na turma da escola (MENEZES, 2006 pág.224).

Durante observações para esse trabalho, percebemos que ao receber as provas corrigidas, os jovens rurais olhavam um para o outro e questionavam por que a nota do outro teria sido maior do que a dele. Pela forma como conferiam as questões, notava-se que não era o que eles esperavam.

Observamos algumas notas. Comparando-as, notamos que eram próximas umas das outras, quando não igual. Uma única nota diferenciava-se sempre, a de Lenilson, sempre igual ou acima da média (exceto no dia em que o professor não orientou o conteúdo).

Ao perguntarmos aos professores sobre nossas suspeitas, eles responderam já terem desconfiado o mesmo. O professor de Português frisou:

As notas são iguais, ou quase iguais, de acordo com a posição de cada aluno. Por exemplo, até o meio da primeira fila do lado da porta é uma, do meio para lá é outra nota, e assim sucessivamente. Eles organizam-se por grupos e temos certeza de que eles ajudam-se. Mas diante das condições espaciais, e do prazo para fornecer as notas, não temos muito a fazer⁵⁶.

⁵⁶ Fala de um professor de Português da escola “O ASSISÃO”.

Percebe-se que as condições espaciais estão diretamente ligadas às formas de interações sociais na escola. Perguntamos aos alunos sobre a questão da “cola”. Eles responderam que “ela rola dentro das panelinhas”. Para Goffman, “as panelinhas funcionam muitas vezes para proteger o indivíduo não de pessoas de outra categoria, mas das de seu nível”. É isso que ocorre dentro da sala de aula com a “cola” (GOFFMAN, 1985, p. 82).

A “cola”, segundo alguns alunos, existe em todas as provas, mas para que alguém passe “cola”, é preciso ter certeza de não ser denunciado, por isso ela só acontece entre as pessoas de confiança. De acordo com Goffman, essa declaração dos alunos e alunas explica-se porque é evidente que “se os atores estão interessados em manter uma linha de ação, escolherão como companheiro aquele em cuja representação correta possam confiar”. (GOFFMAN, 1985, p. 88).

Perguntamos aos alunos sobre a questão acima, e apenas um em toda a turma afirmou que numa hora de dificuldade ajudaria aquele que não fosse da panelinha. O restante da turma confirmou que só ajudaria a quem também ajudasse, porque só assim poderia ser confiável. Para Goffman,

Dada a fragilidade e a necessária coerência expressiva da realidade que é dramatizada por uma representação, há geralmente fatos que, caso expostos à atenção durante a representação, poderão desacreditar, romper ou tornar inútil à impressão de que ela estimula (GOFFMAN, 1985, p. 132).

Por isso, embora os alunos saibam que os professores suspeitam que eles passam e recebem “cola”, eles fecham dentro da panelinha os segredos de suas combinações. Também não se expõem abertamente. Tudo é realizado muito discretamente.

É o que Goffman (1985) denominou de “segredos estratégicos”. Estes segredos fazem parte das intenções e capacidades de uma equipe que está oculta na platéia, a fim de evitar que o público se adapte efetivamente à situação que a equipe planeja executar. Assim, muito embora os professores afirmem que a “cola” não tem como ser evitada, não sabem com certeza de que forma é passada.

É isso que os alunos evitam todo o tempo: confirmar essa certeza. Entretanto, apesar de existirem as panelinhas dentro da sala de aula como um todo, há cumplicidade, porque as panelinhas conhecem as mesmas estratégias, mesmo em espaços diferentes. De acordo com Goffman,

Os colegas partilham de um mesmo destino. Tendo de revestir-se da mesma espécie de representação, chegam a conhecer as dificuldades e pontos de vista uns dos outros. Sejam quais forem suas línguas, vêm a falar a mesma língua social (GOFFMAN, 1985, p. 149).

E enquanto colegas que entram em competição na conquista das platéias possam guardar alguns segredos estratégicos uns dos outros, não podem ocultar muito bem outras coisas escondidas do público. A fachada mantida diante de outras pessoas não precisa ser mantida entre eles; a descontração torna-se possível.

De acordo com Goffman, citando Hughes⁵⁷, esta pode ser uma complexa forma de solidariedade, nela “a confiança mútua não-expressa, que lhes é necessária, baseia-se em duas premissas referentes aos companheiros. A primeira é que o colega não entenderá mal; a segunda é que não repetirá o que ouvir para estranhos” (HUGHES, 1928, apud GOFFMAN 1985, p. 150).

Para que os alunos possam comunicar-se com confiança, devem ser capazes de aceitar como verdadeira boa quantidade dos sentimentos uns dos outros. Devem se sentir tranquilos a respeito de seus silêncios, assim como de suas expressões verbais. E é isso que acontece dentro da sala de aula observada. Por isso concluímos que a “cola” é uma prática social fundamentada na relação de reciprocidade e solidariedade dentro de cada grupo e na totalidade da turma.

Enquanto estávamos na escola presenciávamos um diálogo entre membros de duas panelinhas: “Júnior foi jogar, mas se arriscou ele está com dor de cabeça, pode até morrer”. O outro disse sorrindo: “ele ainda não cumpriu o papel dele, preciso dele pra terminar meus estudos”.

Questionamos aos professores, como era avaliado o ato da “cola”. Eles justificaram explicando que trabalham em condições precárias, no que diz respeito ao número de alunos

⁵⁷ Ver HUGHES, E. C. **Study of a Secular Institution: The Chicago Real Estate Board** (tese inédita de doutorado, Departamento de Sociologia, Universidade de Chicago, 1928).

por sala, e a falta de recursos de apoio pedagógico contribuem para defasagens no ensino, levando muitas vezes o aluno a “colar”. “A escola oferece apenas giz e apagador. A biblioteca oferece poucos exemplares. Os livros enviados pelo Ministério da Educação não correspondem à demanda de alunos. Existe desinteresse por parte dos alunos, poucos almejam a escola por vocação, por isso não valorizam os estudos, muitos vêm estudar obrigados pelos pais ou por causa da bolsa escola”. (Depoimento de alguns professores do ensino fundamental e médio).

No entanto, alguns jovens afirmaram que “a maioria dos professores possuem pouco interesse em saber se as aulas estão sendo eficazes”. “Não dão oportunidade dos alunos avaliarem suas metodologias de ensino” “e alguns estão ensinando porque não tem outra opção, mas não gostam do que fazem” (falas de alunos). E exemplificam: “quando a professora de Biologia pediu que elaborássemos uma redação para opinarmos sobre a pessoa dela e o seu método de ensino, as aulas melhoraram um pouco”.

Percebemos, enquanto elaborávamos nossa pesquisa etnográfica, que atitudes como essas podem promover uma melhora substancial na qualidade da aula, na postura do professor e na interação professor-aluno. E que o instrumento utilizado por ela facilitou a avaliação, ao optar por uma redação anônima, já que não é dado ao aluno o direito de criticar os professores, nem de ajudá-los a elaborar seus planos de aulas. Dessa forma, os alunos ficaram livres para tecer severas críticas. Isso só foi possível porque a avaliação não ocorreu face a face. Numa aula plurigerida não haveria esse tipo de problema, não precisaria de os alunos estarem escondidos atrás do anonimato, escrevendo com letras maiúsculas para não serem identificados. As relações de poder seriam amenizadas e esse diálogo poderia ter ocorrido face a face, sem constrangimentos ou medo de represálias.

Sobre esse ponto, podemos dizer que a estratégia da “cola”, possibilita aos jovens, não se separar dos grupos de afinidade, preservar o status na escola, na família e na comunidade de pertencimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um aspecto importante no nosso trabalho foi a discussão do conceito de juventude para situarmos as especificidades do jovem de áreas rurais que estão cursando o ensino médio. Demonstramos que os jovens passam por dificuldades semelhantes às descritas nos trabalhos pesquisados, elaborados em diferentes regiões do país: começam a trabalhar ainda criança, convivem com a falta de políticas públicas do governo; quanto aos projetos para o futuro, muitos desejam ter uma vida melhor do que a de seus pais, e estudam para poder conseguir um trabalho assalariado. Mas nosso trabalho revelou particularidades, como por exemplo, o desejo dos jovens de permanecer no campo. Esforço que nos ajudou a compreender que a categoria juventude é uma construção histórico-social.

Um fato interessante durante o trabalho de pesquisa precisa ser destacado. As entrevistas com os jovens e seus pais foram utilizadas como oportunidade de denúncia. Os pais aproveitaram para criticar a falta de condições adequadas no campo, como transporte diurno e noturno, assistência médica, água tratada. Também relataram a ausência de cursos profissionalizantes de nível médio, direcionados para formação dos jovens das classes populares e o caráter elitista das universidades públicas, nas quais ingressa um número bem maior de estudantes cujos pais possuem um maior poder aquisitivo, pois, estudando em instituições privadas de ensino, adquirem um maior capital cultural que contribui para obterem sucesso no vestibular.

Nos momentos de encontros com os pais, percebemos nos apertos de mão, nos abraços, principalmente das mães dos jovens, uma esperança de que a pesquisa contribuísse para tornar públicas suas inquietações, especialmente depois que souberam que a pesquisa estava sendo realizada com fins acadêmicos, demonstrando confiança na instituição. Percebemos que o fato de estarmos representando a academia facilitava o acesso à intimidade dos nossos entrevistados. Em alguns casos eram os pais quem nos agradeciam de tê-los procurado.

As visitas ao campo revelaram, entre outras coisas, um forte discurso dos pais a favor da escolarização dos filhos e da participação dos jovens no processo produtivo e na intermediação das famílias com a cidade, já que precisam estar nela todos os dias da semana para estudar. Mas revelaram, especialmente, uma relação muito estreita entre pais e filhos enquanto interagem nos trabalhos exteriores e interiores as suas casas. Nesse processo de interação, os pais transmitem para os filhos valores morais e éticos que os

preparam principalmente para saberem agir com o outro de forma respeitosa e humilde, esquivando-se dos conflitos, para assim serem bem aceitos nos grupos por onde circulam.

Na escola, o comportamento dos jovens rurais pode ser compreendido através do habitus interiorizado no espaço familiar, em especial durante a socialização primária, o que os tornam mais propensos a obedecer às normas e às regras da escola, sem, no entanto, os impedir de dar diferentes significados à instituição. Na hora do recreio e das aulas vagas, eles os transformam em espaço de diversão, comércio, camaradagem e até de namoro, transgredindo essas regras.

Entretanto, o comportamento dos jovens rurais na escola, representado pelos professores e direção, como os mais interativos, esforçados, obedientes e fáceis de conduzir, compreende outras razões específicas, tais como: 1º) timidez em expressarem-se publicamente 2º) não saberem seus direitos e temerem formular reivindicações infundadas; 3º) temerem represálias dos professores; 4º) não causarem uma má impressão aos professores e direção da escola; 5º) estarem mais interessados no diploma do que em aprenderem os conteúdos, porque a meta é concluir os estudos no ensino médio; 6º) o ensino médio não corresponde à forma de saber interiorizado no campo, na qual teoria e prática são indissociáveis; 7º) os conteúdos não estarem direcionados para seus projetos para o futuro, pois mais interessante para eles seria um curso profissionalizante, salvo raras exceções, que contribuisse para uma maior probabilidade de arranjar um emprego.

A escola, da forma como se apresenta hoje, é um espaço de contradições entre o habitus do jovem rural, onde o saber é baseado no ver-aprender-fazer, e a metodologia de ensino que distancia teoria e prática, muitas vezes sem ao menos explicar o objetivo dos conteúdos e as suas necessidades na vida dos alunos.

Em meio a essas contradições, três formas de interação foram observadas na sala de aula, com o objetivo de evitar a reprovação para não perder os colegas e não se ridicularizar perante a comunidade escolar, a família e os companheiros da escola:

1ª) interação professor-aluno-aluna: existem professores que, fugindo à constância do padrão demonstrado pelos demais, tentam diminuir a distância mantida entre teoria e prática na escola, fazendo aproximações com a vida real e considerando a cultura e o tempo dos alunos. Percebemos que essa metodologia proporciona uma melhor absorção dos conteúdos programáticos, resultando em melhores notas.

2ª) interação do aluno de melhor coeficiente com a turma: o estudante de melhor coeficiente é utilizado para manter a máscara de toda a turma, ele é bom jogador de

futebol, muito estudioso, amigo, consegue dialogar com os professores e é o melhor coeficiente da sala de aula. Por causa dele, do que ele representa, a turma é respeitada em toda a escola pelos educadores, diretor e pelos colegas de outras turmas.

3ª) interação através da “cola”: essa é uma forma de interação capaz de manter todo o grupo coeso. Para colar, eles organizam-se em “panelinhas”. As “panelinhas” possuem regras de solidariedade e reciprocidade que prevalecem até mesmo se os professores separarem os membros dos grupos. O fundamental nas “panelinhas” é o silêncio que impede os educadores saberem como e de que forma ela se processa dentro da sala de aula. Muito embora eles desconfiem que os jovens colem.

Em síntese, podemos dizer que os jovens rurais possuem suas identidades marcadas pelo habitus interiorizado no grupo de socialização primária, que influencia suas maneiras de ser, de agir e interagir nos grupos por onde circulam, mesmo tendo incorporado outros habitus nos grupos de socialização secundária, como a escola, a igreja e os grupos de amigos.

A escola reforça o comportamento do jovem rural, considerado como pacífico e fácil de conduzir, porque uma convivência isenta de conflitos e cobranças no espaço escolar facilita o andamento da programação curricular anual.

Este trabalho não foi fácil de realizar porque envolveu ao mesmo tempo dois espaços de pesquisa: a escola onde realizamos a etnografia, *locus* principal, e a zona rural onde realizamos visitas e entrevistas para observar como os jovens vivem no grupo familiar. Mas valeu a pena, pois muito descobrimos sobre os jovens: que em seus sonhos para o futuro um curso superior não é prioridade, em primeiro lugar querem um trabalho; que estão fora das políticas públicas do governo, pois as poucas que chegam ao município ficam com os jovens da zona urbana; que são criativos para superar as defasagens existentes no processo ensino aprendizagem na escola, a exemplo da cola; que não se afastariam do sítio, caso tivessem melhores condições de vida; que possuem necessidades de assistência à saúde e a transporte de forma mais adequada ao espaço de residência e que a escola de ensino básico, apesar dos diversos planos elaborados para elevar a qualidade do ensino, ainda apresenta grandes questões que precisam ser debatidas. A cola, por exemplo, é um fato que precisa ser discutido nas famílias e dentro das escolas. A cola pode ser um indicador importante, de que a escola precisa rever suas metodologias de ensino e também considerar a opinião dos estudantes, seus principais interessados. As boas notas obtidas por meio de “cola”, produz resultados irreais no sistema educacional como um todo, que pode

comprometer o Plano de Desenvolvimento da Educação Básica, já que o IDEB é obtido através das taxas de aprovação mais a nota da Prova Brasil.

Esperamos ter cumprido com nosso propósito inicial e que essa pesquisa possa provocar muitas discussões sobre a situação do jovem rural, especialmente com relação ao processo educativo na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W. **Cenas Juvenis: Punks e Darks no Espetáculo Urbano**. São Paulo: Ed. Página Aberta Ltda., 1994.

_____. **Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo**. In: *Retratos da Juventude no Brasil: Análise de Uma Pesquisa Nacional*. Instituto Cidadania, São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, Helena W. e BRANCO, Pedro P. M. **Algumas Reflexões e Muitas Indagações sobre as Relações entre Juventude e Escola no Brasil**. In: *Retratos da Juventude Brasileira*. Instituto Cidadania, São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOVAY, R. *et. al.* **Os Impasses Sociais da Sucessão Hereditária na Agricultura Familiar**. Florianópolis: Epagri; Brasília: NEAD, MDA, 2001.

ALBUQUERQUE, Maria das Neves Rodrigues. **A Resistência aos PCN entre as Educadoras do Grupo Escolar José Cordeiro da Silva, Queimadas (PB): Habitus e Lutas Simbólicas**. Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais – UFCG, Campina Grande, Paraíba, 2006.

_____. **Queimadas em versos: uma cidade em desenvolvimento**. Literatura de cordel. Gráfica Martins, Campina Grande, Paraíba, 2005.

ANTUNIASSI, Maria Helena Rocha. **Trabalhador Infantil e Escolarização no Meio Rural**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983, Coleção Agricultura e Sociedade.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BECKER, Daniel. **O Que É Adolescência**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999, Coleção Primeiros Passos.

BERGER, Peter L. **A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. Petrópolis, Vozes, 1974.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004a.

_____. **A Juventude É Apenas Uma Palavra**. In: _____. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero Ltda. 1983.

_____. **Educação e Sociedade**. Revista Quadrimestral de Ciência da Educação, São Paulo: Editora Cedes, 2002.

_____. **Escritos de Educação**. 3. ed. Petrópolis – RJ: Ed. Vozes, 2001.

_____. **Goffman, o Descobridor do Infinitamente Pequeno**. In GASTALDO, Edson. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004, p 11 a 12.

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004b.

_____. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. [et. al.] **A Miséria do Mundo**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação Como Cultura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

_____ In Silva, Wanda. **Sertão de jovens: antropologia e educação**. Petrópolis, RJ: Cortez, 2004.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia da Adolescência: Normalidade e Psicopatologia. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1994..

CARNEIRO, M. J. Juventude Rural: Projetos e Valores. In: *Retratos da Juventude Brasileira.* Instituto Cidadania, 2005.

_____. **O Ideal Rurbano: Campo e Cidade no Imaginário dos Jovens Rurais.** In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. *et. al. (orgs.). Mundo Rural e Política.* Rio de Janeiro, Campos/Pronex, 1998.

CARROCHANO, Maria Carla e NAKARRO, Marilena. Jovens, Mundo do Trabalho e Escola. In: SPOSITO, Maria Pontes (org.). *Estado do Conhecimento.* s. l. 2000, p. 96 a 137.

CASTRO, E. G. Entre Ficar e Sair: Uma Etnografia da Construção Social da Categoria Jovem Rural. Pós-Graduação em Antropologia Social. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2005.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. Juventude e Escola. In: SPOSITO, Maria Pontes (org.). *Estado do Conhecimento.* s. l. 2000, p.67 a 95.

_____. **Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em [http:// www2.camara.gov.br](http://www2.camara.gov.br). Acessado em janeiro de 2008.

DURSTON, John. Juventud Rural Excluída em America Latina Reducindo la Invisibilidad. XXI Congresso Latino Americano de Sociologia. São Paulo, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GASTALDO, Édison (org.). **Erving Goffman: Desbravador do Cotidiano**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos – LTC, 1988.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. São Paulo: Difel, 2000.

GUERRA, Lemuel Dourado. **O Método do Professor Provocador e a Reivenção do Espaço de Sala de Aula**. In: *ARIÚS*. Revista de Ciências Humanas. Universidade Federal de Campina Grande, Centro Humanidades: Campus Campina Grande – PB. N.º 1, Volume 12, jan/jun 2004, p 44 a 51.

HEREDIA, Beatriz Maria Alasia de. **A Morada da Vida: Trabalho Familiar de Pequenos Produtores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Série Estudos sobre o Nordeste, Volume 7).

JORGE, Alessandra. **Terror do Professor, Cola É Mantida entre Estudantes**.

Disponível em <http://www.ita.br/online/2005/itanamidia05/nov2005/vale13nov05.htm>.

Acesso em jul. 2007.

KALOUSTIAN, Sílvio Mandug. **Família Brasileira: A Base de Tudo**. São Paulo: Cortez; Brasília – DF: Unicef, 1994.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola Rural: Urbanização e Políticas Educacionais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, Ariosvaldo Alves de. **Cola na Escola: Será que Um Dia Terá Um Fim**. Disponível em <http://www.grupoempresarial.adm.br> Acesso em 19 jan. 2006.

LOPES, Antônio Carlos Ferreira. **Queimadas, seu Povo, sua Terra**. 3. ed. Queimadas – PB: Gráfica Cópias e Papéis, 2006.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Objeto, Método e Alcance desta Pesquisa**. In: *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Editora Abril, 1978.

MANNHEIM, K. **O Problema da Juventude na Sociedade Moderna**. In: BRITTO, Sulamita de. (org.). *Sociologia da Juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e Tradicionalismo: Estudos sobre as Contradições da Sociedade Agrária no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1975.

MARTINS, Vicente. **Escola, Cola e Aprendizagem**. Disponível em <http://www.eduqnet.net/escolacola.htm> Acesso em 01 jun. 2007.

MATTA, Roberto da. 1978. **O Ofício do Etnólogo ou Como Ter “Anthropological Blues”**. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política: Livro I**. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MARX, Karl e ENGELS, F. **O Manifesto do Partido Comunista**. 2. ed. Rio de Janeiro: Cátedra, 1987.

MENEZES, Marilda Aparecida de. **A Situação dos Jovens em Assentamentos Rurais.** Relatório Acadêmico Sintético. N.º do Processo CNPq 500793/2003-4. Universidade Federal de Campina Grande, 2006a.

MENEZES, Marilda Aparecida de. **Juventudes Rurais do Nordeste: Trabalho, Migrações e Movimentos Sociais. Projeto de Pesquisa.** CNPq-Edital MCT/CNPq 02/2006a – Processo N.º 483900/2006-0. CNPq/ Universidade Federal de Campina Grande, 2006b

_____. **Relações entre Pais, Mães e Filhas(os) em Famílias Camponesas: Memórias de Infância.** In: *Teoria & Pesquisa*. São Paulo: Departamento de Ciências Sociais – CECH. Universidade Federal de São Carlos. N.º 49. jun/dez 2006c, p. 89 a 112.

Menezes, M.A. **Reciprocidade e Campesinato: Uma leitura de James Scott, Enrique Mayer, Antonio Candido e Emilio Willems.** IN Polifonia do dom P. H. Martins e R. B. C. Campos. Recife. ED. Universitária UFPE, 2006d, p. 209 a 233.

_____. **Redes e Enredos nas Trilhas dos Migrantes: Um Estudo de Famílias de Camponeses Migrantes.** Rio de Janeiro: Relume Dumará; João Pessoa: Ed. UFPB, 2002a.

_____. **Memórias de infância de mulheres e homens camponeses.** Trajetos: revista de História UFC, Fortaleza, vol.2, nº. 3, 2002b. p. 195 a 207.

NASCIMENTO, Kelli Faustino do. **O Trabalho das Crianças nas Famílias Camponesas: Assentamento Chá do Balsamo.** Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Campina Grande – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Setembro, 2003.

NOGUEIRA, Maria Alice.; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu e a Educação.** 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2006.

NOVAES, José Roberto. **Trabalho Infantil: Educação Através das Imagens**. Vídeo Documentário. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pró-Reitoria de Extensão, 1998.

PORTAL QUEIMADAS. [Http: /www.portalqueimadas.com.br](http://www.portalqueimadas.com.br)

RODRIGUES, A. T. **Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

RODRIGUEZ, Janete Lins-coord. **Cartilha Paraibana: aspectos geo-históricos e folclóricos**, João Pessoa, GRAFSET, 1993.

RODRIGUES, Melânia. **Na Letra da Lei: O Ensino Fundamental**. João Pessoa: Ed. Universitária, 1999.

SILVA, Marcelo S. **Entre o Bagaço da Cana e a Doçura do Mel: Migrações e as Identidades da Juventude Rural**. Dissertação de Mestrado: Campina Grande, PPGS-UFCG/UEPB, 2006.

SILVA, Vanda. **Sertões de Jovens: Antropologia e Educação**. Petrópolis – RJ: Cortez, 2004.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo, Ática, 1983.

SPOSITO, Marília Pontes. **Estado do Conhecimento: Juventude e Escolarização**, 2000. Disponível em <http://www.aracati.org.br> Acesso em 19 jan. 2006.

_____. **Juventude: Crise, Identidade e Escola**. In: DAYRELL, Juarez. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

STROPASOLAS, Valmir Luís. **O Mundo Rural no Horizonte dos Jovens: O Caso dos(as) Filhos(as) de Agricultores Familiares de Ouro (SC)**. Florianópolis, UFSC, 2006. (Tese de Doutorado).

VELHO, Gilberto C. **Observando o Familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

WANDERLEY, M. N. B. **Juventude Rural**. Relatório de Pesquisa, CNPq, 2006.

WEISHEIMER, N. **Os Jovens Agricultores e seus Projetos Profissionais: Um Estudo de Caso no Bairro de Escadinhas**. Feliz – RS, Porto Alegre, UFRS. Dissertação de Mestrado, 2004.

ANEXOS

ANEXO I

QUESTIONÁRIO ABERTO I

NOME: _____ IDADE: _____

1 – Onde você mora? _____

2 – Quantos irmãos você tem? _____

3 – Qual seu lugar de nascimento? (1º, 2º, 3º ou 4º filho?)

4 – Como você ajuda em casa? _____

5 – Você tem mãe e pai vivos? _____

6 – De que seus pais vivem? _____

7 – Qual a renda total que sustenta sua família? _____

8 – Em que transporte você vem para escola? _____

9 – O que você mais gosta de fazer no seu cotidiano? _____

10 – Tem algum amigo(a) seu(sua) que estuda na sala de aula? E na escola?

11 – Qual seu sonho de consumo? _____

ANEXO II

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS JOVENS

1 – Vocês gostam de viver no campo? _____

2 – Vocês trabalham fazendo o quê? _____

3 – Vocês se entendem com os seus pais? _____

4 – Como eles mais ajudam vocês? _____

5 – Quais os pontos positivos e negativos de morar no campo?

6 – Conte como é o seu dia-a-dia na zona rural? _____

7 – Qual a diferença do jovem que estuda e mora no campo e do jovem que estuda e mora na cidade? _____

ANEXO III

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS PAIS

1 – Como é sua vida cotidiana com seus filhos aqui no campo? _____

2 – Qual a participação do trabalho dos jovens nas tarefas de casa e do roçado?

3 – Qual a diferença de educar os filhos na cidade e no campo? _____

4 – Os jovens gostam do trabalho no campo? _____

5 – Existe conflito entre vocês e os seus filhos (moças e rapazes)? _____

6 – Vocês dialogam muito com os filhos? O que discutem? _____

7 – Vocês acham certo ou errado os jovens ajudarem nos trabalhos da família no campo? _____

ANEXO IV

QUESTIONÁRIO ABERTO II

1 – O que é juventude para você? _____

2 – Para você, o que é zona rural? _____

3 – Você gosta de morar na zona rural? Por quê? _____

4 – Você acha que existe diferença entre os jovens da zona rural e os jovens da zona urbana? Cite algumas.

5 – Na sua opinião, quem aprende mais os conteúdos que a escola ensina: os jovens da zona rural ou os jovens da zona urbana? Por quê?

6 – Você gosta de estudar? _____

7 – Descreva o que é a escola para você.

8 – Por que você escolheu esse horário para vir à escola? _____

9 – O que você mais gosta na escola? E o que menos gosta?

10 – Já percebi que a sala de aula do 2º ano se divide em alguns grupos. Em qual grupo você participa mais? _____

11 – Dentro dos grupos eu já pude perceber que há ajuda na hora das provas e dos trabalhos. Se um membro do seu grupo se negar a ajudar o outro, o que acontece com o que não quis ajudar? _____

12 – Você tem intenção de cursar o ensino superior? Por quê? _____

13 – Onde você pretende viver no futuro? Por quê? _____

14 – É possível realizar no campo os seus projetos profissionais? Por quê?

ANEXO V

PERFIL DOS PAIS

1 – Idade do pai e da mãe.

2 – Escolaridade do pai e da mãe.

3 – Principal atividade do pai e da mãe.

4 – Se é agricultor(a), qual a forma de acesso à terra?

() pequeno proprietário () morador

() rendeiro () outro: _____

5 – Religião do pai e da mãe.

6 – Local onde moram os pais.

7 – Onde moravam os pais, antes de se casarem? _____

8 – Número de filhos e idades:

Mulheres: _____

Homens: _____

9 – O que desejam para seus filhos? _____

10 – Como os pais ajudam os jovens? _____

11 – Como é o relacionamento entre os jovens e seus pais? _____

12 – Os jovens ouvem os conselhos dos pais? Por quê? _____

13 – Os jovens ajudam os pais de que maneira? _____

14 – Só os rapazes trabalham na roça? Ou as moças também? _____

ANEXO VI

ENTREVISTA AOS PAIS

Entrevista N°. 1: Pai de Adriana.

Data: 15/11/07

Duração: 60 min.

N: Nevinha

P: pai

M: mãe

N. *Conte um pouco sobre a sua vida na juventude com relação ao trabalho na agricultura e a educação formal.*

P.: Meu pai educou a gente trabalhando. Trabalhei muito na agricultura. Depois de casado, eu fui para São Paulo. Na cidade grande a gente sente a falta que faz o estudo. Depois de um tempo lá, eu voltei e fiz aquele curso. É... o Supletivo. Agora você imagine. Se o estudo seriado, indo todos os dias à escola ainda, é precário. E o supletivo, que em um ano eu fiz o segundo grau (Ensino Médio). (silêncio)

Mas, mesmo assim, eu quero lhe dizer que esse estudo, mesmo precário, mudou minha vida. Com ele eu voltei pra São Paulo e arranjei um emprego melhor e é por causa dele (do 2º grau) que hoje eu tenho o meu trabalho de agente de Saúde. Foi através dos estudos que me abriu a cabeça e me ajuda a conhecer e entender melhor as coisas, eu já consegui melhorar muito o lugar aqui (Malhada Grande – Queimadas – PB). Isso aí não tinha (apontou com o braço para a associação de moradores que conseguiu para a comunidade). O meu trabalho tem melhorado muito a vida das pessoas aqui. É pena que esse povo daqui da comunidade não saiba votar. Nós temos um dos municípios com maior número de moradores e ainda não fizemos um vereador nosso, para defender nossos interesses. É preciso ter consciência política pra poder mudar as coisas. (Um pequeno silêncio e ele retoma). Sabe, falar lá do gabinete é fácil. É fácil mandar as pessoas serem de algum jeito. Fazer isso, fazer aquilo. Mais eu... eu botei a mão na massa, eu preparei marmitta com essas mãos (ergue as mãos para a pesquisadora). Quando eu terminei o Supletivo, queria fazer vestibular. Era o meu sonho. Mas eu não tinha nem o dinheiro de fazer a inscrição (um pequeno silêncio).

Naquela época, Tião (ex-prefeito de Queimadas, já falecido) me deu o dinheiro da inscrição. Eu fiz, mas não passei (silêncio).

A gente sabe que é precário o ensino público. Eu sei que as chances da minha filha (Adriana) passar no vestibular são muito pequenas.

As pessoas na escola particular são mais preparadas (silêncio). E aí eu fico pensando: A escola, ela devia preparar o jovem desde cedo. Terminou o Ensino Fundamental, tudo bem. Entra no Ensino Médio e os professores não se preocupam em ir direcionando aquele jovem, e aí, olhe, termina o Ensino Médio: tinha namorado e acabou, porque o rapaz acha muito longe vir da rua para cá; não tem uma profissão; não tem uma perspectiva de vida, de futuro – eu sei por que aconteceu com minha filha mais velha (silêncio). É para o jovem enlouquecer, se for imaginar essa situação (pequeno silêncio).

No Ensino Médio era para ter uma escolha. Quem tem habilidade para isso, para aquilo. E o jovem poder fazer curso profissionalizante, ter uma profissão.

O trabalho é o que dá sentido à vida do homem (pequeno silêncio).

N: *Como é a sua relação com as suas filhas?*

P.: Eu digo às minhas filhas todo dia: Saibam respeitar, aproveitem as oportunidades (pequeno silêncio). A educação que dou a minhas filhas prevalece. São pessoas de caráter. Nunca recebi uma reclamação de nenhuma (pequeno silêncio). Vou lhe dizer uma coisa: se o pai souber educar, ensinando o que é certo e o que é errado, mesmo que tenha influência do mundo lá fora, porque elas têm que conviver com pessoas de estilos diferentes, mas a educação primeira é a que fica (esboçou um leve sorriso e completou), se ela for bem dada, ela é a que fica (pequeno silêncio).

Mais ainda sobre o vestibular, há muitos que esbarra antes da porta. Não têm nem o dinheiro da inscrição. Como é que vai custear as despesas depois de entrar lá, se passar? Porque a preparação na escola pública, como já lhe disse, é muito deficitária. E não é só por parte dos professores ou diretor, não. É a própria estrutura, os carros. Tem dias que o ônibus sai daqui (de Malhada Grande) com sessenta pessoas, os alunos já chegam lá muídos. Tudo isso atrapalha o aprendizado. E eu fico pensando na minha filha que o ano que entra termina o Ensino Médio. (A conversa durou por mais tempo, mas não foi gravada e o assunto não era relevante para a pesquisa).

Entrevista Nº. 2: Mãe de Thaíse e Gutierre.

Data: 12/10/07.

Duração: aproximadamente 70 min.

N: *como é sua vida cotidiana com seus filhos aqui no sítio?*

M: a vida aqui no sítio é boa, mas muito difícil. Nós temos que nos esforçar muito para criar os filhos direitinho. Com os meus filhos mais velhos eu fui mais dura. Hoje eu me arrependo, cheguei a ser cruel às vezes. Mas é graças a essa educação rígida, que impunha limites e horários a cada um, que eles são o que são: sabem viver no mundo. E isso para mim é muito importante. Quando eu era jovem não entendia meus pais quando exigiam que tivéssemos responsabilidades, que aprendêssemos desde cedo a trabalhar no roçado, ajudar em casa e principalmente respeitar os outros. Hoje eu sou grata a eles porque sou uma pessoa de bem. E com os meus filhos vai ser a mesma coisa: um dia eles vão agradecer a eu e ao pai deles. Olhe! Ainda hoje o pai impõe a Gutierre que volte antes das dez horas da noite para casa, quando ele sai com os amigos à noite. A vida é assim: a gente só sente gratidão pela boa educação que teve, quando está mais maduro. Olhe Nevinha, às vezes dói mais na gente do que neles as coisas que a gente faz, mas é preciso castigar os filhos enquanto é cedo, oferecer-lhes trabalho cotidianamente para aprenderem a controlar seus gênios. Embora hoje eu reconheça que sou uma pessoa muito melhor. Pelo menos eu não bato mais nesses mais novos, porque nos mais velhos eu bati muito. Hoje não, a gente conversa mais. É que as coisas são diferentes. Hoje a gente recebe mais informação, aprende a ter mais paciência. Mas também meus filhos são pessoas calmas, graças a Deus.

N. *Qual a diferença de educar os filhos na cidade e aqui no campo?*

M. Olhe! Depende dos pais. De como os pais educam os filhos. Na rua, podemos dizer que existe mais liberdade. E é por causa desse excesso de liberdade, que os jovens e as crianças acabam deixando até a escola, que é tão importante para eles. Mas aqui no sítio, se os pais não forem cuidadosos e exercerem sua autoridade com os filhos, eles acabam fazendo o que querem, ficando preguiçosos, abandonando a escola. Aqui na vizinhança existem casos assim. Mas aqui não. Eu sou mais compreensiva, mas continuo a exercer minha autoridade de mãe. Os pais precisam orientar seus filhos, mesmo que às vezes seja preciso retirar deles algumas coisas que eles gostem ou até ameaçá-los de alguma forma, porque já possuem mais experiência tendo em vista o aprendizado acumulado pelos anos vividos. Um dia desses aconteceu uma passagem que pode exemplificar o que eu estou lhe dizendo. O meu sobrinho que mora no Rio de Janeiro, veio passar um ano conosco. Certa vez, o menino não queria ir para a escola e eu lhe disse: os que não quiserem ir para escola e resolverem ficar em casa, irão pegar as ancuretas d'água no açude. Mas não teve demora, o menino se arrumou num instante e foi com os primos (Thaíse e Gutierre) para o colégio. Às vezes não é preciso estar batendo, é só saber lidar com eles para que eles não deixem principalmente de estudar.

N. *Porque você se preocupa tanto com a educação dos seus filhos? Você estudou?*

M.: Eu sou merendeira. Eu gosto muito de trabalhar, mas chegou meu tempo de parar e eu deixei para as outras mais novas. Não estudei muito e sei que os estudos fazem falta, por isso insisto para os meus filhos estudarem. No meu tempo era tudo muito difícil, a gente tinha que trabalhar duro ajudando os pais, mas não era só isso (não completa a frase). Hoje é melhor, tem carro para levar a rua, as coisas são mais fáceis (um pequeno silêncio). Gutierre é doido para ir ao Rio de Janeiro para junto dos irmãos, mas eu não quero que ele vá, nem os irmãos dele também. Primeiro, porque ele é "os pés e as mãos" do pai, que tem problemas de saúde e não pode fazer esforço. Segundo, porque precisa terminar pelo menos o 2º grau, porque a pessoa sem estudo é enganada pelo mundo afora, difícil de

arranjar um emprego de carteira assinada. Hoje é preciso estudar para conhecer as coisas do mundo, para conseguir uma vida melhor. Embora eu reconheça que a vida aqui no sítio é muito difícil para algumas coisas. (pensa um pouco). Olhe a semana passada meu irmão piorou – porque tem câncer – eu fiquei aqui doida, sem saber o que fazer. Não tem aqui nenhum socorro médico e transporte. Só lá na pista. Foi aí que Gutierre, que graças a Deus sabe dirigir, pegou a moto e saiu atrás de um carro para socorrer o tio. Se não fosse ele, eu não sei o que teria acontecido. Aí eu o botei no carro e toquei para Campina Grande, graças a Deus ele está vivo. (Nesse momento ela observava a cena de dois vizinhos passando em uma carroça de boi carregando água e comenta): tá vendo aqueles ali? A mãe não se importa, eles estão sem estudar. Eu acho muito errado, nesse tempo o pai tem que ficar “em cima” dos filhos, não deixar desistir da escola de jeito nenhum.

Entrevista Nº. 3. Pai de Cláudio.

Data: 12/10/07

Duração: 60 min.

N: *Conte sobre o seu cotidiano com sua família aqui no sítio.*

P.: Eu sou filho de agricultores. Gosto de trabalhar na terra, cuidar dos animais. O meu pai educou a gente no trabalho. Eu não pude estudar, por isso aos dezesseis anos resolvi ir para o Rio de Janeiro para viver uma vida melhor. Mas as coisas não são do jeito que a gente pensa não, e quando eu cheguei lá fui trabalhar de manobrista, ganhava muito pouco. Depois fui trabalhar na construção com os meus primos que já estavam no Rio. Nesse trabalho o salário era melhor. Mas eu não tenho o que reclamar do meu pai. Ele me ensinou a viver no mundo. E essa é a maior lição que eu passo para os meus filhos. Não tem dinheiro que o homem tenha que sirva se ele não souber viver no mundo, respeitar os outros, saber entrar e sair nos lugares. Para mim é obrigação dos pais ensinar aos filhos como se comportarem no mundo: comer do suor do seu rosto, do seu trabalho, respeitar os outros sem distinção, não pegar no alheio, não mentir ou enganar ninguém. No tempo do meu pai era assim: se não aprendesse pelo conselho aprendia pela pancada. Mas eu não precisei apanhar muito do meu pai não. Com os meus filhos eu sigo o exemplo do meu pai, mas meus filhos não me dão trabalho, eu digo as regras e eles atendem. E estão aí, são muito amados onde quer que eles cheguem. Eu digo a você: quando a educação na infância é boa, não precisa dos pais viverem preocupados com os filhos, pois onde eles estiverem são boa gente. Eu acho errado o descuido dos pais com os filhos, pois a missão dos pais é educar os filhos e quando isso não acontece, fica por conta do mundo, é por isso que se cria aí os drogados e os desordeiros. (pequeno silêncio).

N. *Seus filhos ajudam no trabalho de casa e do roçado?*

P. Todos aqui trabalham. Botar os filhos para trabalhar desde cedo para eles conhecerem as dificuldades da sobrevivência é muito importante. Eles aprendem a dar valor à vida. Não pode ser só um nem só outro, é dar conselho e dar trabalho.

N. *Qual a diferença de criar os filhos na cidade e no sítio?*

P. É a liberdade grande demais na cidade. Aqui tem tempo de ir para a escola, poder se divertir e ir às festas. Mas os meus filhos sabem que é preciso saber andar no mundo, escolher as pessoas com quem andar, para não se meter em complicação. Amigo ruim é uma desgraça para a pessoa e a diferença da educação no campo e na cidade é que a gente ensina isso aos filhos e também ocupa o tempo deles. Na rua fica tudo ali naquelas turmas de amigos, e um leva o outro para o mau caminho. Hoje eu não preciso nem está dizendo faça assim, cuidado com isso. Hoje que já estão rapaz e moças não precisa nem de eu estar lembrando isso. (um pequeno silêncio). Olhe eu digo a você que a maior riqueza que um pai dá para seu filho é a educação e eu não estou falando só da leitura não. Olhe, para quem tem coragem não falta trabalho. Eu estou falando de ensinar a viver no mundo, isso é melhor do que possuir inúmeros bens econômicos e não ter caráter.

N. *Mas o que o senhor acha da escola?*

P. A escola é importante. Cláudio tem que estudar, mas não é só por causa de emprego. O estudo faz falta é para andar no mundo, principalmente nas cidades grandes. Porque se vem um ônibus, enquanto a gente tenta lê aquelas letras do itinerário vão meia hora. O ônibus vai embora e o cara não lê. O estudo faz a gente fazer as coisas mais rápidas, ler placas, os itinerários dos ônibus. Só foi nisso que a falta de estudo me atrapalhou: a andar no mundo.

Entrevista N°. 4. Pai de Júnior.

Data: 15/07/07

Duração: 40 min.

N. *Como é sua vida aqui no sítio com sua família?*

P.: A vida aqui no sítio não é muito fácil, mas é uma vida tranqüila. Aqui a gente vive da agricultura e eu tenho uma profissão de medidor de terra, que me dá uma renda extra. Eu só estou triste porque meus filhos não querem me acompanhar e essa profissão tão importante vai morrer comigo. Tá vendo essa casa (fez sinal com a cabeça), essa terra (apontou para o terreno que envolve a casa), é tudo fruto do meu trabalho. Esse trabalho rende muito dinheiro! (pequeno silêncio).

N. *O senhor estudou?*

P.: Estudei pouco, o suficiente para fazer conta, mas esse estudo foi muito importante para meu trabalho.

N. *O senhor acha que a educação na escola é importante?*

P.: A educação hoje é tudo (faz um pouco de silêncio que é interrompido por sua esposa).

M.: Eu faço tudo pra Júnior estudar. Ele quer ir embora, mas eu sei o quanto sofre sair daqui sem ter estudo. Ele se aperreia porque não tem as coisas do jeito que ele quer. Ele sonha em comprar uma moto, porque o celular o irmão mandou um para ele do Rio de Janeiro. Mas ele precisa entender que eu e meu esposo fazemos o possível e por enquanto, que Júnior não terminou o segundo grau e o curso de computação, que eu estou pagando para ele fazer em Queimadas nos dias de sábado, precisa ajudar em casa, já que todo mundo precisa comer e vestir. (pequeno silêncio). Eu não posso privilegiar Júnior, não tem um melhor do que o outro, eu ajudo a todos os meus filhos até aos que já estão casados, se precisar. Mas eu dou o dinheiro do leite a ele, porque ele é rapaz e não pode andar liso. Se não ajeitar ele, ele vai embora sem terminar os estudos. Eu não me importo que ele vá, porque no Rio tem emprego. Mas em primeiro lugar estão os estudos.

N. *A senhora estudou?*

M.: Bem pouquinho, mas eu sou inteligente, eu me viro. De vez em quando eu vou para o Rio visitar meus filhos e arranjo trabalho lá. Só é complicado para pegar ônibus, porque eu não consigo ler os itinerários, mas eu marco às vezes os motoristas, os cobradores, ou alguma coisa, pra eu não me confundir. Se o trabalho for perto de onde eu estou, eu vou a pé.

N. *O que vocês acham da escola hoje?*

P.: A escola hoje é muito diferente. É muita liberdade. Quando tinha a palmatória e o castigo, a pessoa estudava e aprendia mesmo. Hoje com essa liberdade muito grande, se aprende muito pouco. Os estudantes são muito desinteressados. No meu tempo, a gente trabalhava na enxada, ajudava os pais, mas quando ia para escola era para aprender mesmo, era o cansaço no corpo, mas a cabeça atenta porque se não soubesse a tabuada tinha que levar palmatória.

N. *Como é a relação entre vocês dois e seus filhos?*

M.: Eu respeito muito meus filhos, converso muito com eles. Quando eles saem, eu vou até ali perto do curral (aponta a estrada) e digo: capriche! Já disse lá na escola que se errar, pode castigar! E para todo lugar que eles vão eu recomendo a eles para andar direito.

N. *Júnior ajuda nas tarefas do cotidiano?*

M.: Muito pouco. Júnior não gosta de trabalho pesado. (júnior que durante a entrevista permanecia calado, olha para mãe com desaprovação).

M.: Mas ele ajuda no roçado, cuida do gado e corta palma.

Entrevista Nº. 5 Seu Geraldo.

Data: 17/11/07

Duração: 45 min.

N: *Seu Geraldo me fale um pouco sobre sua vida no campo e como é sua vida nos dias de hoje com seus filhos.*

S. Geraldo: Eu nasci na pobreza. Meu pai vivia da agricultura. Mesmo depois de vir morar aqui, ele continuou botando roçado como foreiro de alguns donos de terra daqui de Queimadas.

O meu pai educava a gente com uma hora de brincar, outra de trabalhar e outra de estudar. Ele (o pai de Geraldo) incentivava muito para gente estudar, eu e meus irmãos.

Mas não tinha condição financeira e abandonei a escola no segundo ano do 2º grau para trabalhar nas firmas.

Trabalhei em várias empresas do Distrito Industrial de Campina (Campina Grande, cidade próxima a Queimadas).

Na regra do meu pai, quando a gente era pequeno, era primeiro o trabalho.

Hoje eu tento passar isso pra os meus filhos (silêncio).

A minha esposa faleceu o ano passado, de um tumor, ela também tinha açúcar no sangue e acabou falecendo. (Os olhos de Seu Geraldo brilham, mas rapidamente ele se contém controlando a lágrima).

Então aqui, todos ajudam nas tarefas. Cada um tem a sua. Inclusive os meninos, que ajuda na arrumação da casa, na cozinha (silêncio).

Eu tô desempregado agora. Tá difícil cuidar dos sete filhos sozinho, três moças e quatro meninos. Mas elas me ajudam a cuidar da casa e dos pequenos (silêncio).

Eu pego bico, faço de tudo. Não tenho vergonha de trabalhar de servente. Mais a pensão por morte que recebo da minha esposa e a Bolsa-Família – que era Bolsa-Escola – e mais os bicos que faço dá para viver direitinho. Como pobre. (um pequeno silêncio).

Às vezes, as meninas pedem alguma coisa e eu não posso dá. Mas elas entendem (pensa um pouco).

A mais velha já ganha sessenta reais por mês, ensinando numa escolinha e já me ajuda. (silêncio).

No meu tempo, trabalhava na roça de manhã e de tarde ia para escola. Quando dava a hora de ir para escola, a gente dava graças a Deus.

O recreio era uma alegria. Quando não tinha aula, era um Deus nos acuda, fazia uma falta danada (silêncio).

As coisas são assim Nevinha, quem não trabalha, não tem vontade de estudar. (pequeno silêncio).

Hoje você vê, os estudantes têm tudo, merenda, transporte, mas vai à escola só pra badernar, (pequeno silêncio) alguns.

Aqui é diferente. Eu educo meus filhos do jeito que fui educado. Não deixo viver em rua e converso muito com eles. Quando sai, eu digo: Tal hora é para voltar e eles (fez um ar de riso), principalmente elas (olhou para as filhas) me atendem.

Entrevista Nº. 6 Dona Aparecida.

Data: 18/11/07

Duração: 40 min.

N. Fale um pouco de sua vida e da vida com sua família nos dias de hoje, principalmente sobre trabalho e estudo.

D. Aparecida: No sítio eu estudava pela manhã. Quando chegava em casa, ia pegar água, cortar palma ou ajudar na cozinha. No meu tempo, tinha horário para tudo. O tempo de estudar, o de ajudar em casa e o de brincar.

Eu brincava de boneca de pano, bruxa de pano. Mas eu gostava mais era de fazer para dar de presente às outras meninas, do que para mim.

O que eu gostava mais era de juntar o gado juntamente com o meu pai no pasto. Andar de jumento, de cavalo, pegar galinha pra vender mais o meu pai, fazer a feira com ele.

Hoje eu crio os meus filhos do mesmo jeito. Cada um tem sua obrigação. São todos responsáveis. Ajudam em casa, estudam, brincam ou assistem televisão. Os mais velhos já terminaram o ensino médio, mais tiveram que parar os estudos para me ajudar nas despesas da casa. Eles trabalham fazendo bico nas lojas comerciais da cidade, aqui em Queimadas.

Eu criei meus filhos assim e criei bem a todos (silêncio).

Eu sou mãe que pensa assim: Sou amiga dos filhos, mas a amizade só vai até não atingir o meu lugar de mãe.

Olhe, a minha vida foi muito boa e é muito boa. Porque eu acho que, o que é vida boa é ter uma vida tranqüila, ter saúde, conviver bem, ter sossego.

Sempre entendi, quando não pude ter as coisas e nunca me revoltei contra meus pais. Eu via as dificuldades deles (reflete um pouco).

Hoje só dou aos meus filhos o que eu posso dar. E eles entendem. (pequeno silêncio).

Eu sou mãe e pai e vou lhe dizer: a coisa pior do mundo é duas educação (pequeno silêncio). Sim, porque a gente não educa os filhos falando, não. A gente educa fazendo, dando o exemplo. Por isso eu me separei do meu marido. (silêncio).

Aqui, olhe, eu digo: Não faz isso! Tem que ser assim! E é aquilo. As vezes eu deixo ir pra alguma festa, mas digo logo: Tal hora é para está aqui. E eles chegam.

Às vezes, quando eu vejo que não dá, eu digo não vai, não!

Sabe às vezes o coração dói e até eu me arrependo, mas sustento a minha palavra. Porque é assim olhe: filho não pode perceber que tem fraqueza. (reflete um pouco).

E sozinha eu educo meus filho e nenhum bebe, nem fuma. Às vezes eu tenho que conversar sério, às vezes eu tenho que dividir o pouco que tenho com os quatro que ainda não têm dinheiro. Por exemplo: ele (apontou para o filho) chegou dizendo que tinha uma calça em Seu Fernando (dono de uma loja de roupa na cidade) de cinquenta reais, bem bonita. Mas eu disse: Meu filho, cinquenta tem que comprar a roupa pra quatro. E ele entendeu. Só tem uma coisa que eu não admito aqui: é mentira. Aqui todo mundo tem que falar a verdade, porque se eu perder a confiança... (pequeno silêncio). Aí eles sabem que a coisa fica feia. Confiança não se pode perder...

ANEXO VII

POEMAS

POEMA N.º 01 - JUVENTUDE: QUEM EU SOU?

Há um imenso dilema
Em torno dessa idade
Mas aos poucos vou saindo
Dessa invisibilidade.

Enquanto estou me firmando
Envolto em mil discussões
Para alguns sou salvadora
Para outros, transgressões.

Para alguns sou só palavra
Sou indeterminação
Dependência, ambigüidade
Sou marginalização.

Sou isso e sou muito mais
Aventura, esperança
Força revitalizante
Capaz de trazer bonança.

Mas não sou igual para todos
Pois sou reciprocidade
O que eu penso, o que faço,
É reflexo da sociedade.

Na cidade sou diversão
Bate-papo nas pracinhas
Sou turminhas de amigos
Bolinhas ou Luluzinhas.

No campo eu sou coragem
Muito esforço todo dia
Sou força sou resistência
Sou também sabedoria.

Mas pra todos sou igual
Tempo de dúvidas, de medos,
De aproveitar a vida
De preparar-se “prum” emprego.

(POEMA ELABORADO PELA PESQUISADORA, A PARTIR DE TEXTOS DE
BOURDIEU, MANNHEIM E SPOSITO)

POEMA N.º 02 - ASSIM APRENDI A SER

Me aceite como sou
Assim aprendi a ser
Posso não ser do seu jeito
Mas do meu posso viver

Aprendi plantar na terra
Também saber esperar
Compreender que às vezes
O tempo pode enganar

Tantas sementes plantei
E na terra ela secou
Porque a chuva não veio
No tempo que se precisou

Mas eu aprendi também
Que não se deve desistir
Outro dia a chuva vem
Fazendo a planta surgir

Esse processo divino
Que vivi junto aos meus pais
Criou bem dentro de mim
Uma cultura a mais

Sou muito mais paciente
Que muitos de hoje em dia

Só preciso que entendam
A minha filosofia

Sou igual a qualquer jovem
Da minha faixa de idade
Durmo e sonho os mesmos sonhos
Anseio a felicidade

Mas meu habitus é diferente
Do rapaz da grande cidade
Aprendi que o melhor de tudo
É ser feliz de verdade

Por isso não quero muito
Quero o básico pra viver
Sei que as minhas condições
Impedem de muito crescer

Quero estudar um pouquinho
Pra um emprego arranjar
E poder comprar pra mim
Uma moto e um celular

Se eu conseguir isso aqui
E uma graninha pra gastar
Nunca vou sair daqui
Esse é o melhor lugar

(VERSOS ELABORADOS PELA PESQUISADORA A PARTIR DE DIÁLOGOS Com
DE JOVENS)

POEMA N.º 03 -OS SIGNIFICADOS DA ESCOLA

Vivo em uma grande labuta
Trabalhando todo dia
Vir à escola pra mim
É uma grande alegria.

Nela eu estudo, brinco, ando
Com amigos que conquistei
Aprendo as novidades
Que eu sempre desejei.

Mas muito bom na escola
É o sexo oposto encontrar
Namorar, beijar na boca.
Paquerar, se apaixonar.

Gosto de ver o recreio
Gente pra todo lugar
Pessoas em busca de sonhos
De sua vida mudar.

A escola para mim
Tem duas conotações
Preparar para o futuro
Proporcionar interações.

POEMA N.º 04 -ANGÚSTIAS DE UM JOVEM

Tô numa fase difícil
De tanta incompreensão
Pensam que entendo tudo
E não me dão atenção.

Não percebem minhas carências
Angústias e necessidades
Vão me dizendo o que fazer
Ditando as prioridades.

Esquecem de observar
Tantas particularidades
E preparam os conteúdos
Visando as igualdades.

Às vezes sinto vontade
De da escola sair
Jogar tudo para o alto
Nunca mais voltar ali.

Mas quero viver melhor
Do que viveram os meus pais
Vou criando, inventando
Pra não ficar para trás.

Se o professor for bom
E direitinho ensinar
Sei que eu passo de ano
Não vou me preocupar.

Se ele for meio enrolado
Quiser me prejudicar
Só tem uma solução
Fazer grupinhos e colar.

Professor bom para mim
É o que consegue unir
A teoria com a prática
Ensinar e divertir.

Quando isso acontece a escola
É prazerosa demais
Os jovens todos desejam
Frequentá-la sempre mais.